

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADE**

JACKSON JACQUES

**QUANDO EU PENSO EM CASA, PENSO NUM LUGAR DE AMOR:
SOBRE VIVÊNCIAS DE CASAS DE ACOLHIMENTO LGBTQ+**

NITERÓI



2022
JACKSON JACQUES

QUANDO EU PENSO EM CASA, PENSO NUM LUGAR DE AMOR:
sobre vivências de Casas de Acolhimento LGBTQ+

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidade (PPCULT), da Universidade Federal Fluminense (UFF), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades. Linha de pesquisa: Fronteiras e Produções de Sentido.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Silva Enne

NITERÓI
2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

J19q Jacques, JACKSON
QUANDO PENSO EM CASA, PENSO NUM LUGAR DE AMOR : SOBRE
VIVÊNCIAS DE CASAS DE ACOLHIMENTO LGBTQ+ / JACKSON Jacques. -
2022.
115 f.: il.

Orientador: ANA LUCIA SILVA ENNE.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Casa. 2. Minoria sexual. 3. Acolhimento. 4. Gênero. 5.
Produção intelectual. I. ENNE, ANA LUCIA SILVA, orientadora.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



Nº150

Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado

Aos trinta e um dias do mês de outubro de dois mil e vinte e dois às 15:00, em sessão remota (on-line), excepcionalmente, em decorrência da Portaria n.º 36 de 19 de março de 2020 da CAPES, reuniu-se a Comissão Examinadora designada na forma regimental pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação / Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades, para julgar a dissertação, orientada pelo(a) professor(a) Ana Lucia Enne, apresentada pelo(a) aluno(a): **Jackson Jacques da Silva Couto**, sob o título: “**QUANDO EU PENSO EM CASA, PENSO NUM LUGAR DE AMOR: SOBRE VIVÊNCIAS DE CASAS DE ACOLHIMENTO LGBTQ+**”. Requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades, área de concentração em Cultura e Territorialidades. Aberta a sessão pública, o(a) candidato(a) teve a oportunidade de expor o trabalho. Em seguida, o(a) candidato(a) foi arguido oralmente pelos membros da Banca, que, após deliberação, decidiu pela:

- X Aprovação.
- Aprovação “com restrições”; “com exigências”; “com sugestões da banca”; “condicionada” (vide verso).
- Reprovação.

Nos termos do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação desta Universidade, foi lavrada a presente ata, lida e julgada, conforme vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

Prof.ª. Dr.ª. Ana Lucia Enne (Orientadora - Presidente da Banca)
(UFF)

Prof.ª. Dr.ª. Flávia Lages de Castro
(UFF)

Prof.ª. Dr.ª. Adriana Facina Gurgel do Amaral
(UFRJ)

Obs.1 : esta ata constitui exclusivamente um comprovante de defesa de dissertação, requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense, não substituindo, como documento oficial, a declaração de conclusão de Mestrado dada pela Secretaria do PPCULT somente após o cumprimento de todos os demais requisitos e entrega, em até 60 dias após a defesa, de duas cópias impressas e uma em CD dentro das especificidades formais indicadas pela Secretaria.

Obs. 2: justifica-se a participação remota de três membros na banca referente ao artigo 2.º da Portaria n.º 36 de 19 de março de 2020 da CAPES: “Art.2.º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação”.

*Para todas, todos e todes que ainda não
encontraram suas casas e não se sentiram
totalmente acolhidos nesse mundo.
Espero que esse texto seja um carinho.*

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é como uma casa, literalmente. Precisou de muito apoio para ser posto de pé: gente que atuou como alicerce, sempre acreditando que seria capaz de finalizar e entregar o melhor possível, mesmo com uma pandemia global no meio do caminho; gente que ajudou mandando link dizendo que lembrou de mim ou que abria um sorriso quando eu explicava o que eu estava querendo escrever. São muitas pessoas e eu posso esquecer alguém, mas vou tentar lembrar de todos.

Em tempos em que perdemos tantas pessoas, agradeço primeiramente estar vivo para poder chegar até aqui. Como verão neste trabalho, além do risco pandêmico, o psicológico também não ajudou.

Agradeço à minha família nuclear, meus pais - Edilene e Roberto - e minha irmã - Jaqueline. É por vocês e graças a vocês, sempre. Obrigado por todo o suporte, por sempre perguntarem “e os estudos?”, por serem o meu acolhimento e a minha segurança em um momento tão caótico. Obrigado por se orgulharem de cada micro-passo que eu dou em qualquer direção da minha vida, com a certeza de que vocês estarão sempre me apoiando e querendo meu melhor.

Obrigado a Werner Rehm, que construiu um novo sentido de lar para mim durante todos esses anos. Fico extremamente feliz de estar vivenciando uma nova experiência de casa e habitar com você e nossos dois gatinhos carentes e famintos. Obrigado por não me deixar desistir, mas respeitar que tiveram dias em que eu não consegui (e tá tudo bem). Obrigado por ler, opinar e me ouvir mudando de ideia sobre cada parágrafo, cada vírgula e cada ponto final. Com você, eu me sinto em casa.

Obrigado a Ana Enne por ter sido o maior acontecimento acadêmico da minha vida. Você sempre fez eu me sentir acolhido dentro dessa correria da Universidade e me mostrou que a gente pode construir relações e viver a academia com afeto e carinho (principalmente por nós mesmos). Obrigado por puxar orelha chamando carinhosamente de “esquisito”, por mandar áudio pra brincar e tirar minha cabeça do caos, por me receber (ainda que virtualmente durante esse Mestrado) sempre de braços abertos pra um abraço e terminar cada encontro nosso com fofocas. Você é uma inspiração cotidiana pra mim, te amo (e vou cobrar a viagem prometida).

Obrigado a Flávia Lages e Adriana Facina, que fizeram parte da construção deste trabalho-casa. Chegaram com as paredes erguidas da qualificação e de maneira calma, conversada e carinhosa, me acalmaram sobre os rumos dessa

pesquisa. Não posso deixar de citar o fato curioso de ter conhecido ambas em um casarão rosa - o IACS -, ouvindo vocês ensinando ou palestrando, o que é sempre um prazer. Obrigado por toparem chegar à reta final deste trabalho-casa para ver toda a estrutura de pé, paredes pintadas e os móveis no lugar. Obrigado por não terem reparado a bagunça.

Sou feito de famílias de escolha e de diversas casas que me atravessaram e por onde deixei partes de mim e da minha história. Acho que a escolha de falar sobre casa, também parte dessas tantas vivências, cheias de gente incrível que eu levo comigo na prateleira de memórias do meu corpo-casa. Obrigado a Beatriz Augusto, Camila Vitória, Clara Taranto, Cláudio Guignoni, Débora Moraes, Érica Brito, Fernanda Coutinho, Gabriel Faria, Isabela Carvalho, Júlio Contarini, Luiza Carvalho, Lívia Mengue e Rhaiany Soares.

Aos amigos que sempre fizeram das minhas casas, acolhimento, e sempre se sentiram confortáveis e amados (vocês são) comigo. Obrigado por sempre me querer bem, mesmo que vocês me chamem pra tomar uma cerveja quando eu tava com o prazo dessa dissertação no meu pescoço. Obrigado Ana Carolina Lima, Andreia Cunha, Bia Póvoa, Claudia Nascimento, Gabriela Castrioto, Hyury Duarte, Ingrid Paes, Ingrid Vianna, Isa Boechat, João Victor Leite, Juliano Coelho, Júlio Godoy, Neto Borges, Taissa Reis, Talissa Rodino e Teodoro Azevedo.

Obrigado ao Jackson do passado, por ter acreditado ser possível, por ter tentado e não ter desistido de um mestrado depois de alguns processos mal-sucedidos ou depois de uma pandemia global.

RESUMO

Esta pesquisa trabalha a autoetnografia de um pesquisador homossexual afeminado, falando sobre a instituição casa e os usos habituais e alternativos deste espaço. Pensando a casa como vida privada, segurança e também como violência e medo, com foco em pessoas LGBTQ expulsas de suas casas. Discorrendo sobre a problemática do direito à cidade e da negação de acesso aos espaços à pessoas LGBTQ, o objetivo desta pesquisa é desenhar um conceito para casas de acolhimento LGBTQ, levando em consideração as apropriações feitas em torno da casa e do lar. Observando espaços já instituídos e autodenominados casas de acolhimento LGBTQ, como a Casa Nem, Casinha Acolhida, Casa 1 e Casa Chama, busca-se responder o que caracteriza uma casa de acolhimento LGBTQ, entendendo suas relações com as cidades, com a sociedade e com a política brasileira. Este trabalho é, acima de tudo, uma narrativa pessoal, sobre muitos.

Palavras-chave: LGBTQ, *queer*, casas de acolhimento, territórios, direito à cidade

ABSTRACT

This research works on the autoethnography of an effeminate homosexual researcher, talking about the institution “home” and the usual and alternative uses of this space. Thinking of home as private life, security and also as violence and fear, focusing on LGBTQ people who were expelled from their houses. Discussing the issue of the right to the city and the access denial to spaces for LGBTQ people, the objective of this research is to design a concept for LGBTQ shelters, taking into account the appropriations made around the house and home. Observing spaces already instituted and self-styled as LGBTQ shelters, such as Casa Nem, Casinha Acolhida, Casa 1 and Casa Chama, the goal is to answer what characterizes an LGBTQ shelter, understanding its relations with cities, with society and with Brazilian politics. This work is, above all, a personal narrative, about many.

Keywords: *LGBTQ, queer, shelters, territories, right to the city*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: “UMA CASA NÃO É UM LAR”	1
A visão de fora, a fachada, o que uma casa aparenta ser. Destrinchar o objeto casa, a partir do conceito técnico da estrutura e dos usos tradicionais da construção arquitetônica em si. Os diversos tipos de casa e os conceitos de senso comum atrelados à casa. Pensar a visão burguesa que institui o que hoje chamamos de casa, de acordo com a disposição de cômodos, a ocupação por uma família nuclear. Casa como oposto da rua. Quem tem direito à uma casa?	
CAPÍTULO 1: “O MEU LUGAR”	14
Bem-vindo! Tira os sapatos e não repara a bagunça. A casa da família. A vida privada. A casa enquanto primeiro lugar em que nos conhecemos, criamos raízes e crescemos. A casa enquanto refúgio e estrutura de segurança. A necessidade de proteger. A casa enquanto um bem. A casa enquanto sufoco. A casa enquanto ambiente desgastante pelas relações familiares abusivas. O medo de estar em casa. A sensação de não poder ser você mesmo em casa. O meu lugar. A ideia de conforto em outros espaços que se assemelham às suas expectativas. A vontade de sair de casa e ter o seu lugar, a sua casa. A ideia de que só se torna adulto quando se sai de casa para viver a sua vida. LGBTQ expulsos de casa. A violência doméstica. O abuso psicológico principalmente com pessoas travestis, transexuais e transgênero.	
CAPÍTULO 2: “EU VOU FAZER DESTE LUGAR A MINHA CASA”	31
Hora de receber as visitas e fazer sala. A heteronormatividade. A passabilidade do uso da cidade para pessoas dentro da heteronormatividade. O direito à cidade. Próprio e Apropriar-se. As diversas casas. Alternativas de formas de morar. Quilombos, Cortiços, Pensões, Orfanatos, Terreiros, Casas de Ballroom. O início de um conceito para casa de acolhimento LGBTQ.	
CAPÍTULO 3: “NÃO ME FALTA CASA, SÓ FALTA ELA SER UM LAR”	50
A cozinha é o coração da casa. Onde se reúne, se agrega e se cria. Casas de acolhimento enquanto heterotopias. Sobrevivências, resistências e esperanças. As casas de acolhimento: definição do conceito a partir da desconstrução dos tipos de moradias alternativas; exemplos práticos de casas de acolhimento LGBTQ como a Casa Nem, a Casinha Acolhida, a Casa 1 e a Casa Chama. Casas de acolhimento e modelos de funcionamento no país. Desamparo político e econômico para estes projetos.	
CONCLUSÃO: “SUA CASA NÃO TE DEFINE (VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR)” ...	81
PUXADINHO: “EU CONSTRUI UMA CASA PARA MIM”	85
No quarto tudo é íntimo. Um desabafo sobre a pesquisa. A pandemia e a produção.	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

INTRODUÇÃO

“UMA CASA NÃO É UM LAR”¹

*“eles nem imaginam o que é
perder seu lar e talvez
nunca mais encontrar outro”*
(Rupi Kaur, 2017)

O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQ² no mundo. Por mais que eu queira e pense em iniciar a minha escrita de outra forma, essa é uma informação que esbarra com a minha pesquisa e com a minha vivência enquanto um homem gay cotidianamente. De acordo com o último “Relatório Anual de Morte LGBTI+” realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2021 foram registradas 300 mortes violentas de pessoas LGBTQ no Brasil; isso nos dá uma estatística de que, a cada 29 horas, um LGBTQ se torna uma vítima (OLIVEIRA e MOTT, 2022). Esse número coloca o Brasil à frente de países do Oriente e África onde ainda persistem penas de morte contra pessoas LGBTQ. Segundo WAREHAM (*apud* OLIVEIRA e MOTT, 2020, p. 13), “mais da metade dos LGBT assassinados no mundo ocorrem no Brasil”.

É em meio a um cenário crescente, e cada vez mais estável, de truculências contra LGBTQ, que surgem projetos dedicados ao amparo destes indivíduos marginalizados em risco, cujas vidas correm perigo ou que sofrem tamanha invisibilidade a ponto de suas existências causarem sofrimentos psicológicos tais como sentimento de culpa, transtornos de ansiedade e depressão (BORRILLO, 2010).

Através desta pesquisa, buscamos conceituar e referenciar instituições de acolhimento temporários para indivíduos LGBTQ, que entenderemos, a partir de agora, enquanto casas de acolhimento LGBTQ. Partindo de um histórico referencial sobre o alicerce da casa e seus diversos usos e apropriações ao longo do tempo, e

¹ Trecho e título traduzido da música “*A House is not a Home*”, de Hal David e Burt Bacharach. Ficou conhecida na voz de Luther Vandross.

² Acrônimo que representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Queer. Por não haver uma conformação quanto à sigla a ser utilizada, tendo ressignificações e apropriações de acordo com a parcela de indivíduos do movimento que a utilize, optamos por acompanhar, prioritariamente, a definição feita pela GLAAD (*Gay & Lesbian Alliance Against Defamation*) através do Guia de Referência da Mídia em 2016: LGBTQ. Pontuamos, no entanto, que no trabalho irão surgir outras variantes comuns: LGBTQIAP+ (sigla normalmente utilizada em redes sociais), LGBTI (utilizada pela ONU), LGBTI+ (utilizado pelo Manual de Comunicação LGBTI+ da Aliança Nacional LGBTI) ou LGBT (conforme tirado na II Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos em 2011).

abordando estudos de direito à cidade e conceitos de propriedade e apropriação, objetivamos identificar características comuns que nos ajudarão a definir o que é uma casa de acolhimento LGBTQ e como funcionam na sociedade e no recorte territorial da cidade.

Baseado em uma escrita autoetnográfica (ver ELLIS, *et.al.*, 2011), que me insere enquanto sujeito narrativo e narrador desta pesquisa, além de mesclar referências não acadêmicas e subjetivas, pensei esse trabalho como uma visita aos diversos espaços de uma casa e às relações que estabelecemos com eles.

Decidi fazer uso da autoetnografia como uma forma de (r)existir enquanto pesquisador. Sinto medo de que falas como a minha e de muitos outros, que ocupam os Programas de Pós-Graduação de ciências sociais, artes, comunicação e outras áreas correlatas, sejam apagadas. Como Anzaldúa (2000, p. 232), “escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever histórias mal escritas sobre mim, sobre você”. E mais do que falar sobre mim e sobre os meus, sinto a necessidade de falar para os meus. Romper com o tradicionalismo da fala acadêmica que não chega, que não alcança e que não dialoga. Desta forma, farei uso de abordagens lúdicas que permitirão com que as temáticas enfocadas em cada capítulo sejam costuradas enquanto conheceremos esse trabalho-casa. Além disso, os capítulos serão nomeados com trechos de músicas sobre casa, lar e a minha vivência nesta pesquisa.

Proponho justamente um diálogo; ou um desabafo, que seja, entremeado de conceitos e dados que afirmam “que tenho valor e que o que tenho a dizer não é um monte de merda” (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Esta é uma pesquisa atravessada por uma pandemia global³. É uma pesquisa que perde a troca do dia a dia, o afeto de uma sala de aula e a vivência de um programa de mestrado pleno. É uma pesquisa adaptada, de sobrevivência, de resistência na produção acadêmica da forma menos prejudicial possível. É uma pesquisa que desencadeou uma série de ansiedades e que, por muitas vezes, me fez querer desistir. Acho importante pontuar isso não por acreditar que esses fatores

³ Refiro-me à pandemia referente à COVID-19, que assolou o Brasil e o mundo nos anos de 2020 e 2021, com cuidados necessários como isolamento e distanciamento social, uso de máscara facial, higienização de compras, higienização das mãos com frequência, uso de álcool 70%, testagem e, por fim, vacina.

tenham prejudicado a qualidade do trabalho, mas para salientar que, apesar de tudo, essa pesquisa (r)existe.

Para entrarmos na nossa casa-objeto, preciso explicar de onde eu parto. Roberto DaMatta (1997) assemelha um livro a uma casa e é a partir desta ideia que surge a divisão de capítulos-cômodos desta pesquisa.

Um livro é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada e até mesmo cozinha e porão. Suas páginas iniciais, como aquelas conversas cerimoniais que antigamente eram regadas a guaraná geladinho e biscoito champanhe, servem solenemente para dizer ao leitor (esse fantasma que nos chega da rua) o que se diz a uma visita de consideração. Que não repare nos móveis, que o dono da morada é modesto e bem-intencionado, que não houve muito tempo para limpar direito a sala ou arrumar os quartos. Que vá, enfim, ficando à vontade e desculpando qualquer coisa... (DAMATTA, 1997, p. 11)

Sendo assim, para iniciar a apresentação desta pesquisa, convido quem a lê a embarcar no trajeto narrativo que começa antes mesmo de entrar em casa. Antes de abirmos essa porta, existe um quintal ou jardim. Existe a fachada, a pintura e a grama verde que dá inveja ao vizinho. Existe a calçada e a rua que ainda tem as cores apagadas de uma bandeira do Brasil pintada na copa de 2010. É por aqui que começamos o nosso tour por esse trabalho-casa.

Casa e moradia são temáticas clássicas de pesquisas das ciências sociais brasileiras. Desde trabalhos de Gilberto Freyre, como “Casa-Grande & Senzala” (1933) e “Sobrados e Mucambos” (1936), a temática da habitação nos serve para evidenciar as marcas da desigualdade de classes no Brasil. A partir disso, trazer a especificidade de uma população LGBTQ, que tem a sua orientação sexual como motivação da hostilidade, da dificuldade em habitar ou de fazer um lar, é também uma forma de marcar um problema geral de difícil acesso à moradia como espaço de segurança e acolhimento do nosso país; algo que, historicamente, atinge também populações pobres, negras e rurais⁴.

Sendo assim, é importante também localizarmos, socialmente, qual espaço é esse que chamamos de casa. Por mais que busque falar de lugares múltiplos, que sejam alternativas e verdadeiras escapatórias, o padrão de casa e lar do qual eu parto neste trabalho diz respeito a uma concepção burguesa: a casa enquanto habitação familiar nuclear, acolhedora, com certa disposição de cômodos, na lógica de habitar e

⁴ O modelo de casa rural que pertence a um latifundiário, onde se mora de favor e que gera um vínculo de obediência entre a pessoa moradora e o dono da casa, a partir de uma necessidade de habitação.

enfeitar. Importante também destacar que outros modelos de habitação que vão contra essa lógica burguesa existem na história da sociedade, inclusive ocidental, tais como tribos, clãs, seitas, mosteiros, conventos, entre outros. Mas, como falo de uma pesquisa autoetnográfica, parto da experiência burguesa de casas e apartamentos pelos quais eu já passei para tentar montar essa narrativa quebra-cabeça.

Mas, afinal, se eu falo em casa, qual a imagem que vem à sua cabeça? Quem tem direito a uma casa? Onde fica a casa imaginária que estou montando através desta minha narrativa construída? Se eu te peço pra fechar os olhos e imaginar a família que ocupa esta casa, ela seria um lar ou apenas uma casa? A partir dessas provocações, iniciarei a nossa visita guiada e também o referencial histórico do objeto casa. Através deste *tour* que proponho criar, responderei sobre as minhas casas e onde elas se posicionam na minha história e na minha geografia pessoal. Afinal, “a casa representa para os indivíduos seus valores sentimentais, suas lembranças e recordações. Esse é o canto do mundo em que nos encontramos... sem ela, seríamos seres isolados” (BACHELARD, 2000 *apud* NERY, 2011, p. 21).

Todas as minhas memórias de casa começam na infância. Criado em uma casa de quintal acimentado, aprendendo a andar de bicicleta (e caindo logo em seguida, rasgando o pulso no muro chapiscado e deixando marcas). Casa com um piso branco na cozinha, que ficou marcado de sangue quando eu fui fingir ser o homem-aranha, cai de queixo no chão e descobri que era hemofílico depois de tanto sangue. Casa que esteve presente na hora de brincar com a minha prima, fazendo comidinha, usando as bonecas Barbies e Suzys como filhas e sendo repreendido porque “isso não é coisa de menino”. Casa onde eu cresci, sentado na porta pra rua, conversando com os vizinhos, vendendo doces e fogos de artifício, brincando de escolinha no quintal, transformando-o em quadra de vôlei nas férias ou acompanhando meus pais sentados em cadeiras de praia pra ver a lua e beber uma cervejinha, quando tive idade. Casa que reúne a família, que vira lugar de festa e churrasco em qualquer data comemorativa, com todo mundo falando muito alto e com a mesa de primos que adoram falar mal das outras pessoas da família.

Casas lúdicas como o Sítio do Picapau Amarelo, que fez parte da minha infância, quando eu estudava à tarde e podia tomar café da manhã vendo todos aqueles personagens. Casas que estiveram presente no processo de acessar as

tecnologias dos anos 2000 através de jogos de simulação como The Sims⁵ e SimCity⁶. Casa do vizinho, onde brincava de pique-esconde com todas as crianças da rua e sempre era achado primeiro, porque sentia vontade de ir ao banheiro em poucos segundos após ouvir o “lá vou eu”. Casa de Vó, que sempre teve cheiro de bife acebolado, mesmo que o almoço dela fosse frango (e até hoje ninguém nunca soube explicar como isso funciona). Casa do meu padrinho, onde eu passava todas as férias escolares e comia pão com ovo no café da manhã dos domingos. Casas que foram sendo deixadas para trás, para buscar as minhas “casas próprias”, onde eu pude finalmente ser eu mesmo, lidar com pessoas diversas e viver novas experiências.

Assim, entendendo que sou feito de tantas casas e que, também, são elas que motivaram, ainda que intrinsecamente, a escolha deste trabalho, buscarei trabalhar o senso comum do termo casa ou mesmo do que é um lar. Demonstrarei o olhar mais superficial do que acontece no interior da casa; sua construção enquanto base estruturante e habitacional de uma família, local de aprendizado, segurança e acolhimento, dentre outros conceitos atrelados a esse espaço. Trazendo referencial teórico, discuto a construção deste modelo habitacional burguês supracitado enquanto este padrão estabelecido; o lugar do feminino, do cuidado (casa) em contraposição com a violência, o vulgar (rua).

Para o capítulo 1 (“O meu lugar”), estamos na entrada. Capacho na porta, chaves girando na fechadura e a maçaneta que range ao abrir. Se não estiver com a chave, tem um chaveiro reserva que fica escondido atrás do vaso de plantas no chão do lado direito. Aqui, começo a trabalhar a casa enquanto território: o nosso primeiro lugar no mundo, as histórias de família e onde se fincam raízes. A figura da casa em contraposição à rua. O objetivo aqui é trabalhar estas construções simbólicas que fazemos em torno da casa; a casa enquanto um bem imóvel, propriedade; a casa enquanto sufoco, desgastada pelas relações familiares; a sensação de que casa é outro lugar, onde você pode ser você mesmo, que cumpre as suas expectativas; a vontade de “sair de casa”, de ter a sua própria casa.

E tudo bem que às vezes o capacho fica sujo de terra ou o carro deixa rastro na entrada da garagem. Para quebrar com os sentidos comuns apresentados, finalizo

⁵ Jogo multiplataforma que simula a vida real e permite que o jogador crie personagens que se assemelham (ou não) consigo mesmo, crie casas e viva experiências como relacionamentos, casamento, vida universitária, entre outros.

⁶ Jogo de simulação estratégica onde o jogador constrói e administra uma cidade, levando em consideração suas construções e atentando às demandas da sociedade e seus conselheiros.

o capítulo colocando as problemáticas que podem acontecer dentro de casa. A violência doméstica, o abuso psicológico e físico e a expulsão de pessoas LGBTQ de seus lares - principalmente indivíduos transvestigêneres⁷.

No capítulo 2 (“Eu vou fazer deste lugar a minha casa”), é hora de fazer sala, servir um café, jogar conversa fora de maneira casual (ainda que o papo seja desconfortável ou apenas prazeroso). Enquanto você passa o olho pelos retratos ou repara na mancha que o copo d’água fez na mesa de centro improvisada, eu vou tagarelado pra te distrair e manter seu interesse o suficiente nesta casa.

Aqui me aprofundarei em conceitos como o direito à cidade de Lefebvre (2001) e Barbosa (2018), comunidades de compartilhamento, próprio e apropriar-se de Certeau (1998), além de apresentar diversas formas de habitações coletivas de uma casa. Passarei pelos quilombos, cortiços, pensões, orfanatos, terreiros e - buscando um recorte próximo às pessoas LGBTQ - as casas de *ballroom*⁸ norte-americanas. Por último, com base nessas apropriações e renovações dos conceitos de casa, lar e território próprio, busco iniciar a conceituação do que é uma casa de acolhimento LGBTQ.

Nenhuma visita estaria completa sem passarmos pela cozinha, por isso, no capítulo 3 (“Não me falta casa, só falta ela ser um lar”), a gente se reúne no coração da casa. Enquanto um cozinha, o outro lava a louça, um terceiro seca e guarda e ainda tem espaço para mais gente se ajeitar para uma fofoca ou duas.

Definindo o conceito de casas de acolhimento, passo a propô-las enquanto uma heterotopia: “espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade” (FOUCAULT, 1986, p.3), a partir do momento que ressignificam a casa; “utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos” (FOUCAULT, 1986, p. 3). Busco apontar, também, para o uso destes

⁷ Para este trabalho utilizarei o termo transvestigênera, criado pela transativista Indianarae Siqueira, criadora do projeto Casa Nem, que abordarei à frente. Este termo contempla “pessoas que se entendem para além de vestes, roupas ou órgãos genitais” e o usarei em substituição aos termos transexuais, travestis e transgêneros. <Disponível em: <https://putaobservatoriotransvestigenera.wordpress.com/quemsomos/>. Acesso em 29 de junho de 2021>.

⁸ A cultura de Ballroom tem início nos anos 60 com a comunidade negra latino-americana LGBTQ, principalmente transvestigêneres. Inicia-se como uma organização de festas temáticas (chamadas de *ball* ou baile, em português) com apresentações que mesclam performances de vogue e desfiles. Com o tempo, sendo considerada uma cultura *underground*, passa a ser um refúgio de aceitação para estes indivíduos, que se agrupam em famílias e casas, construindo seus próprios impérios.

lugares e da cidade como um todo, por estes indivíduos, para quem, muitas vezes, não é permitido o anonimato da presença em um espaço público (BAUMAN, 2009) e a importância da existência destes locais de acolhimento e refúgio.

Além disso, comentarei sobre exemplos práticos de uma casa de acolhimento LGBTQ presente em grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, como a Casa Nem (RJ), a Casinha Acolhida (RJ), a Casa 1 (SP) e a Casa Chama (SP) como forma de trazer à discussão características próprias destes espaços a fim de chegar a um denominador comum que fortalecerá o conceito anteriormente proposto.

Sob a ótica metodológica, como citado anteriormente, estou trabalhando com a revisão bibliográfica acadêmica e não acadêmica acerca da casa e das suas apropriações e também com análises midiáticas sobre a temática. Além disso, insisto em utilizar referências não tradicionais como filmes, séries, poemas e outros materiais que julgo necessários, inclusive para construir a minha relação pessoal com o objeto casa.

Para enfim, quando chegar à conclusão (“Sua casa não te define (você é o seu próprio lar)”), buscar responder às inquietações que me trouxeram até aqui: o que é uma casa? Quem tem direito à casa? O que é uma casa de acolhimento? Qual a importância de projetos deste tipo, sob a perspectiva do movimento LGBTQ? Quais são as trajetórias e territórios de uma casa de acolhimento?

Depois de cumprir todos os protocolos ensaiados e normatizados pela Academia, senti falta de falar abertamente e de maneira livre. Mostrando que casas também são construções múltiplas e que sempre cabe mais um na mesma casa ou naquele terreno da família, proponho um Puxadinho. Desvendando o íntimo, me permito desabar e desabafar com a pesquisa, observando essa nova casa que criei pra mim. No Puxadinho, busco atentar para a falta de apoio e de atenção não apenas para as casas de acolhimento, como para os indivíduos LGBTQ que tanto precisam destes refúgios.

“ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA”⁹: UMA CONSTRUÇÃO PARA INTRODUÇÃO

Que lugar é esse que chamamos de casa? Segundo a definição arquitetônica básica, casa é um edifício voltado para habitação; uma construção de um ou vários andares destinada ao uso por uma família. Além disso, podemos destacar outros usos do senso comum para o termo “casa”: quando se refere à origem de algo ou a territorialidade de alguém, por exemplo.

A casa define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa. Tudo, obviamente, depende de outro termo que está sendo implícita ou explicitamente contrastado. Deste modo, meu quarto (por oposição aos outros quartos) é a “minha casa”. Já na vizinhança, refiro-me à minha casa incluindo na expressão não só a residência em si, mas também o seu jardim e o seu quintal. Mas, se estou no “centro” da cidade, minha casa pode muito bem ser o meu bairro, com todas as suas ruas e jardins (DAMATTA, 1997, p. 16).

Por ora, vou me apegar ao preceito básico da estrutura habitacional casa. Acredito que o primeiro ponto de partida que devemos tratar é que não há casa igual e que, por mais que eu descreva minuciosamente a minha casa no percurso desta pesquisa, ela não é absoluta na definição do que é uma casa. Certeau (1998) vai dizer que o espaço é um lugar praticado, ou seja, caberá ao uso dado ao sítio físico defini-lo e caracterizá-lo. Desta forma, por mais que a estrutura da minha casa seja a mesma, arquitetonicamente falando, do que outras casas burguesas por aí, a forma como eu a habito será diferente da forma como qualquer outra pessoa faz. Para Eugênia Motta (2020), a casa é onde “espaço” e “tempo” se arranjam de uma maneira singular, que pode ser chamada de “cotidiano” (MOTTA, 2020), ou seja, podemos dizer que casa é um lugar comum e recorrente.

Uma vez que o próprio termo casa nos traz a noção de habitação, é normal a associação entre casa e lar e, por isso, peço licença para que a partir de agora quando eu falar de um, esteja diretamente falando do outro. Mas, mais uma vez, questiono: e o que é um lar?

Para Torquato (2013), a casa (e, portanto, o lar) é uma entidade moral, uma categoria sociológica fundamental, assim como a família. E é a partir da família e da

⁹ Trecho da música “A Casa”, música de Toquinho e Vinicius de Moraes.

casa, enquanto âmbito de socialização primária, que teremos contato com os códigos sociais que nos permitirão descobrir e aprofundar outros espaços e universos (IENDRICK, 2019). Em outras palavras, e tentando objetivamente começar a me responder, podemos dizer que um lar, supostamente, é sinônimo de segurança, acolhimento e aprendizado. Motta (2020) vai nos dizer que

Casas são espaços de cuidado, construções materiais, mercadorias, espaços de negócios, lugares imaginados, espaços de construção de familiaridades. Não apenas podem ser, como frequentemente são isso tudo, ao mesmo tempo. E, mais importante de tudo, essas diversas formas de existir estão intrinsecamente conectadas e são interdependentes (MOTTA, 2020, p. 778).

O simbolismo da casa e pela casa é extenso em nossa sociedade. “De casa vêm também casamento, casadouro e casal, expressões que denotam um ato relacional, plenamente coerente com o espaço da morada e da residência” (DAMATTA, 1997, p. 54). Para DaMatta (1997), a sensação de completude ao se “sentir em casa” é conduzida por uma harmonia nas relações (inclusive de nós mesmos com aquele lugar, além das pessoas com quem convivemos), sempre buscando evitar as disputas (DAMATTA, 1997, p. 54).

Assim, quando falamos sobre e olhamos para o conceito de lar (ou casa) burguês, como propomos neste trabalho, é inevitável que olhemos também para o conceito de família, que ganha outras características com o advento da burguesia. “O amor e o casamento, tal como o conhecemos hoje, surgiu com a ordem burguesa, mas só ganhou feição a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante dentro do casamento” (ARAÚJO, 2002, n.p.).

A família burguesa, da forma como conhecemos e entendemos enquanto estrutura nuclear da construção casa, se consolida, no processo de constituição da modernidade ocidental, a partir de um novo entendimento do casamento e da relação instituída entre um casal. Assim, com o entendimento de que o amor, a consensualidade, a paixão e a escolha pudessem fazer parte do casamento - que até o momento servia para alianças, continuidades de linhagens familiares ou enriquecimento -, surge também a lógica por trás da casa enquanto espaço de afeto e amor: o “berço” de consagração desse novo tipo de relacionamento.

Dessa forma, também, a mulher passa a ter novas “funções” dentro da chamada família burguesa. Antes era vista como um dote familiar em uma relação de trocas, negociações e ascensões ou manutenção de linhagens, já no conceito burguês

tem sua figura moldada por um ambiente familiar sólido e acolhedor, filhos educados e dedicação ao marido e às crianças, desobrigada de qualquer trabalho produtivo (D'INCAO, 2006).

Com a emergência da família burguesa e a ressignificação do papel da mulher dentro desta família, a burguesia também reserva para a mulher “novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico” (D'INCAO, 2006, p. 230). A partir disso, temos essa visão da mulher enquanto “dona do lar”. Vale ressaltar, no entanto, que aqui estamos falando da mulher branca, de uma classe social específica e tida como “bem nascida”; para as mulheres negras, escravas, esse papel das atividades domésticas era uma das únicas definições possíveis, à época.

Além disso, a instituição da vida burguesa e o crescimento das cidades urbanas no século XIX traz, também, uma necessidade de exercer a privacidade. Desta forma, o espaço interior da residência se tornou mais aconchegante e marcado pela intimidade, deixando claros os espaços-limite do convívio e o distanciamento social entre essa nova classe e o povo (D'INCAO, 2006). Machado de Assis traz em sua literatura uma nítida divisão, na casa, entre os espaços de representação (salas, espaços de convivência) e o das emoções mais íntimas (o quarto); “uma divisão que marca a separação entre o desejo e a possibilidade de sua manifestação” (D'INCAO, 2006, p. 238).

Essa divisão me faz lembrar daquele filme com a Regina Casé que estava passando esses dias na televisão, “Que horas ela volta?”¹⁰ (2015). Lá a gente vê muito claramente o asco sentido pela família de classe média-alta (na grande maioria das vezes, na figura da mãe) quando a filha da empregada, Jéssica, bagunça com essas divisões se colocando num espaço de representação - onde aparenta-se estar tudo bem com sua presença, ainda que seja verdadeiramente incômoda - e o espaço de intimidade - quando Jéssica se auto convida para ocupar um dos quartos de hóspede da casa e senta à mesa com a família. A dona da casa, em dado momento, chega a pedir à empregada que a filha fique “da porta da cozinha pra lá”, se referindo aos

¹⁰ “Que horas ela volta?” é um filme de Anna Muylaert, lançado em 2015. O filme conta a história de Val (Regina Casé), empregada e babá de uma família burguesa do bairro do Morumbi, um dos mais luxuosos de São Paulo. Treze anos depois, quando Fabinho vai prestar vestibular, Jéssica (sua filha, deixada no Pernambuco) lhe telefona, pedindo ajuda para ir a São Paulo, no intuito de prestar a mesma prova. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, só que, quando ela deixa de seguir certo protocolo social burguês, a situação se complica.

espaços de serviço e reforçando a necessidade de impor esses espaços-limite do convívio.

Essa construção socioespacial da casa burguesa está intimamente relacionada às barreiras e divisões sociais, sendo desde sempre setorizada em área social, íntima e de serviço. A área social é destinada aos moradores e às visitas, enquanto a área íntima é o espaço privativo dos moradores, por onde os empregados circulam somente para servir e limpar. Na área de serviço estão todos os ambientes que garantem que a casa funcione: cozinha, lavanderia, estendal e o dormitório de empregados. (BEIRAL ESTÚDIO, 2022, n.p.)

Importante destacarmos que essa construção socioespacial da casa burguesa é também uma condição que guia a lógica do isolamento social durante a pandemia da COVID-19. Segundo a OMS e o Ministério da Saúde, em casos de infecção pelo vírus, é necessário “reduzir a interação entre as pessoas com objetivo de diminuir a velocidade de transmissão do vírus”¹¹. Ora, a ideia de realizar um isolamento social em cômodos da casa só é possível para o lar burguês: tanto pelo entendimento de um espaço físico para o isolamento, quanto pela certeza de que existirão outros à serviço para que se receba comida, cuidado, etc. (não necessariamente empregados, podendo ser a figura feminina, como veremos a frente).

O filme exhibe de maneira precisa e crítica essa visão entre a família burguesa - que aqui é chefiada por uma mulher, que trabalha fora e possui certo status profissional, mas que ainda assim não é detentora do dinheiro que sustenta a casa e o status social da família - e a pessoa que é “quase da família”, a empregada - uma mulher não-branca e nordestina. No filme, a piscina é um dos elementos mais importantes na arquitetura da casa que auxilia na construção dessa narrativa de segregação. Quando Jéssica é jogada na piscina em uma brincadeira, a patroa e dona da casa, Bárbara, manda esvaziar para limpeza; em cena posterior, para a empregada, ela diz que se tratava de “uma infestação de ratos”.

Outro ponto que me gera interesse a partir do filme é pensar a dicotomia entre o conceito de “dono da casa”, no sentido de proprietário e provedor - muitas vezes, economicamente falando - e comumente ligado à figura masculina da família, e o conceito “dona de casa”, enquanto a figura feminina e matriarcal, no sentido de zeladora e que se torna encarregada de manter o funcionamento da casa. Durante

¹¹ Orientações do Ministério da Saúde na Portaria nº 1.565, publicada em 18 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger>>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

muito tempo, só existia o primeiro: o dono da casa, na figura de reis, senhores feudais, fazendeiros e demais nomenclaturas que deixava claro a propriedade em primeiro lugar.

Como dissemos anteriormente, com a burguesia e as novas atribuições da mulher no espaço doméstico, surge o conceito de dona de casa. Neste segundo conceito, o que se destaca é a autoridade. Na minha experiência familiar (e tenho certeza que de muitos outros), a ordem vinha da minha mãe; ainda que ambos trabalhassem fora e ocupassem cargos similares numa mesma empresa, era ao meu pai quem eu não deveria importunar. Muito disso, claro, motivado também pelo peso da figura da maternidade, que é mais cobrada das mulheres.

Com o passar do tempo, o termo dona de casa deixa de designar a matriarca de uma casa burguesa ou de classe média e se torna apenas uma forma de interligar a mulher à casa e seus afazeres domésticos enquanto o trabalho cotidiano que apenas o “cuidar da casa” traz.

Eugênia Motta (2016), ao realizar trabalhos etnográficos com mulheres moradoras do Complexo do Alemão, vai destacar inúmeros exemplos de como essas mulheres donas de casa passam a criar meios de não se limitarem às suas famílias e casas e se reinventarem. Segundo Motta (2016), “ser o provedor do dinheiro da casa tem um valor moral para a maioria dos homens” (MOTTA, 2016, p. 204). Dessa forma, essas mulheres ressignificam espaços das próprias casas, às vezes, transformando em um salão de beleza ou outro meio de complementar uma renda familiar baseada no marido.

O que acontece é que as casas são espaços mutáveis e podem ser transformadas em lugares cedidos a atividades que não são as de cuidado e manutenção cotidiana da vida, como cozinhar, dormir, guardar seus pertences. Quando um espaço da casa se transforma numa loja, ele efetivamente se transforma. Um mesmo lugar físico passa a poder ser acessado de forma diferente, por exemplo, por pessoas que não têm relações próximas com os moradores da casa e não entram nela, e passam a poder, como clientes, entrar no lugar transformado em loja. (MOTTA, 2016, p. 207)

Para Certeau, tão importante quanto a estrutura, o instituído, o mundo das estratégias, é o mundo dos sujeitos, que se apropriam e reinventam o seu cotidiano. Que, através de práticas e formas de fazer com aquilo que é dado pela ordem, reorganizam e mudam o mundo (CERTEAU, 1998 *apud* ENNE, 2020).

Então, assim partimos para este trabalho-casa. Entendendo as casas enquanto espaços instituídos pela classe burguesa, mas totalmente mutáveis e passíveis de

ressignificação; com uma característica do feminino justamente por buscar ser um espaço acolhedor, de acalanto e proteção quase maternal. Um lugar cotidiano, que é lido de maneira binária em contraposição à rua (se olhando externamente) ou a espaços ainda mais internos como os cômodos e seus usos.

Desde já, aviso que a campainha não está funcionando e se eu demorar a abrir o portão, é porque eu tô dormindo pós-almoço ou lá atrás na área estendendo as roupas no varal. Sempre achei muito estranho essa coisa de “*mi casa es su casa*”, porque, de verdade, ela nunca vai ser sua. Afinal de contas, como diz DaMatta (1997), esse “ritual de receber uma visita tinha (e ainda tem) requintes quase barrocos, pois significava abrir o espaço da casa para um estranho” (DAMATTA, 1997, p. 52).

Quando entrar, não repare a bagunça, até porque ela já começa aqui no quintal. Esse montinho de areia é da obra que a gente começou em 2017, mas sabe como é: começa a mexer com uma coisa e aí não para mais. Ou então aqueles galões da Suvnil com a borda ressecada de tinta da pintura anual do fim de ano - e mesmo assim a parede do muro que divide a casa vizinha ainda tá só no reboco.

E enquanto eu escrevo todos esses causos, é muito difícil pra mim desassociar das minhas próprias histórias, porque assim começa também as minhas vivências de casa: o meu primeiro lar, a casa dos meus pais. E aí começa a principal narrativa de senso comum burguês e por onde eu quero iniciar esta pesquisa: a casa de família, o “lugar seguro”.

CAPÍTULO 1

“MEU LUGAR”¹²

*“Mas será mesmo a casa um ambiente seguro?
Ou nada mais é que um microcosmo do mundo à nossa volta?”*
(Itamar Vieira Júnior, 2021)

Oi, pode entrar! Não precisa tirar o sapato não, fica à vontade. Quer conhecer a casa? É pequena, mas é nossa, né - nada melhor do que a casa da gente. Vem, entra, quer uma água, um suco? Então, como eu ia te dizendo, desde criança eu me tornei muito caseiro.

Passei por duas fases muito diferentes na minha infância na casa dos meus pais. Num primeiro momento, fui criança de rua, de ficar brincando de pique-esconde, jogando queimado e correndo de um lado para o outro numa rua que, lá pelos anos 2000 e poucos, nem sequer sonhava em estar asfaltada. Durante todo esse período, o “brincar na rua” era muito libertador e quando vinha o assobio do meu pai me chamando para ir para casa, me recolhia sob muitos protestos.

Lembro que a minha avó era a pessoa com maior receio de eu estar na rua. “Cuidado com o carro”, “fica só aqui na frente de casa, que a gente consegue te ver pelo portão de grade”, “a rua é perigosa, você não vê que passa um monte de gente estranha?”. Então eu cresci, permitindo essa dupla identificação do que era a rua na minha cabeça: perigosa, mas por um lado também libertadora.

Não lembro exatamente o que motivou a virada de fase, mas logo chegou o período dos computadores, celulares e do ficar em casa. A rua foi se tornando cada vez mais perigosa, literalmente, e o meu bairro deserto demais para que crianças brincassem sozinhas. As amizades da rua de casa foram ficando de lado e mesmo o caminho feito entre a casa e a escola - sempre a pé, sozinho ou com amigos - foi ganhando esse ar de perigo. As brincadeiras de rua passaram a dar lugar a longas horas na internet discada, jogando os mesmos jogos online de sempre e trocando a música do status do MSN.

DaMatta (1997) vai nos apresentar a “casa” e a “rua” como categorias sociológicas, uma vez que não distinguem apenas espaços geográficos ou físicos,

¹² Título da música “Meu Lugar”, composta e interpretada por Arlindo Cruz.

mas também entidades morais e domínios culturais institucionalizados (DAMATTA, 1997, p. 15). Ele diz que essa métrica moral entre ambas as categorias é definida por meio de “contrastes, complementaridades, oposições” (Id., 1997, p.16). Tuan (1977) faz essa diferenciação considerando que estas categorias são englobadas por termos majoritários como “lugar” e “espaço”, sendo “lugar” desde a casa, o bairro, a cidade ou a pátria. Ele vai dizer que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1977, p. 3).

(...) Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira. (DAMATTA, 1997, p. 53)

Ou seja, na visão de uma sociedade brasileira burguesa e muito bombardeada pelo senso de proteção e de posse, a casa se torna um lugar seguro, familiar, basilar e necessita, então, ser resguardada. Em contraponto, é necessário que para isso se tenha um olhar oposto para a rua, por abrigar o desconhecido, por não trazer vínculo relacional direto com os que habitam as casas. Como diz DaMatta (1997), “é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral - ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família” (DaMatta, 1997, p. 55).

Recuperando o relato que escolhi para iniciar este capítulo, na minha visão de criança cujos pais trabalhavam fora durante todo o dia e não tinha, portanto, um vínculo forte inicial com a própria casa, esses valores se inverteram. Me sentia mais “em casa” na rua, onde podia correr descalço e sem camisa com os meus amigos - por quem eu possuía simpatia e relação fraternal - do que na minha própria casa, que só era preenchida pela sensação familiar à noite, com a chegada dos meus pais e quando era posto em prática o vínculo por laço de sangue. E, com a construção simbólica do perigo presente na rua conforme fui crescendo, a relação “casa” e “rua” para mim passou a se tornar o mesmo que para muitos: buscar a segurança, o conforto e o aconchego da minha casa por conta do medo que vinha dessa nova visão do que se tornou a rua, onde morava o desconhecido.

Em todo caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa ideia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao “governo” ou ao “povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso. (DAMATTA, 1997, p. 57)

Claro que o papel da casa - normalmente a casa de família, o lar, o primeiro contato que temos com esse suposto espaço de calma, amor e hospitalidade - é fundamental para a nossa formação enquanto indivíduos e nós nunca esqueceremos dela, justamente por ser esse primeiro lugar praticado da nossa individualidade. Tuan (1977) especifica o lugar da casa enquanto um lugar íntimo. Para ele, “os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (TUAN, 1977, p. 152) e que nosso apego à sensação de intimidade no lar é resultado de experiências pessoais e aconchegantes.

Quando colocamos em perspectiva a relação comparativa entre “casa” e “rua” para indivíduos LGBTQ, ambos os locais podem significar o perigo ou a libertação, como veremos mais à frente.

QUEM CASA, QUER CASA: A BUSCA PELO PRÓPRIO

Você precisa ir ao banheiro? Claro! É a última porta à esquerda, no final do corredor. Que indelicadeza a minha. Sempre achei muito engraçado todo o roteiro de se receber visitas em casa, ainda mais quando é a primeira vez. Todo esse caminho que a gente vai fazer de mostrar cômodo a cômodo e o sorriso orgulhoso no rosto do anfitrião, afinal de contas é quase um troféu que está sendo exibido.

(...) São precisamente essas normas de recepção que amortecem a passagem entre a casa e a rua e, simultaneamente, nos fazem anfitriões, transformando o estranho, o parente e até mesmo o inimigo ou o estrangeiro numa “visita” (DAMATTA, 1997, p. 11)

“Quem casa, quer casa”, não é isso que dizem? Eu, particularmente, nunca esperei casar para querer a minha casa. E, por mais que toda a minha vivência de lar familiar de classe média não tenha sido traumatizante ou marcada por brigas e abusos, sempre senti que precisava fazer essa saída. Muito guiado pelo sentimento de posse, sobre ter “o meu lugar” e poder fazer o que eu bem entendesse e não mais ouvir “enquanto estiver debaixo do meu teto, são as minhas regras” ou qualquer outra

formulação dessa mesma frase. Isso sem contar as normas sociais sistemáticas que regem e são regidas pelos indivíduos (DAMATTA, 1997, p. 13). Afinal, “aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços. Devo comer na sala de jantar, (...) mas não posso mudar de roupa na sala de visitas” (DAMATTA, 1997, p. 50).

Com isso, aprendi muito cedo que a casa (própria) era um bem precioso, uma posse e um objetivo, seja ouvindo que “ninguém merece morar de aluguel” ou depois de ver tanto parente construindo um puxadinho aqui e se agregando na casa de um outro parente acolá. E sendo um bem precioso, é melhor cuidar!

Motta (2016) vai exemplificar o processo da busca por uma casa própria, muito presente no discurso de famílias de classes populares, principalmente. Nas etnografias realizadas no Complexo do Alemão, a autora destaca a movimentação que a própria família faz no auxílio a esse sonho da casa.

Quando uma mulher engravida antes de ter constituído uma casa (de se casar), os pais, em geral do rapaz, se sentem obrigados a “montar uma casa” para o novo casal e, mesmo que estes não tenham condições de se sustentar, os pais deles (em geral o pai do rapaz) fazem todo esforço para que se constitua uma nova casa. Um novo bebê cria a obrigação de cuidar, transformando aqueles que antes eram cuidados em cuidadores. É esta relação de assimetria, de sempre haver os que cuidam e os que são cuidados, que está na base da casa. (...) A relação dentro de uma casa se converte então em uma relação entre as casas, inaugurada pela “ajuda” para fazer a nova casa. A ajuda na construção ou na compra de uma casa pelos pais de um novo casal pode ocorrer na forma de dinheiro ou de material de construção. (MOTTA, 2016, p. 200, destaque nosso)

Em outro momento, Motta (2016) chama atenção para a importância que a casa, enquanto bem material, representa na vida destas famílias de classe social menos abastadas.

Maria me disse uma vez que as casas que alugava eram “sua aposentadoria”. Zélia se refere à sua casa que aluga a outra família como sua “garantia de que vai ter o que comer”. Além de ser percebida como uma fonte constante de dinheiro na forma de aluguel, a propriedade da casa garante o que se percebe como o mínimo de dignidade que uma pessoa pode ter: “um teto” (MOTTA, 2016, p. 208, destaque nosso).

Entender o ato de habitar enquanto definidor da dignidade humana vai ao encontro do estabelecimento da moradia adequada como um direito humano universal

reconhecido desde 1948 no Artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos¹³, mas que, infelizmente, não é uma realidade para muitas pessoas.

Toda pessoa tem o direito de um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, o direito à segurança, em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. (DECLARAÇÃO, 1948)

Segundo a nota técnica nº 73 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), publicada em março de 2020, estima-se que existam 221.869 mil pessoas em situação de rua no Brasil (IPEA, 2020). Esse número ainda é considerado longe da realidade, uma vez que estes dados são baseados em censos não-oficiais e cadastros no Cadastro Único (CadÚnico) do Governo Federal; além de ter sido levantado em período anterior à pandemia da COVID-19, que intensificou ainda mais a desigualdade social e fez com que mais pessoas estejam, atualmente, nesta situação.

Sendo assim, é importante destacar que a casa é também uma mercadoria inserida na lógica do capitalismo. Desta forma, existe primariamente um interesse mercadológico na construção de casas, buscando um acúmulo de riquezas, seja através de venda ou aluguel. “O capitalista só se interessará em construir casas se ele puder recuperar e ampliar seu capital através delas” (BLAY, 1985, p. 15 *apud* BONATES, 2007, p. 28).

Como o exemplo acima dado por Eugênia Motta (2016) sobre a construção de casas em prol do aumento da família ou nascimentos e casamentos, existe também a possibilidade da construção de habitação para fins não-comerciais. Nestes casos, o motivador para a construção destas casas não é o capital financeiro e sim o capital social. “É importante ressaltar que toda moradia, seja ela produzida de forma capitalista ou não-capitalista, tem a prerrogativa de se converter em mercadoria e, por conseguinte, em capital, a partir do momento em que deixa de ser valor de uso e se torna valor de troca” (BONATES, 2007, p. 28). Esta relação de troca é definida pela noção de próprio que Certeau (1998) propõe. Segundo Enne (2020), “o proprietário do imóvel é o próprio, que pode decidir se ocupa, se aluga, se faz reforma, enquanto

¹³ Ver mais em <http://www.direitoamoradia.fau.usp.br/?page_id=46&lang=pt>. Acesso em 16 de setembro de 2022.

o inquilino só pode se apropriar, muitas vezes adaptando, sublocando ou criando gambiarras” (ENNE, 2020).

O grande marco da ascensão de uma “nova classe média” no Brasil foi o programa Minha Casa Minha Vida, lançado em 2009, numa tentativa de reduzir a desigualdade social e os parâmetros habitacionais brasileiros. Em conjunto com outras políticas socioeconômicas, foi o projeto responsável pela melhoria de indicadores e que permitiu o brasileiro sonhar com a casa própria.

PRIVACIDADE VS. CURIOSIDADE: A CASA ENQUANTO ENTRETENIMENTO

Olha, eu não sei você, mas em mim deu sede. Ah, esse barulho? É o vizinho, que deu pra botar essa música bem alta ultimamente pra esconder que está chorando, porque a mulher largou ele. Vez ou outra a gente consegue até dar uma espiada pela cortina, sabe? Coitado. Mas longe de mim comentar a vida alheia. Vou ligar a televisão, que aí a gente abstrai do que tá acontecendo lá fora.

Não vejo a hora de começar essa nova temporada de *Big Brother Brasil*¹⁴. Eu sou viciado! Lembro quando eu era garoto e ficava acordado até tarde pra assistir. E olha que lá no começo era bem diferente do que é agora, nem tinha esse negócio de *pay per view* e as provas eram de dar pena. Lembra quando era o Bial e a Marisa Orth apresentando o programa lá em 2002? Pra você ver o quanto eu sou fã!

Acho que sempre gostei desse negócio de reality show, tanto que esse foi meu tema de estudo no trabalho de conclusão de curso na graduação. Confesso que também fui muito motivado pelo meu filme favorito da vida, *O Show de Truman* (1998). Acho muito doido essa ideia da gente poder espiar tudo que acontece em todos os cantos.

Mota (2002) vai dizer que os reality shows de convivência, os que confinam pessoas em espaços de habitação, possuem uma receita simples: homens e mulheres trancafiados em uma casa cheia de câmeras. Do outro lado, um público *voyeur*¹⁵ à espera de que alguma coisa aconteça (MOTA, 2002). E, mesmo que lá no fundo a

¹⁴ Big Brother Brasil é um reality show de convivência produzido pela TV Globo desde 2002. O formato é holandês e popular em diversos países. Consiste, basicamente, em manter homens e mulheres trancados em uma casa vigiada 24h por dia durante três meses, onde competem pela preferência do público. O conceito do programa é inspirado no livro *1984*, de George Orwell. (ver JACQUES, 2017)

¹⁵ Pessoa que obtém prazer (normalmente sexual) ao assistir outras pessoas em seus estímulos (também normalmente sexual)

gente não acredite 100% em tudo que está assistindo e chegue a duvidar porque “ninguém é assim 24h por dia”, milhões de espectadores ligam a TV todos os anos como se estivessem assistindo a uma novidade, jamais vista.

Com a pandemia da COVID-19, onde se fez necessário um isolamento social e que permanecêssemos em casa, houve um grande *boom* em acompanhar a edição do *Big Brother Brasil* em 2020 e 2021. Audiência essa muito motivada, talvez, pela visão praticamente utópica de um grupo de pessoas que estavam aglomeradas, de forma isolada, e vivendo uma vida à parte da dura realidade que enfrentávamos no país.

Entre a edição de 2020 e 2021, ficamos como os espectadores em *O Show de Truman*¹⁶, após o protagonista descobrir que a sua vida era uma farsa totalmente inventada para a televisão e abandonar o estúdio: confusos sobre o que faríamos a partir daquele momento, criou-se um vazio deixado pela dependência de uma cultura exibicionista daquele reality show.

E, vale ressaltar, que essa espécie de magnetismo é específico com reality shows de convivência e que trazem a habitação e o morar como principal característica da sua realização. Prova disso é que a TV Globo decidiu retomar a produção do reality show de competição *No Limite*¹⁷ logo em seguida à edição do *Big Brother Brasil* 2021, para aproveitar a audiência arrebatadora de uma edição que teve recordes de votações e interações nas redes sociais, e foi um fracasso em números de audiência e impactos em rede social.

Fato é que, desde 2002, o brasileiro passou a nutrir uma curiosidade pela vida alheia e teve permissão e impulso para exercer o seu lado *voyeur*, torcendo, acompanhando, trazendo para as conversas do dia-a-dia a repercussão de uma frase dita em um reality show por pessoas até então desconhecidas e sem vínculos diretos. “O interesse pelo outro ocorre pela curiosidade, os indivíduos agem pelo princípio do prazer, lutam para satisfação de seus impulsos, ignorando de certa forma os julgamentos de valor” (NOYA e GARCIA, 2002 *apud* GARCIA; VIEIRA; PIRES, 2010, p. 3).

¹⁶ O SHOW DE TRUMAN. Título original: THE TRUMAN SHOW. Direção: Peter Weir. Produção: Scott Rudin, Andrew Niccol, Edward S. Feldman, Adam Schroeder. EUA. Paramount Pictures, 1998. 1 DVD.

¹⁷ *No Limite* é um reality show de competição inspirado no formato americano *Survivor*. Foi produzido no Brasil em 2000, 2001 e 2009, tendo sido retomado em 2021. O programa consiste em uma série de competições entre participantes divididos em tribos em uma praia deserta no Nordeste, além da sobrevivência física ao estilo acampamento. (ver JACQUES, 2017)

Então, se pararmos para analisar, a casa passou a ser um espaço privado, mas, não necessariamente, um espaço privativo. Ao mesmo tempo em que utilizam da casa enquanto cenário e muitas vezes os seus espaços como personagem, os reality shows de convivência rompem com o conceito primordial da casa conforme o modelo burguês: a privacidade.

E, por serem produtos comerciais tão próximos da nossa realidade, afinal estamos falando de casas (ainda que em tamanhos, características e de classes sociais distintas), as casas representadas nos reality shows de convivência também se tornam objeto de desejo do capital. Através de produtos, decorações, objetos, móveis ou com a inclusão de marcas patrocinadoras específicas, esses programas servem como um hiper estímulo ao consumo.

Além do mais, a fofoca é um tema muito recorrente no universo da casa e do morar. Seja o interesse pela “grama” do vizinho (e isso vale seja morando em casa ou num apartamento, ouvindo entre as conversas de elevador) ou a curiosidade sobre quem morou nessa casa alugada, antes de nós. Quando eu me mudei da casa dos meus pais pela primeira vez, fui morar com amigos em uma república universitária. Éramos seis pessoas, todos universitários de um mesmo curso de graduação e que já tinham passado por um período de aulas e festas juntos, dividindo um apartamento de 3 quartos em um bairro próximo à Universidade. Todo mês, quando chegavam as correspondências, recebíamos ao menos um catálogo ou carta endereçada a um antigo morador - às vezes moradores diferentes. Isso fazia com que a nossa curiosidade aumentasse e criássemos verdadeiras histórias de novela sobre tudo que já teria acontecido naquela casa, sem a menor possibilidade de ter certeza de nada, apenas pelo deleite da imaginação.

Pensando na possibilidade de que as “paredes tenham ouvidos”, lembro do livro *Se a Casa 8 Falasse* (2021), do autor Vitor Martins. O livro narra histórias que se passam em três décadas diferentes, com personagens e enredos próprios, mas sob o ponto de vista de uma casa situada em uma cidade pequena - o único ponto em comum entre todas as histórias. Nesse livro, a casa exerce o papel de narradora e o autor nos traz uma visão de como seria descobrir tudo que as quatro paredes guardam das nossas histórias, sem necessidade de ficar imaginando.

Primeiro, chama atenção que Martins (2021), ao buscar retratar uma casa, parte, como nós, para a divisão de cômodos e estrutura de uma casa burguesa.

Sou *literalmente* uma casa. Tijolo, concreto, dois quartos, sala, cozinha, banheiro e garagem. Portas de madeira, armários embutidos, encanamento enferrujado que deixa a água do chuveiro com cheiro esquisito e um sistema elétrico que não é trocado desde a década de 1980 e acaba sempre derretendo a tomada da geladeira de tempos em tempos e dando choque no interruptor do quarto menor. (MARTINS, 2021, p. 7)

Além disso, Martins (2021) também brinca justamente sobre o ponto inicial que trouxemos nesta pesquisa. Ao pedir que você imagine esta casa-trabalho pela qual estamos seguindo, também é uma espécie de teste que eu, enquanto narrador, te proponho. Ele diz

(...) gosto de pensar como você está me imaginando agora. Como naqueles testes psicotécnicos que te pedem para desenhar uma casa e definem seus traços de personalidade de acordo com o resultado do desenho. (Se você faz uma casa no chão, flutuando na folha em branco, é porque sente que seu pai não te ama. Se a casa é amarela com o telhado vermelho, é porque você tem um medo irracional de palhaços ou aranhas (...)) (MARTINS, 2021, p. 7)

Por fim, também destaca o caráter julgador e fofoqueiro que a casa possui sobre nós, seus moradores. E a casa, enquanto narradora, assume que “não é boa em guardar segredos” (MARTINS, 2021) e que, quando dizemos para as visitas não repararem a bagunça, a casa está reparando.

Reparo na louça que você não lava há seis dias porque o tempo esfriou de repente, a caneca de café no fundo de uma pilha de pratos sujos já começando a criar umas bolotinhas de mofo. Reparo na pilha de roupa suja atrás da porta, na poeira acumulada bem no topo da estante, que continua lá porque ninguém vai ver mesmo. Na mancha de vinho no sofá que você tenta esconder com uma manta e nos buracos de prego na parede que você preencheu com pasta de dente porque viu na internet que é muito mais barato do que usar massa corrida (MARTINS, 2021, p. 9).

CASA DECORADA DE MEMÓRIAS

Se a gente fala sobre casa burguesa, não podemos deixar de lado o fascínio pelo enfeite, o adorno. Pierre Nora (1993) vai dizer que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). Sendo assim, nada mais natural do que exibirmos as memórias através de objetos, retratos e decorações no espaço da casa.

Desta forma, existe a permanência da memória além de uma característica exibicionista por parte dos moradores, em poder deixar à visão de seus visitantes, as experiências de passeios, viagens, conquistas familiares ou lembranças que auxiliam

a contar, também, a história desta casa e de sua família. Para Nora (1993), “menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p. 8).

Não ser lembrado através da memória física na casa, é quase um ultraje para algumas famílias. Quando a minha avó fez oitenta anos, todos os seus filhos se juntaram e organizaram uma grande festa onde a decoração era, basicamente, a família. Foram dispostos inúmeros porta-retratos na mesa principal junto com o bolo, docinhos e demais elementos e me lembro da preocupação em não estar esquecendo nenhum núcleo familiar, para evitar o estresse que seria causado por não estar ali, fazendo parte desse momento - ainda que as pessoas não estivessem fisicamente presentes. Após a festa, alguns porta-retratos sumiram ou quebraram e não estão, hoje, no móvel de televisão da minha avó. Isso é motivo suficiente para, quando chega em momentos de visitas familiares, existirem comentários ácidos como “tem foto com a esposa do neto, mas não tem foto minha, que sou filha”. Como se, por não existir o porta-retrato - que não foi uma escolha da minha avó -, ela sentisse menos amor ou pudesse esquecer da própria filha.

E isso piora quando, vez ou outra, a minha avó demonstra sinais de confusão - do tipo me chamar por todos os nomes de netos homens antes de acertar, devidamente, o meu nome. E, por mais que a minha avó diga que todos os comentários são puro ciúme e que quem está se doendo quem deveria providenciar um porta-retrato novo, ela mesma vez ou outra me confidencia que foi à rua e esqueceu de revelar a foto faltante, de novo.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)

Quando pensamos na casa como lugar de memória, vai além da nostalgia coletiva entre membros de uma família, por exemplo. Vale lembrar que existem diversas casas e palacetes históricos que se transformaram, por si só, em centros de memória histórica do país ou sobre a vida de seus moradores ou ainda de momentos específicos. Alguns exemplos são a Fundação Casa de Rui Barbosa, o Solar do

Jambeiro, o Museu Casa de Santos Dumont, ou, em proporções ainda maiores, o Palácio de Versalhes ou a Casa Branca.

Além dos elementos já citados que auxiliam no entendimento da casa enquanto lugar de memória e, pensando também nas gambiarras e jeitinhos, existem as formas de memória diretamente na casa. É comum que famílias acompanhem o crescimento dos seus filhos marcando nos batentes de porta sua altura com o passar do tempo, por exemplo. Normalmente realizado em um espaço mais íntimo da casa, como o quarto ou o banheiro, onde o objetivo não é o viés exibicionista comentado anteriormente, mas sim o de narrar a história dos seus moradores através da própria estrutura da casa.

Num outro apartamento em que morei nos anos universitários, éramos entre quatro e cinco moradores, mas nos tornamos uma casa que sempre esteve de portas abertas - literalmente - para muitos amigos. Como era um apartamento alugado e arrumado com ajuda de pais, mães e parentes que doaram uma cama, uma geladeira ou um fogão, evitávamos fazer qualquer tipo de decoração já pensando no trabalho em cobrir um furo de prego, uma parede manchada, etc. (e muito menos tínhamos móveis para colocar porta-retratos). A nossa alternativa foi eternizar as memórias de todas as frases absurdas que eram ditas por nós e por todos os visitantes da casa em papéis colados numa coluna na sala. Isso registrou não apenas as diversas histórias e memórias do que ocorreu em mais de dois anos de contrato de aluguel, como também ajudou a marcar todos que já visitaram aquele lugar.

O CORPO-CASA

Me permito um parêntese dentro deste trabalho-casa, mas juro para você que no final tudo se ajeita e fará sentido. Sei que estamos tratando a casa de família como o primeiro lugar com o qual temos contato e pensamos enquanto “nosso lugar no mundo”. No entanto, não é verdade. Há teóricos que vão defender que o nosso corpo é o primeiro território com o qual temos contato e, por vezes, é também o mais difícil de nos acostumarmos com os limites, padrões e estímulos.

O corpo é o lugar de onde vemos o mundo, que faz o mundo vibrar e nos faz ver o universo de determinada forma: o modo como vivemos o corpo. O corpo é o território de onde dizemos o mundo. No mínimo, o corpo é um instrumento de ação. (...) É o corpo que sente, pensa e diz a cidade e, ao dizê-la, transforma-se nela. (HISSA & NOGUEIRA, 2013, p. 61)

Ao nascermos somos condicionados ao corpo binário enquanto primeiro território. A partir desse corpo-território, que possui características tão singulares e diferentes de outros corpos-território, que passamos a vivenciar o mundo e criar nosso sentido de pertencimento (ou não). “Pensar no corpo nos convida a compreender os sentidos, a ganhar uma outra consciência de cada detalhe desta coleção de milagres que conformam o que chamamos de vida” (ACIOLI, 2021, p. 13-14).

Esse “corpo-território precisa experimentar o mundo com leituras próprias, para sentir a energia vital presente no encontro com o outro” (MIRANDA, 2020, p. 27). É um corpo que pode ser um território amigo, facilitando a relação entre mente e corpo; ou um corpo-território inimigo, que traz questões de autoimagem como a dismorfia corporal¹⁸ ou mesmo disforia de gênero¹⁹ no caso de indivíduos transvestigêneres.

No entanto, o corpo-território é “um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa” (MIRANDA, 2020, p. 25), ou seja, as vivências na casa e na rua são extremamente importantes na definição da nossa relação com o próprio corpo, entendendo-o também como uma espécie de casa (em um recorte mais específico e com olhar interior). Como veremos a frente, quando falarmos sobre direito à cidade e passabilidade de determinados corpos no espaço da rua, veremos que esses corpos, entendido enquanto territórios, também são submetidos por uma ordem espacial burguesa, que “impõe sua maneira e sua forma destes se movimentarem e se moldarem dentro de limites estabelecidos e impostos através de uma nova política de controle sócio-territorial, o biopoder” (MONDARDO, 2009, p. 1). Para Hissa & Nogueira (2013), é a partir desse biopoder exercido por uma sociedade burguesa, que “surgem as ideias de normalidade e delinquência”. (HISSA & NOGUEIRA, 2013, p. 66)

Portanto, é também na relação entre corpos, principalmente em um espaço de formação primária como a casa (e conseqüentemente a família nuclear), que incide a

¹⁸ “Transtorno psicológico em que existe uma preocupação excessiva pelo corpo, fazendo com que a pessoa sobrevalorize pequenas imperfeições ou imagine essas imperfeições, resultando num impacto muito negativo para a sua autoestima, além de afetar sua vida no trabalho, escola e no convívio com amigos e familiares.” (RAMIREZ, 2021, n.p.)

¹⁹ “A disforia de gênero consiste em uma insatisfação entre o sexo com que a pessoa nasce (características genitais do nascimento) e a identidade de gênero, que é a experiência emocional e social da pessoa como feminina, masculina ou andrógina. Ou seja, a pessoa que nasce com sexo masculino, mas se identifica como feminino e vice-versa.” (RAMIREZ, 2021, n.p.)

expectativa de aceitação, acolhimento e respeito necessários para o desenvolvimento deste corpo-território.

Essa relação do corpo enquanto casa e território me faz lembrar do livro *Todo Dia*, do autor David Levithan (2012). A história é narrada por A, uma consciência que toma posse de um corpo diferente a cada dia. Cada capítulo da história é um dia na vida de A e, para além do romance que existe no livro, me chama muita atenção a distinção entre corpo e mente e as dificuldades de entender os limites de um corpo-território estranho àquela consciência.

Acordo. Imediatamente preciso descobrir quem sou. Não se trata apenas do corpo - de abrir os olhos e ver se a pele do braço é clara ou escura, se meu cabelo é comprido ou curto, se sou gordo ou magro, garoto ou garota, se tenho ou não cicatrizes. O corpo é a coisa mais fácil à qual se ajustar quando se está acostumado a acordar em um corpo novo todas as manhãs. É a vida, o contexto do corpo, que pode ser difícil de entender. Todo dia sou uma pessoa diferente. Eu sou eu, sei que sou eu, mas também sou outra pessoa” (LEVITHAN, 2012, p. 4-5)

A única certeza que Levithan (2012) traz como verdade absoluta para o corpo e a mente é que “todos nós queremos que tudo fique bem. Nem mesmo desejamos que as coisas sejam fantásticas, maravilhosas ou extraordinárias. Satisfeitos, aceitamos o bem, porque, na maior parte do tempo, bem é o suficiente”. (LEVITHAN, 2012, p. 11). No entanto, nem sempre é dessa forma, e um espaço como a casa que, teoricamente, deveria ser seguro para o desenvolvimento deste corpo-território, se torna sufocante.

A CASA-ESCONDERIJO: VIVÊNCIAS LGBTQ

Para encerrar esse capítulo, eu começo pedindo desculpas. Sei que nossa conversa tem sido sempre muito leve e prazerosa, afinal de contas, como bom libriano, adoro conversar sobre a maior quantidade de assuntos possíveis, mas agora a gente precisa começar a olhar para essa casa sob o ponto de vista das possibilidades negativas em torno do habitar.

Apesar de estarmos tratando da casa a partir de um quadro geral, é necessário que caminhemos para o recorte específico que este trabalho-casa se propõe. Afinal, a existência de casas de acolhimento LGBTQ, como sugerido pelo título desta

pesquisa, é consequência das experiências negativas, traumáticas e por vezes fatais que pessoas LGBTQ passam dentro de suas próprias casas.

Acredito que toda pessoa LGBTQ passe pela fase do receio em compartilhar a sua verdade com a sua família - principalmente se o ambiente familiar não demonstrar abertura para isso ou caso os pais demonstrem um conservadorismo extremos (de cunho político, religioso, etc.). Normalmente, para estes indivíduos, a rua é o lugar de experimentação e de possibilidades, onde ele se descobre e se aceita. Segundo Cosme (2021),

Perceba que este é um comportamento comum: o LGBTQIA+ se afasta da família para poder experimentar, se descobrir, desvendar seus próprios caminhos. E, longe de qualquer julgamento imediato, pensamos que vai ser fácil. Mas não é. No início, tudo é escondido. Se possível, até de nós mesmos. (COSME, 2021, p. 15)

Pessoas LGBTQ comumente buscam o seu conforto e a sensação de acolhimento em outros espaços que não seu próprio lar. Historicamente, passamos por períodos em que ser LGBTQ era visto como doença, perdição e a aceitação por parte das famílias era ainda mais difícil de se encontrar do que hoje em dia. Esses lugares de acolhimento normalmente são locais onde se é permitido viver a sua verdade e ter uma vivência LGBTQ exposta, sem necessidades de se restringir ou sentir medo. O documentário *Atrás da Estante* (2019), disponível na Netflix, relata a história da Circus of Books - uma livraria e sex shop gay em Los Angeles, operando desde a década de 1980. Dentre os diversos depoimentos e histórias coletadas para o documentário, chama atenção o sentido de pertencimento que uma livraria/sex shop proporcionou para homens gays nos anos 80.

No primeiro ano que me mudei para Los Angeles, encontrei um lugar que me aceitou (...) Na época, se fosse assumido, você era um marginal e fazia coisas loucas, sabe? - Alexei Romanoff, ativista dos direitos LGBTQ (ATRÁS DA ESTANTE, 2019)

Ser gay naquela época não era fácil e essa livraria me manteve seguro, longe do perigo. Lembro da palavra 'gay' ser palavrão. Era uma dessas palavras que se usa para algo ruim - Paulo Morillo, cliente (ATRÁS DA ESTANTE, 2019)

No meu caso, só me descobri homossexual na Universidade. Ainda que tenha crescido com o bullying e a pressão de ser considerado afeminado, sendo chamado de “viadinho” e outros nomes pejorativos, nunca tinha tido qualquer experiência, desejos ou pensamentos que indicassem uma dúvida da minha, até então,

heterossexualidade. Inclusive, quando entrei na Universidade e tive minhas primeiras experiências com homens, em primeiro momento a dúvida era sobre uma possível bissexualidade, desacreditando que eu tenha vivido uma “vida de mentira” por tanto tempo (pensamentos que não me pertencem mais).

Quando me assumi para os meus pais, o fiz através de uma carta escrita de próprio punho e deixada na casa em que morei durante anos e que, naquele momento, ainda era a casa deles²⁰. Na carta, escrita em 2018, eu dizia

Antes que vocês surtem, chorem (por favor não chorem), quero que vocês saibam que eu finalmente estou feliz. 100%. Demorei pra me aceitar e chorei todas as lágrimas possíveis, clamei para que fosse uma fase (mais uma vez, eu estava apenas me enganando) e me achei horrível por fazer isso com vocês, mas depois de ter me aceito ainda não me sentia completamente feliz. Eu estava sendo desonesto com vocês e isso me deixava mal. Estar nessa casa, mantendo essa parte da minha vida escondida de vocês era um verdadeiro caos. Pro meu psicológico, pro meu emocional, pra minha autoestima.

Eu já estava morando em outra cidade com amigos em um apartamento e voltava apenas para breves visitas aos finais de semana. Lembro que, à época, eu só conseguia ficar confortável em momentos em que estava sozinho (seja pelos meus pais terem saído para algum compromisso ou de madrugada, quando estava no meu quarto, quando deveria estar dormindo). Essa relação da pessoa LGBTQ com a sua casa vazia é muito significativa, pois dá uma prévia de como seria viver a sua verdade em um espaço privativo e não apenas na rua.

É completamente diferente, por exemplo, de quando os pais e demais membros da família estão no mesmo espaço. Ainda que seja uma relação social de aceitação ou que tenha superado um possível desconforto inicial com a orientação sexual da pessoa em questão, nós tendemos a ficar mais cautelosos na presença da família. E isso ainda é diferente de quando se recebe visitas (mesmo se tratando de outros familiares), onde a cautela não é apenas nossa enquanto LGBTQ, mas também um olhar de vigia destas outras figuras de poder (pai e mãe, principalmente).

Desta forma, a casa pode se tornar uma casa-esconderijo, onde não exercemos a plenitude de quem somos porque: a) não podemos e somos recriminados por isso, como se a orientação sexual de uma pessoa LGBTQ fosse todo

²⁰ Hoje em dia a casa é da minha irmã. Ainda é um ponto de encontro da nossa família nuclear, principalmente para festas e reuniões de toda a minha família materna, mas meus pais não moram mais neste local.

o traço de personalidade dela; e b) mesmo sendo aceitos, não nos sentimos 100% confortáveis, porque a sociabilização que temos em outros grupos de semelhantes, é completamente diferente - é como se o espaço da casa se tornasse limitante, por conta da memória e/ou respeito que temos por aquele local e seus sujeitos.

Amara Moira (2021) relata a experiência de vivenciar a plenitude de ser quem é, verdadeiramente, no conto “Luan Ângelo”. Na história, o rapaz trans passa a morar no sótão quando a avó passa a morar com a família - o faz porque sente que, no sótão, será menos incomodado pela mãe, que tem medo de altura e que o cobra apenas que realize a limpeza do espaço. Além disso, é no sótão que ele pode dormir apenas de cueca, experimentar o *packer*²¹ 5 em 1 comprado na internet ou realizar a troca do seu guarda-roupa de maneira gradual, mais identitária.

A ideia de um espaço que só ele acessasse era boa demais para que uma faxina semanal se tornasse empecilho. Ele até preferia que ninguém entrasse no quarto e, apesar de não ser muito fã de limpeza e organização, o sacrifício parecia mais do que razoável. (MOIRA, 2021)

Em último caso, existem ainda as microagressões e violências domésticas motivadas pela orientação sexual deste indivíduo. Vai desde falas como “prefiro ter um filho morto do que ele apareça com um bigodudo”²² até punições e castigos por conta de trejeitos, roupas, maquiagem e, por último, chegando à expulsão de casa.

“Ser posto para fora de casa” significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de “amor”, “carinho” e “consideração”. (DAMATTA, 1997, p. 54)

Retomando a ideia de ter um lar ser uma característica da dignidade humana, expulsar um indivíduo LGBTQ de sua casa é retirar a dignidade de uma parcela da população que já é marginalizada e que sofre, também, com uma rejeição e invisibilização do Estado. Essa perda se torna ainda maior quando lembramos que “a decisão de expulsar um LGBT é tomada sempre pela família” (CETRONE, 2020). E esse quadro se torna ainda mais alarmante quando falamos de pessoas

²¹ “Imitações de um pênis flácido (um tanto parecido com os pênis de borracha, encontrados em sex shops), e que possui variados tamanhos e cores. Na maioria, os packer são de aparência bem realísticas; e se engana quem acha que packer servem só para criar volume. Dependendo do packer, ele pode ter várias e várias funções.” Disponível em: <encurtador.com.br/bmxJN>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

²² Fala proferida por Jair Bolsonaro em entrevista à revista Playboy em junho de 2011. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 18 de setembro de 2022.

transvestigêneres, que, cotidianamente, não são apenas expulsas de casa, como também assassinadas de maneira brutal por pessoas da família, amigos e vizinhos.

Com isso, estas pessoas buscam as ruas ou suas redes de afeto como um pedido de socorro. Buscam aquilo que, teoricamente, esperavam receber em casa: acolhimento, amor e receptividade. A partir disso, objetivando atender a esse público expulso de casa ou em situação de risco, principalmente estas que buscam às ruas, surgem projetos de acolhimento LGBTQ que abordaremos no capítulo 3. Locais que, além de fornecerem um teto, também resgatam a dignidade destes indivíduos através de qualificação profissional, cultura e se tornam redes de afeto e apoio.

Eu te prendi mesmo aqui nessa entrada, né? Perdão! Ó, o banheiro você já conhece, lá no final do corredor à esquerda. A cozinha é logo aqui, à sua direita. Mas, antes, vamos sentar um pouco aqui na sala. Quer um vinho ou quem sabe um café?

CAPÍTULO 2

“EU VOU FAZER DESTE LUGAR SUA CASA”²³

*“Uma casa é a família que você escolhe”
(POSE, 2018)*

Você é do tipo que gosta de receber visitas em casa? Eu, particularmente, sempre gostei de ser anfitrião. Sou aquela pessoa que faz questão de que a casa esteja impecável, que espirra aquela mistura de amaciante e álcool pra ficar tudo muito cheiroso e já passa logo o café pra oferecer de maneira displicente. “Trabalho nenhum, imagina. Você toma o seu com açúcar?”.

Pra mim, a sala de uma casa é esse grande mix do desconforto de uma conversa de sorrisos amarelos (quando a visita também não se toca que já passou da hora de ir embora - não é o seu caso, relaxa!), com o encontro afetivo e casual daquelas visitas que dão gosto, que elogiam as plantas, os quadros e já chegam sentando sem nem esperar a porta se fechar.

Neste ponto da pesquisa, é *aquela* hora em que eu falo sem parar sobre todas as referências e conceitos importantes que serão utilizados como pano de fundo para tudo que estou desenvolvendo. São como paredes vazias sendo erguidas e reerguidas para, enfim, serem preenchidas com todas as lembranças que trazemos de viagens, os retratos de família ou quadros que ganhamos de parentes.

O MÓVEL ANTIGO: A HETERONORMATIVIDADE PRECISA SER SUPERADA

É incrível quando você é universitário e se muda pra uma casa nova. Tem sempre aquela tia que tem um sofá velho pra te doar ou os nossos pais que de uma hora pra outra decidiram comprar uma geladeira nova e você fica com a outra. E é óbvio que eu nunca estaria reclamando disso.

As famílias tradicionais burguesas brasileiras vão se reconhecer quando eu falar daquela cristaleira de madeira maciça antiga, que passou de geração em geração. Ou daquela poltrona preferida de alguém do passado. Ou daquele jogo de louças de porcelana fina que acumulam poeira em algum armário, que foi presente de casamento da tataravó.

²³ Trecho da música “Home”, de Andrew Pearson e Greg Holden, interpretada por Phillip Phillips. *Tradução nossa.*

A verdade é que nós nos apegamos a muitas coisas que são antigas e que, muitas vezes, até destoam da nossa decoração atual. Por exemplo, eu queria começar esse capítulo de outra forma, porque a heteronormatividade é algo que, por mim, ficaria no passado; como um móvel antigo que já caiu aos pedaços e muita gente antes de mim se meteu de querer consertar, mas que, definitivamente, não dá mais pra manter.

De acordo com Bourdieu (2008), quando nascemos, nos deparamos com uma estrutura já estruturada que, portanto, exerce papel estruturante na nossa formação enquanto sujeito: o *habitus*. Ele define o *habitus* como “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191).

Esta estrutura social - pensando sob a ótica dos acúmulos de capitais de quem tem o direito de estruturar a sociedade²⁴ -, é composta por uma série de binarismos e padrões tradicionalistas dominantes que permitem uma soberania social do masculino, branco, cisgênero²⁵, heterossexual, católico e familiar (BOURDIEU, 2010) e que ignora outros corpos que não sejam equivalentes esteticamente aos seus.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas" como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (...), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

(...)

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (...) (BOURDIEU, 2010, p.17-18)

O heterossexismo, como resume Herek (1995), é um sistema de crenças e valores que nega e estigmatiza qualquer comportamento, identidade, relação e comunidade não-heterossexual, definindo, portanto, a heterossexualidade compulsória²⁶ (BUTLER, 2003) enquanto norma social vigente; WARNER (1993) nomeia esse comportamento de heteronormatividade ou heteronorma. Isso faz com

²⁴ “O poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona, sob suas diferentes espécies, se manifesta no espaço físico” (BOURDIEU, 2008, p. 160)

²⁵ “Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer” (REIS, 2018, p. 27).

²⁶ “A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual”. (BUTLER, 2003, p. 45)

que todos aqueles que rompem com esta dita heteronorma e assumam uma vivência outra, que transgrida esta regra social, sejam lidos como *outsiders* ou desviantes (BECKER, 2008).

No entanto, é importante destacarmos a diferenciação de desvios de indivíduos gays, lésbicas, bissexuais e transvestigêneres. Em um recorte social urbano, como proposto por esta pesquisa, estes últimos são tidos enquanto “aberrações” e muito comumente ligados à prostituição, doenças e outros sentidos comuns degradantes. “A construção da imagem das pessoas que devem ser vistas como desviantes passa também pelo empenho da mídia na fabricação desses consensos” (BARBOSA, 2018, p. 34). Vale frisar que, se retirado de um contexto urbano de grandes metrópoles, todos os desvios LGBTQ são vistos como “aberrações”, doentes, ou similares.

Apropriando-se do conceito de Bauman (2009) sobre as novas classes perigosas - que ele classifica como não-assimiláveis -, percebemos que a forma como a sociedade, e também seus órgãos de poder, agem perante a presença destes ditos “desviantes” é indissociável de um senso comum ligado à marginalidade, à escória. Para Bauman (2009), essa “exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo” (BAUMAN, 2009, p. 8).

Partindo do conceito de necropolítica e necropoder desenvolvido por Achille Mbembe (2016), uma “expressão máxima da soberania (...) na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” e “quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ ou não é” (MBEMBE, 2016, p. 135) - implica, acima de tudo, ditar que existem corpos passíveis de violências, mortes e, até mesmo em casos extremos, tortura -, Barbosa (2018) vai nos apresentar o conceito de transnecropolítica. Segundo ela,

a transnecropolítica considera que a vida das pessoas trans é descartável e são perdas que não são sentidas socialmente, inclusive, são comemoradas (...) Fica evidente que essas pessoas são mortas e violentadas com ódio porque desafiam as normativas de gênero estabelecidas pela sociedade. Elas saem das caixinhas pré concebidas e escancaram que tudo isso que nos é dito, ensinado e cobrado é construído socialmente. (BARBOSA, 2018, p. 45-46)

Para o país que mais mata LGBTQ no mundo e tem o pior cenário de mortes por crime de ódio contra transvestigêneres²⁷, culminando nesta transnecropolítica (BARBOSA, 2018), em um país onde a expectativa de vida de pessoas trans gira em torno de 35 anos (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2021), a luta pelo espaço e por existência ainda se faz necessária por indivíduos LGBTQ (principalmente transvestigêneres), de forma que consigam ocupar e fazer valer o seu direito à cidade, à segurança, à liberdade.

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar (...) não à cidade arcaica mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais etc. (LEFEBVRE, 2001, p. 134).

A ausência de políticas públicas que busquem a proteção e o direito à vida urbana por indivíduos LGBTQ é um fator comprovador de que a cidade e suas práticas se dão em torno de um dominante binário: masculino, cristão, cisgênero e heterossexual, que ignora a presença e a participação dos corpos e vivências LGBTQ em sua essência. Segundo Carvalho & Macedo Júnior (2019), a falta deste tipo de políticas públicas gera “dois fenômenos que são interligados: a invisibilidade social LGBTQ – embora não esteja invisível nos relatos de violência urbana em virtude de discriminação – e a redefinição da cidade enquanto ‘cidade-armário’” (CARVALHO & MACEDO JÚNIOR, 2019, p. 149). Segundo Sedgwick (2007), “o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p. 26) e se tornou um indicativo da homofobia, da necessidade de esconder no íntimo e privado algo que faz parte de quem se é.

As cidades também são uma tomada de posição do poder hegemônico em razão de manter-se uma ordem, a ordem deles. A partir disso, entendo que existem corpos que não podem circular livremente pela cidade. As cidades são desiguais, e o determinante é entender que elas são desiguais de formas diferentes para homens e mulheres. E, diferentes também entre mulheres cis e mulheres e pessoas trans. (BARBOSA, 2018, p. 32)

Desta forma, quando pensamos em cidade-armário, é justamente levando para este lugar da imposição do privado. De não existir um espaço permitido para que estas

²⁷ No ano de 2020 foram registrados 184 assassinatos de pessoas transvestigêneres no Brasil segundo o dossiê "Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais brasileiras em 2020" (BENEVIDES E NOGUEIRA, 2021), realizado pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).

vivências LGBTQ+ existam e possam circular. É esconder através do medo, da opressão e/ou da insegurança. Buscando fugir das cidades-armários, normalmente lugares no interior ou rurais, existe uma forte migração do LGBTQ em sentido à cidade grande, ao centro urbano, em busca de poder viver a sua verdade de maneira plena. As cidades-armários são, portanto, “uma construção ideológica que orienta a produção e reprodução do espaço urbano a partir da heteronormatividade e da violência contra LGBTQ na cidade” (CARVALHO & MACEDO JÚNIOR, 2019, p. 146).

Se a rua, este espaço coletivo de trocas e cruzamentos, representa um risco grande de existência e, até mesmo, de demonstração de afetos e relacionamentos, é preciso se questionar acerca da produção desses espaços enquanto espaços de sociabilidade. Se a cidade deve ser um espaço livre de discriminação, por que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais são tão vulneráveis nos espaços urbanos? (CARVALHO & MACEDO JÚNIOR, 2019, p. 150)

O ESPELHO SEMPRE SUJO: PASSABILIDADE E DIREITO À CIDADE

Não importa qual produto eu use ou quantas vezes eu limpe, a verdade é que esse espelho que fica aqui na sala do lado da estante de plantas nunca está 100% limpo. Eu já entendi e larguei de mão a preocupação para que ele fique impecável. Lembra quando a gente tirava *selfie* na frente do espelho usando uma câmera que soltava um flash que estourava a luz no espelho e apareciam várias marcas de dedo?

E não adianta tentar fugir e dizer que na sua casa é diferente. Onde tem um espelho, tem aquela sujeira incômoda, uma mancha de dedo ou poeira grudada na superfície. Parte de mim, enquanto escreve isso, detesta entender que nós, enquanto sociedade, somos um espelho.

É inevitável pensar que estamos sempre sujos ou com um tipo de mancha que só é vista em determinados momentos. E para continuar na metáfora do espelho, também somos reflexos uns dos outros, reproduzindo uma infinidade de comportamentos que aprendemos ou que observamos nos outros e na própria estrutura previamente estruturada.

E também não deixamos nada ou ninguém passar sem que nos atinja. Somos o espelho sujo que questiona, que cutuca, que faz questão de mostrar e apontar, que reflete as nossas próprias inseguranças nas vivências alheias.

Bauman (2009) vai nos dizer que “um espaço é público à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem que precisem ser previamente selecionados” e

que “a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros” (BAUMAN, 2009). Para os indivíduos transvestigêneres, que não possuem formas de “ocultar” quem são por não se encaixarem na definição binária de homem ou mulher socialmente aceitos, estar num espaço dito público não lhes é permitido por não passarem despercebidos durante esta prática.

Carvalho & Macedo Júnior (2019) vão dizer que “os espaços urbanos não são ‘assexuados’, mas possuem vedações morais que, sutilmente, interditam a presença de pessoas que questionam a (re)produção da heterocisnormatividade” (CARVALHO & MACEDO JÚNIOR, 2019, p. 148). Para estas pessoas, o espaço público só poderá ser reivindicado à noite, quando a cidade dorme e não há visibilidade sobre seus corpos e vivências, quando a prática urbana é outra.

Assim, surge a perspectiva da “passabilidade” para pessoas transvestigêneres, ou seja, a possibilidade de não serem lidas enquanto indivíduos em transição. “A passabilidade, implicada em uma performatividade de gênero, dispõe um conjunto de atos regulados e repetidos que asseguram uma imagem substancial de gênero no registro de uma matriz heterossexual e cisgênera.” (PONTES & SILVA, 2018, p. 407).

Se apoiando na divisão binária da sociedade heterocisnormativa e também reforçando os estereótipos estéticos estabelecidos por esta sociedade às categorias homens e mulheres, a passabilidade se torna, então, um desejo a ser adquirido por muitas pessoas em transição. “Ao estabelecer como objetivo último da transição a possibilidade de ‘passar por cis’, a experiência da passabilidade como horizonte normativo acaba por definir e aplicar valores aos corpos” (PONTES & SILVA, 2018, p. 403-404)

Mas, importante notar que nem todas as pessoas transvestigêneres objetivam o “parecer cis”; e, dentre as que possuem esse desejo, não são todas as que se submetem a cirurgias, hormônios e procedimentos como artefato estético e sim como proteção. Ora, se você consegue se misturar no anonimato dado aos sujeitos homens e mulheres cisgêneros que andam diariamente nos centros urbanos, como dito por Bauman (2009), você reduz os olhares curiosos e discriminantes.

‘Perder-se na multidão’ pode ser compreendido como um tipo de reconhecimento de um corpo que, apesar de trans, é lido como ‘não-trans’, e indica que a subversão da leitura social permite escapar de determinadas violências dirigidas aos corpos vistos como não inteligíveis pelas categorias homem/mulher no registro cisgênero (...)” (PONTES & SILVA, 2018, p. 407).

Desta forma, quando não existe a passabilidade e o “perder-se na multidão” só lhes é permitido na vivência noturna ou marginal, sua própria cidadania se dá de forma incompleta, uma vez que não existem sob os olhos da cidade e dos seus dominantes e, por isso, não são de sua responsabilidade. (ver ROLNIK, 2009).

Andar na rua é estar exposta. Exposta ao olhar do outro, vulnerável. Noventa por cento das mulheres trans e travestis estão em situação de rua. Andar na rua para elas é batalhar. Para mim significa girar uma roleta russa. Elas nos olham, vocês me olham. Me encaram até formarem uma decisão nas suas cabeças sobre o que eu sou. Tem barba, é homem. Tem peito, é mulher. E eu que tenho os dois? (PEQUENO, 2017, p. 20)

O ato de (r)existir de corpos LGBTQ em espaços públicos e compartilhados, principalmente os que vão contra a heterocisnormatividade da expressão de gênero tais como corpos masculinos afeminados e corpos transvestigêneres, não é feito de forma tranquila e segura para estes sujeitos. Estar à margem da cidade, e das práticas urbanas consideradas aceitas dentro do direito à cidade, faz com que estes indivíduos assumam a condição de “não-cidadão”, desviantes do padrão normativo em vigor. No Brasil, ainda temos uma extensa dificuldade em fazer valer o direito à cidade como descrito na Carta Mundial pelo Direito à Cidade, destacada abaixo:

Todas as pessoas devem ter o direito a uma cidade **sem discriminação de gênero**, idade, raça, condições de saúde, renda, nacionalidade, etnia, condição migratória, orientação política, religiosa **ou sexual** (...) É um direito coletivo dos habitantes das cidades, **em especial dos grupos vulneráveis e desfavorecidos**, que lhes confere legitimidade de ação e organização, baseado em seus usos e costumes, com o objetivo de alcançar o pleno exercício do direito à livre autodeterminação e a um padrão de vida adequado (...) **Inclui também o respeito às minorias e à pluralidade étnica, racial, sexual e cultural, e o respeito aos migrantes** (CARTA MUNDIAL PELO DIREITO À CIDADE, 2009, p. 3, *grifo do autor*).

Milton Santos (2007) nos diz que “o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, (...) mas também um dado simbólico” (SANTOS, 2007, p. 82). Portanto, é correto afirmar que a própria constituição da cidade se dá também no campo ideológico e do pensamento, para além das disputas objetivas. Sendo assim, os valores ideológicos e subjetivos da classe dominante serão refletidos nas ações tomadas na cidade, enquanto um cenário político (ver MARX e ENGELS, 2009); transformam o entendimento da cidade enquanto vida pulsante, composta por gente e vivências diversas que disputam o poder para, então, (re)estruturar a própria cidade.

A produção espacial tem gênero, classe, raça e orientação sexual: é a dominação do masculino, burguês, branco e heterossexual pela constituição de locais “de família” ou espaços “de respeito”. Conseguimos pensar a cidade como um ambiente de corpos transitando livremente ou enxergamos locais reservados a determinados corpos? Uma análise apurada poderia situar-nos que, perante a cidade, LGBTQs não existem – ou não deveriam existir – porque rompem com as normas e acordos de sexualidade tácitos feitos pelos poderes atuantes no regime sobre os corpos.

Uma vez que assumimos que a cidade não é produzida visando o coletivo, mas sim a partir das visões de uma determinada classe, precisamos reposicionar nosso olhar sobre ela. Por isso, a cidade deve ser entendida como uma construção, sobretudo, ideológica. (CARVALHO & MACEDO JÚNIOR, 2019, p. 150-151)

“Ora, se a cidade – por meio da acumulação e exploração do capital – é moldada a partir dos interesses das classes dominantes, é óbvio chegar à conclusão de que a cidade tem donos” (CARVALHO & MACEDO JÚNIOR, 2019, p. 148) e, pensando no dominante social aqui já exposto, os “donos da cidade” são “aqueles que detêm meios de produção, poderio social e político, e são capazes de ajustar as cidades às normas estabelecidas” (CARVALHO & MACEDO JUNIOR, 2019, p. 148). Quando digo que a sociedade é como um espelho, é pensando também que a cidade é um reflexo da nossa sociedade estruturada, que é heteronormativa e traduz uma hegemonia heterossexual e racial²⁸, que permite uma liberdade de ir, vir e ser a um mesmo grupo tradicionalmente aceito.

A ausência de políticas públicas urbanas para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais visando sua proteção e a garantia de acesso aos direitos capazes de afirmar o princípio basilar da dignidade da pessoa humana, é uma prova gritante que a cidade se fecha em torno da heterossexualidade e da cisgeneridade, ignorando a presença e participação de LGBTQs em seu corpo. (CARVALHO & MACEDO JUNIOR, 2019, p. 147)

Uma cidade que ainda fortalece meu medo de estar de mãos dadas com outro homem, que me faz repensar diversas vezes a troca de afetos com meu namorado, que só me autoriza transitar plenamente em “espaços permitidos”; espaços esses que, normalmente, são depreciados e estão ligados à ideia de balbúrdia, insalubridade, promiscuidade, etc. Uma cidade que ainda me impossibilita de agir, de ser, de viver; mas que não delimita o meu esperar. Uma cidade que só respeitará o corpo binário

²⁸ Reconheço que na nossa sociedade a hegemonia nuclear que venho tratando é, também, extremamente branca e que não discute ou faz autocrítica sobre o seu racismo estrutural. Racismo esse que inflige uma série de outras negativas às pessoas não-brancas e sua circulação nos espaços públicos e, até mesmo, a infração de seus espaços privados. No entanto, por limite de tempo e seguindo os objetivos específicos desta pesquisa, não irei aprofundar as questões raciais quando apontar esta construção do tradicional, hegemônico e nuclear.

masculino heterocisnormativo, dificultando ou até mesmo impossibilitando o acesso de corpos femininos, deficientes, negros, *queer* e qualquer outro que destoe deste corpo dominante, cabendo a estes o medo da rua e da própria cidade e o exílio do “discreto/fora do meio”.

A rua, assim, se torna um lugar de descontrolo, de medo e insegurança para LGBTs, em que toda afetividade é julgada e toda expressão de desejo é moralmente condenada: a rua representa o caos, porque possui regras de convivência social diversas. (...) A figura do armário, deste modo, torna-se um fantasma constante, demarcando os territórios em que assumir-se ou manter-se no armário torna-se uma autêntica ‘escolha de Sofia’. (CARVALHO & MACEDO JUNIOR, 2019, p. 149-150)

Importante ressaltar que estes “espaços permitidos” sempre foram historicamente ocupados por indivíduos LGBTQ, principalmente pelas pessoas transvestigêneres que encontraram nestes espaços uma forma de existirem na marginalização estereotipada que carregam - aumentada com a ideia errônea da disseminação do vírus da AIDS exclusivamente por este grupo, a partir dos anos 1980 no Brasil.²⁹

Além disso, por ser uma reprodução de mecanismos dominantes e dinâmicas sociais, a cidade também se torna palco para as violências contra LGBTQs ao passo que define condutas apropriadas ou não para os seus espaços. Se a rua e a cidade, enquanto espaço coletivo de trocas e práticas diversas, representam o medo e o risco de existência para uma parcela desta sociedade que a utiliza, é preciso refletir sobre a construção destes espaços enquanto espaços de sociabilidade. Se, em teoria, a cidade tem de ser um espaço livre de discriminação e que inclui respeito às minorias, porque nós LGBTQs nos sentimos tão vulneráveis em espaços urbanos que não são declaradamente “nossos”?

Por que estamos restritos a ambientes que nos acolham, ainda que sejam estes ditos “espaços permitidos” que o senso comum relaciona à escória, à vulgaridade etc.? O discurso de aceitação binário faz com que o “armário” seja um ambiente necessário e também reforçado para proteção de indivíduos LGBTQs, numa clara tentativa de nos ocultar e silenciar para sufocar nossas práticas e vivências. Para alguns de nós,

²⁹ O primeiro caso de HIV noticiado no país foi registrado via Boletim Epidemiológico em 1980. Em 1981, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA publica notícia sobre 2 casos de pneumonia causada por um câncer raro, nomeando a doença que hoje chamamos de HIV como GRID (Gay Related Infectious Disease) - em tradução livre: doença infecciosa relacionada a gays. Posteriormente, o termo “câncer gay” foi amplamente utilizado. (ver HISTÓRIA, s.d.)

o armário pode ser uma questão de sobrevivência; “a violência de gênero está enraizada de forma profunda e persistente na trama social” (VON SMIGAY, 2002) e as notícias nos jornais não mostram apenas nossas mortes e suicídios, mas também que nossos pais, mães, irmãos e irmãs nos violentam. Assim, entramos em zonas de vulnerabilidade, precisando de apoio e buscando nossas redes (ROSENEIL, 2006), que nos acolhe, mesmo que muitas das vezes nem eles saibam como. Para Butler (2009 apud EFREM FILHO, 2016), tornar visível essa violência traz ao conhecimento público as vulnerabilidades das “vidas precárias”.

Convivemos com um ethos perverso imanente à sociabilidade capitalista que cerceia a liberdade, a justiça, o direito de amar, que impede a fruição dos espaços públicos pelos homossexuais, lésbicas, pelas travestis e por transexuais. Há uma “velada” e muitas vezes explícita proibição do namoro, da paquera, da singela e simbólica ocupação do banco da praça por casais de pessoas LGBT e estes indivíduos são cerceados e, por vezes agredidos, no posto de saúde, nos hospitais, nas escolas e no mercado de trabalho. (SILVA & SANTOS, 2015, p. 514-515)

Desculpa o desabafo. Há momentos em que o café desce mais amargo enquanto a conversa se desenrola no sofá da sala. “Já vai embora? Que isso, ainda tá cedo”. Isso é o que a gente diz por educação, quando, na verdade, a gente quer ter aquele momento de descanso, onde não tem mais que fazer as aparências - o famoso “fazer sala” - e pode colocar o pé pra cima do sofá pra ver um pouco de TV pra desopilar.

Já vou te pedir desculpas porque mesmo enquanto a gente está aqui, usando essa sala de estar como uma sala de TV - conceitos que só existem em determinadas casas, mas quem sou eu pra definir em que casa estamos? -, eu vou precisar continuar o assunto que fez todo mundo levantar e ir embora. Pensa nisso como aquele momento em que você ainda tem que juntar todas as xícaras, copos, pratos e talheres usados e enfrentar já já aquela pia da cozinha. Mas fica à vontade, pode descansar, a Netflix já tá logada aí na TV. Usa o perfil de convidado, por favor, tá?

O QUADRO BONITO: a ocupação da cidade através do se fazer ver

Com o tempo, passamos por um processo de gentrificação e ressignificação de espaços urbanos, fazendo com que esses lugares antes tidos enquanto “espaços permitidos”, passassem a ter uma vida social urbana ativa e turística, inclusive para a

atual juventude LGBTQ. A fim de trazer um exemplo de um desses espaços, me aproximo de um recorte territorial do que eu conheço e me é familiar. O bairro da Lapa se caracteriza enquanto berço boêmio carioca, espaço de liberdade e vida no centro da cidade. Com a modernização de espaços da cidade do Rio de Janeiro a partir dos anos 1940, a boemia da Lapa entra em decadência e o bairro passa a ser visto como inseguro e um espaço de vadiagem. A resistência deste bairro vem através da figura simbólica de Madame Satã, considerada a rainha subversiva da Lapa.

E a Lapa se apresentava como esse gueto underground, onde as pessoas tinham maior liberdade para serem quem realmente são. Ali naquele território era permitido que essas minorias ocupassem os seus lugares e exercessem a sua sexualidade de forma livre onde a "fiscalização" seria teoricamente menor. Portanto, a Lapa era um território de permissividade e subversão diferentemente de outras áreas da cidade que apresentavam características mais tradicionais. (VIEIRA, 2019, p. 39).

E, mesmo com a reinvenção e retomada urbana e boemia da Lapa a partir dos anos 1990 e 2000, o histórico LGBTQ criado com/por Madame Satã e todas as “bichas” que ocuparam este espaço, até então abandonado, permeiam a construção simbólica da Lapa no imaginário carioca e fazem com que o bairro seja um desses exemplos de espaço permitido.

Sendo assim, podemos dizer que há uma preocupação geracional quanto à ocupação de espaços públicos pela comunidade LGBTQ como forma de (r)existência e militância. Como dito por Lopes *et. al.* (2019), “a noção de sobrevivência (...) é também um conjunto de táticas e estratégias que correspondem apenas em parte à noção corrente de resistência” (LOPES *et. al.*, 2019, p. 20), mas que necessita saber a hora de negociar e a hora de enfrentar (SANTOS, 2002 apud LOPES *et al.*, 2019, p. 20).

Desta forma, mesmo a ocupação de áreas comuns, como o Teatro Odisseia ou a Praia de Ipanema - também dentro do recorte geográfico do Rio de Janeiro -, que são espaços de socialização e entretenimento, pode ser vista como uma forma de resistência em negociação. De mostrar à sociedade que aqueles corpos existem e sobrevivem para além dos sentidos comuns de balbúrdia, promiscuidade e insalubridade. De construir espaços outros que sejam relacionados e identitários para a comunidade LGBTQ, ressignificando estas áreas comuns com usos particulares e também coletivos - ao exemplo do Posto 9 da Praia de Ipanema que, enquanto território, passou a concentrar muito mais público LGBTQ e hoje em dia é um ponto

reconhecido na cidade do Rio de Janeiro, onde inclusive o comércio local dialoga com o chamado *pink money*³⁰.

Ainda que continue sendo importante a resistência pela negociação, tem sido cada vez mais urgente a resistência pelo enfrentamento. Faz-se necessário entendermos que a cidade precisa existir para além dos edifícios, que é urgente torná-las mais humanas, sem deixar de lado a característica de serem também um palco constante de disputas objetivas e subjetivas que buscam remodelar estes espaços urbanos. Daí o foco cada vez maior na questão da representatividade, englobando também os altos cargos políticos, buscando quem nos defenda e pense em nós para além de um acúmulo capital ou estatísticas de morte.

E essa é uma pauta atual, que pode ser mantida pelas próximas gerações na militância LGBTQ ou não e que surge justamente a partir dessa negação ao espaço e ao uso da cidade por esses indivíduos. Daí a força e importância das Paradas do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo a segunda a maior do mundo; um movimento antes de tudo político, de ocupação de grandes metrópoles brasileiras. Uma celebração do movimento e da cultura LGBTQ que, ainda que esteja claro do que se trata, também recebe uma série de ataques políticos e sociais anualmente. Ou seja, além do esforço para realização do evento em si (talvez não em São Paulo, uma vez que a Parada de São Paulo foi abraçada pelo capital, com diversas empresas disputando patrocínio, buscando se aproximar do consumo ideológico do *pink money*), precisamos lidar também com os ataques e ameaças durante a celebração de quem somos^{31 32}.

O POTE SEM DONO: o que é meu e o que eu tomo pra mim

Eita, essa chuva que começou do nada? E você nem trouxe guarda-chuva, né? Quando você estiver indo embora, eu te empresto um que eu tenho aqui, que eu não faço ideia de quem seja o dono. Pois é, apareceu aqui esses dias depois de uma confraternização que fizemos. Aliás, aqui em casa sempre tem alguma coisa que não

³⁰ Termo que ilustra, figurativamente, o dinheiro gasto por pessoas LGBTQ de forma ideológica, em produtos e marcas que dialoguem com as pautas do movimento. Ver mais em GALVÃO, 2019.

³¹ Disponível em: <<https://www.une.org.br/2012/09/estudante-sofre-ataque-de-homofobico-apos-11%C2%AA-parada-gay-da-bahia/>>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

³² Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/ativista-sofre-ataque-homofobico-no-centro-de-sp-09032016>>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

pertence a ninguém. Já esqueceram chinelo, toalha, carregador de celular, guarda-chuva, mas, sem dúvida, o que mais esquecem são potes.

Às vezes eu consigo devolver ao dono, mas não é bem uma regra. E aí vai passando um tempo e aquele pote bonitinho tá ali no armário à disposição, então acabo colocando pra uso mesmo. Mas, enfim, tudo isso pra dizer que não tem problema nenhum você levar esse guarda-chuva aqui, o mais importante é você não se molhar. Mas vamos voltar ao assunto.

É a partir desta rotulação e buscando a resistência do seu grupo, que estes considerados “desviantes” se apropriam do que lhes é dado ou tomam para si lugares que não são seus, ressignificando-os (CERTEAU, 1998). A partir de agora, busco dar foco aos diversos tipos de casas e espaços compartilhados enquanto lares, tentando destacar justamente o aspecto de ressignificação da estrutura da casa como abordado anteriormente. Não me interessa propriamente por uma linha cronológica, mas sim pelas características de cada ressignificação que acredito fazer parte do que estamos cunhando enquanto o conceito de uma casa de acolhimento LGBTQ.

Aqui destacarei apenas alguns usos alternativos da estrutura habitacional e das renovações sobre o conceito de lar, mas entendo que há muitas outras formas de se ressignificar o espaço da casa. Acredito que as aqui destacadas me ajudarão a entender as características que estou considerando norteadoras para a definição de uma casa de acolhimento LGBTQ, ainda que suas características particulares não sejam todas reutilizadas por estas novas instituições. Afinal, como diz Iendrick (2019), "quando nos referimos a um ambiente outro como casa, é possível entender que existem semelhanças entre este e a casa propriamente dita. Essas semelhanças são construídas a partir dos regimes de domesticidade." (IENDRICK, 2019, p. 156)

Para iniciar o nosso pequeno percurso por entre as ressignificações de casas, volto à virada do século XIX para o século XX, quando da instituição das primeiras habitações coletivas: as casas de alugar cômodos ou casas de cômodos, que posteriormente ganharam o nome de cortiços.

Nesta época a estrutura urbana se resumia na aglomeração de atividades e populações no núcleo; só lentamente os transportes coletivos viabilizariam a expansão e o espaço começaria a se especializar, definindo áreas centrais (comerciais), residenciais e industriais. Em resposta à crise habitacional que se agravava, foi no centro que se multiplicaram as moradias possíveis para esta população: as habitações coletivas. (VAZ, 1994, p. 582).

Segundo o Dicionário Michaelis, o principal significado para a palavra cortiço é “caixa cilíndrica feita de cortiça ou de casca de qualquer outra árvore, destinada a alojar colônias de abelhas para a produção de mel e cera; colmeia” (CORTIÇO, 2021). Se pensarmos no uso prático dessas casas de cômodos, é fácil de realizar a associação que justifica o uso deste termo para a habitação coletiva. As estalagens, quase sempre minúsculas, foram criadas principalmente para abrigar a mão de obra de forma barata, causando uma aglomeração de pessoas vivendo em um coletivo que, de certa forma, sempre esteve em zumbidos.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo (...) No confuso rumor que se formava, destacando-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. (...) Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. (AZEVEDO, 1998, p. 22)

Estas construções se multiplicaram pelas grandes metrópoles em resposta à procura por trabalhos assalariados, possibilitando o ganho de bons rendimentos por parte dos proprietários de prédios e terrenos, quase sempre comerciantes ou burgueses como João Romão - personagem do romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo.

Logo os cortiços foram largamente associados a condições de habitação insalubres, seja pela quantidade de pessoas em um mesmo espaço, ou pelas condições físicas destes espaços - falta de iluminação, deterioração física das estruturas, falta/pouco saneamento, entre outros - “e por este motivo foram condenadas a desaparecer, substituídas por habitações higiênicas” (VAZ, 1994, p. 583).

Lilian Fessler Vaz (1994) traça um panorama histórico em diversos trabalhos sobre a progressão das habitações coletivas se detendo especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Começando com as casas de cômodos/cortiços, passando pelas vilas operárias, as favelas e, por fim, os edifícios/apartamentos. Para esta pesquisa, no entanto, focarei apenas no início deste panorama - os cortiços -, principalmente sob a lógica das vivências insalubres.

Claro que houve uma série de mudanças tecnológicas, estruturais e sociais na construção das cidades e, portanto, o que Vaz (1994) aponta enquanto condições insalubres dos cortiços do início do século XX, não necessariamente representam o

que entendemos enquanto as possibilidades de insalubridades atuais. Obviamente que isso não exclui, também, as condições postas já no século XX - como, por exemplo, a falta ou pouco saneamento básico em diversos espaços do território, inclusive as favelas e subúrbios.

O segundo exemplo de ressignificação, os lares de acolhimento, talvez seja o mais simples e fácil de associar com uma casa de acolhimento LGBTQ, uma vez que atuam de maneira similar, a princípio.

Até 1990, estas instituições eram chamadas de orfanatos, reformatórios ou internatos, caracterizados pelo acolhimento de crianças em estadia permanente. “Dessa forma, crianças com diferentes histórias e situações eram acolhidas nestas instituições e vistas como perigosas ou coitadinhas, devendo circular pouco na comunidade e serem “reformadas” a partir da rotina e educação rígidas” (ORFANATOS, 2017, n.p.).

Com a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, os critérios para acolhimento destas crianças e jovens em situação de vulnerabilidade sofreram grande mudança. Além da renomeação destes tipos de espaços para lares de acolhimento, a missão destes torna-se um acolhimento provisório a fim de garantir os direitos previstos no Estatuto.

Trata-se de uma arquitetura de emergência, que incorpora uma resposta rápida à necessidade de abrigo ou habitação de caráter provisório às populações vítimas de catástrofes (SILVA, 2013, p. 17-18). É importante frisar também que se trata de uma arquitetura similar à casa justamente pela domesticidade e que se relaciona diretamente com a noção de família ou a falta de uma família.

Nosso próximo exemplo de ressignificação, o quilombo, está pouco relacionado com a ideia de uma casa, devido ao marco histórico e simbólico que representa. Superficialmente, aprendemos na escola o senso comum geográfico de quilombos enquanto aldeias ou agrupamentos de escravos refugiados. No entanto, como nos diz Abdias do Nascimento (1980), “quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. (NASCIMENTO, 1980, p. 263). E essa, pra mim, é uma ótima definição para uma casa ou um lar.

Apenas no final do século XIX que o quilombo recebe um significado diferente, trazendo-o para o cerne ideológico e de luta contra formas de opressão, além da

preservação de uma herança cultural e social de um povo. “Esta passagem de instituição em si para símbolo de resistência mais uma vez redefine o quilombo” (NASCIMENTO, 1985, p. 122).

quilombo passa [a] ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade. (NASCIMENTO, 1989 *apud* RATTS, 2006, p. 53).

Esta nova conotação coloca o sujeito enquanto importância, reconhecendo sua luta por melhores condições de vida, uma vez que faz parte dessa mesma sociedade.

Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. (...) Eu tenho a direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico (...). A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (ÓRÍ, 1989)

O quarto exemplo de reapropriação, os terreiros e casas de santo, trazem um elo próximo com a questão da família - ainda que não se trate especificamente dos modelos familiares tradicionais estipulados pela burguesia. Além disso, de forma histórica, após os quilombos, “foi na formação dos terreiros e casas de candomblé que o negro pode (..) traçar novos rumos para a construção da sua identidade”. (FALCÃO, 2016, p. 100).

O elo familiar, como destacado acima, é preservado na figura dos pais e mães-de-santo, através da influência exercida sobre seus filhos e filhas de santo, independentemente de qualquer papel social que estes exerçam fora dos terreiros (FALCÃO, 2016), bem como o respeito que esta relação pressupõe. A domesticidade e a vivência nos ilês³³ é composta por diversas pessoas de diferentes origens, que podem ou não ter vínculos primários sejam familiares ou de amizade, mas que convivem sob um mesmo lar, com regras estipuladas pelos pais e mães-de-santo. Para Iendrick (2019), as socializações nos regimes de domesticidade particular que cada um carrega e traz para os ilês, “podem variar e resultar em algumas tensões” (IENDRICK, 2019, p. 157). E estas tensões não existem, também, na tradicional família nuclear burguesa?

³³ Termo também utilizado para falar de terreiros e casas de santo.

o terreiro não apenas recria uma estrutura familiar particular - que pode se mostrar um meio poderoso para inserir novos membros -, como incorpora, também, familiares de adeptos, compondo-se de redes cruzadas de parentesco de sangue e afinidade (RABELO, 2014, p. 63 *apud* IENDRICK, 2019, p. 153)

Um outro aspecto importante dos terreiros e casas de santo é que, independentemente da aplicação de nomenclatura de “casa” ou “ilê”, os espaços sempre se referem a um lugar de memória, origens e tradições (BARROS, 2010 *apud* IENDRICK, 2019). Ainda de acordo com Iendrick (2019), “o termo ‘casa’ é utilizado pelos membros do candomblé para se referir especificamente a uma única comunidade-terreiro como unidade doméstica; é a casa como ambiente da família”. (IENDRICK, 2019, p. 150)

Desta forma, chegamos ao nosso último exemplo de reapropriações da casa e que nos apresenta alternativas de habitação deste espaço, até então, doméstico. As casas de *ballroom* nos permite enxergar um recorte LGBTQ+, que leva em consideração diversos fatores dos exemplos anteriores, mas que foca principalmente na questão das famílias de escolha. Roseneil (2006) propõe o conceito de “práticas de família”, no qual a família poderia passar a ser uma escolha ou uma rede de pessoas que fornece amor, cuidado e apoio.

A cultura de *ballroom* consiste em duas características principais: estruturas semelhantes às de uma família, chamadas de casas; e os bailes competitivos e extravagantes que elas produzem. (...) Lideradas por mães e pais, as casas funcionam como famílias, cujo objetivo principal é organizar bailes elaborados e prover suporte para seus filhos competirem nestes bailes, bem como para sobreviver na sociedade, como membros marginalizados de suas comunidades de origem. As casas oferecem aos seus filhos várias formas de suporte social, uma rede de amigos e um ambiente social que permite a liberdade de gênero e expressão sexual. Em última análise, as casas dentro da comunidade de ballroom constituem "lares" figurativos e, às vezes, literais para a diversidade dos membros envolvidos nelas. (ARNOLD e BAILEY, 2009, p. 174, *tradução nossa*)

Estas famílias firmadas através das casas de *ballroom* não podem ser consideradas uma típica família nuclear, nem mesmo tradicional. Para Fernández (2020), estas famílias são configuradas socialmente, mas podem preservar alguns valores presentes nas famílias tradicionais “como, por exemplo, a preocupação com educação e o apoio da esfera familiar” (FERNANDÉZ, 2020, p.165, *tradução nossa*).

A cultura de *ballroom* é muito forte como uma cena underground LGBTQ+ estadunidense, tendo sido fundada por mulheres trans negras e de onde surgem as gírias que a comunidade LGBTQ+ utiliza para se expressar - principalmente homens gays brancos (LEGENDARY, 2020). Tanto no documentário *Paris is Burning* (1990) quanto na série televisiva *POSE* (2018), é também destacada a busca pela glória e reputação quando se trata de competir nos bailes.

Os bailes são mais ou menos como nossa fantasia de sermos famosos. Como o Oscar ou estar numa passarela modelando, ou algo do tipo. Estas crianças que frequentam os bailes, não têm nada. Alguns não têm nem o que comer, vêm para os bailes com fome. E dormem na rua ou num píer. Eles não têm uma casa para ir; saem, vão roubar algo para se vestir e vêm ao baile por uma noite para viver a fantasia. (*PARIS IS BURNING*, 1990, tradução nossa)

Por falar diretamente com o mesmo público - pessoas LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade -, acredito que a casa de *ballroom* é o exemplo mais próximo e que maior gera referencial para pensarmos em uma casa de acolhimento LGBTQ+. A formação destas novas práticas de família (ROSENEIL, 2006) é, muitas das vezes, o último e único refúgio que um jovem expulso de casa por ser LGBTQ+ pode encontrar. Em *Paris is Burning* (1990), o depoimento da *drag queen*³⁴ e performer Pepper La Beija sobre a composição destas famílias chama atenção para esta característica de refúgio a qual me refiro.

Muitos destes jovens que encontro, eles têm histórias tristes. Lares desestabilizados ou nenhum lar. E os que têm família e a família descobre que são gays, expulsam-no

(...)

Quando se é rejeitado pelo pai, pela mãe, pela família, eles vão para o mundo. Eles procuram. Procuram alguém para preencher o vazio. Sei disso porque crianças vieram até mim e se apoiaram em mim como se eu fosse a mãe ou pai deles, porque eles podem conversar comigo. Eu sou gay e eles são gays. É onde esse negócio de "ser mãe" entra. Porque os pais biológicos sempre dificultam muito a vida deles, então eles vêm até mim para preencher este vazio. (*PARIS IS BURNING*, 1990, tradução nossa)

Partindo destes exemplos de apropriações, me basearei nos aspectos que norteiam estas alternativas de habitação do espaço, para buscar estruturar o que passaremos a chamar de casas de acolhimento LGBTQ+ nesta pesquisa.

³⁴ Artistas performáticos, estilizando um comportamento dito da feminilidade, de forma exagerada. Comumente tratam-se de homens cisgêneros gays, mas não se limita a qualquer expressão de gênero ou orientação sexual.

Casas de acolhimento LGBTQ+, em primeiro momento, serão guiados pelos seguintes direcionamentos:

1. A noção de uma construção de habitação coletiva, frequentemente lidando com situações insalubres por se tratarem de ocupações sociais de espaços outros que não são preparados para um grande número de integrantes, ou que sequer são espaços próprios.
2. A lógica temporária dos lares de acolhimento também se faz valer. Casas de acolhimento LGBTQ+ são arquiteturas de emergência que respondem à necessidade de abrigo ou habitação em caráter provisório.
3. São frutos de reuniões fraternas e livres, que buscam a comunhão de interesses e a solidariedade - tanto entre moradores, quanto de maneira externa. Por conta da falta de apoio, principalmente financeiro, por parte do Estado, depende da solidariedade de outros para com os seus espaços e moradores.
4. São práticas de família, mas ainda dependem de uma figura de domesticidade que ordene e inflija respeito. Por ser composta de pessoas diversas, com origens diferentes, é também um espaço de tensões.
5. É, ainda, um lugar de memória, resistência e luta. De fazer valer os direitos e de lutar e resistir pela comunidade LGBTQ+. Ou lutar pelo seu direito de ocupar - no caso de espaços estabelecidos através de apropriação.
6. Tem o seu acolhimento definido em favor de seus semelhantes, expulsos de suas casas nucleares, em busca de refúgio. Recupera os valores familiares que são tidos como básicos: o cuidado e o afeto.

Com essas características definidas acima, no próximo capítulo abordarei as experiências de algumas casas de acolhimento LGBTQ+ em funcionamento no país, buscando afunilar ainda mais a definição deste conceito através do entendimento prático do mesmo.

CAPÍTULO 3

“NÃO ME FALTA CASA, SÓ FALTA ELA SER UM LAR”³⁵

*“Desde que tenho lembranças,
vou para a cozinha
quando preciso de carinho,
ou me sinto sozinha,
ou jururu”
(Paola Carosella, s.d.)*

O passeio por este trabalho-casa não estaria completo sem passarmos pela cozinha, é claro. Eu sempre gostei muito de estar na cozinha. Nas minhas casas, as cozinhas nunca foram grandes espaços, mas, ainda assim, sempre foram muito magnéticas. Gosto de pensar na ancestralidade por trás de um lugar que provê alimento, que resguarda o fogo, que pode machucar com suas facas afiadas, mas que sempre traz aconchego - ainda que a receita dê errado e a comida vire uma gororoba ou a gente acabe pedindo uma pizza.

Mais do que o espaço em si, gosto muito do ato de cozinhar. Acho que é um dos atos mais bonitos de entrega entre as pessoas. Cozinhar para (ou receber a comida de) alguém é um verdadeiro gesto de amor, bonito, poético; um presente. Conforme eu me mudei e me afastei da minha família nuclear, a cozinha se tornou um refúgio. Um lugar onde eu me desligo do mundo e de todas as outras tantas pessoas que moraram comigo para focar unicamente em mim. Sempre com um fone de ouvido com música, uma série ou mais um episódio de um reality show qualquer. Achei que estar na cozinha seria uma ótima forma de encerrar nosso trajeto.

Entendendo o conceito de casas de acolhimento conforme guiado no capítulo anterior, passo a propô-las enquanto uma heterotopia: “espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade” (FOUCAULT, 1986, p.3), a partir do momento que ressignificam a casa, que antes foi um espaço de abandono para os que acolhem, para um espaço que promova reinserção, formação, preparo, resistência e afeto; “utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos” (FOUCAULT, 1986, p. 3). Busco apontar,

³⁵ Trecho da música “A casa é sua”, composta por Arnaldo Antunes e Ortinho. Ficou conhecida na voz de Arnaldo Antunes.

também, sobre o uso destes lugares por estes indivíduos expulsos de suas casas ou em situação de risco, além da importância da existência destes locais de acolhimento e refúgio.

Também neste capítulo, me apoio em exemplos práticos de uma casa de acolhimento LGBTQ com recorte de grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, como a Casa Nem (RJ), a Casinha Acolhida (RJ), a Casa 1 (SP) e a Casa Chama (SP), como forma de trazer à discussão características próprias destes espaços a fim de chegar a um denominador comum que fortalecerá o conceito anteriormente proposto.

Foucault (1986) define as heterotopias de acordo com duas categorias: de crise e de desvio. Aqui, proponho entender as casas de acolhimento LGBTQ enquanto heterotopias de crise. Segundo o autor, uma heterotopia de crise são “lugares privilegiados ou sagrados ou proibidos, reservados a indivíduos que estão, em relação à sociedade e ao ambiente humano que ocupam, numa situação de crise” (FOUCAULT, 1986). Em relação ao nosso objeto de estudo, define-se a crise a partir da situação de vulnerabilidade após expulsão de casa pela família ou a situação de rua em que se encontram.

Segundo Victor Madrigal-Borloz e Leilani Farha (2019), relatores da ONU, jovens LGBT estão representados em grande número na população em situação de rua devido à reprovação familiar, “intolerância religiosa e cultural, que pode incluir violência sexual e de outras formas (...) podem forçá-los a sair de casa — o que os torna mais vulneráveis a ainda mais violência e discriminação” (MADRIGAL-BORLOZ & FARHA, 2019). Os relatores citam ainda que episódios de discriminação em espaços públicos e de ensino também são fatores determinantes, “que resulta em taxas de abandono que são mais altas do que a média e tem consequências severas, de longo prazo, para o seu projeto de vida” (MADRIGAL-BORLOZ & FARHA, 2019).

Por mais que falemos cada vez mais em liberdade de expressão e direitos humanos, e caminhemos a duros passos nos entendimentos acerca de gênero – sendo uma performance do sujeito (BUTLER, 2002) e também constituinte de sua personalidade (LOURO, 1997) -, ainda é uma batalha pessoal viver enquanto sujeito LGBTQ; vivemos em uma sociedade não só heterossexual, como notoriamente heteronormativa (BUTLER, 2003). Somos rechaçados da sociedade e vistos como marginais dentro do coletivo social, alvo de chacota, humilhação, preconceito e

violência. Vivemos em um país onde uma pessoa transexual tem 17 vezes mais chances de ser morta do que um homem gay, graças a uma cultura transfóbica³⁶ e heteronormativa. Um número que deveria estar caindo e tendo maior atenção dos governos³⁷ se torna apenas números e casos esquecidos de mortes, suicídios e atrocidades, muitas vezes cometidas e capturadas em vídeos ou imagens compartilhadas por muitos, mas sem resultados de punição aos agressores.

Dentre os princípios descritivos das heterotopias, para Foucault (1986), está que “uma sociedade, à medida que a sua história se desenvolve, pode atribuir a uma heterotopia existente [a casa] uma função diversa da original” (FOUCAULT, 1986, p.4) e que uma heterotopia “consegue sobrepor, num só espaço real, vários espaços, vários sítios que por si só seriam incompatíveis” (FOUCAULT, 1986, p. 5).

É importante dizer que as casas de acolhimento, ainda que inclusivas, não são espaços públicos. Criam-se regras outras que determinem o bom convívio e até mesmo o caráter transitório facilita que o seu uso e acesso sejam priorizados a quem interessa. Barbosa (2018), quando fala especificamente da Casa Nem - um dos exemplos de casa de acolhimento LGBTQ que abordaremos nos itens que se seguem -, cita as múltiplas possibilidades funcionais dadas ao espaço casa através dos acolhidos em uma casa de acolhimento LGBTQ.

Ali é casa sim. Espaço sacralizado por aquelas pessoas. Espaço seguro, de comemorações, de vivências, de afetos. E também, como toda casa de família, espaço de brigas, desentendimentos e aprendizado. A Casa Nem é um lugar praticado diariamente. E tem que ser praticado, porque se não for, deixa de existir. A Casa nunca deixa de ser Casa. Assim como as nossas próprias casas, recebe amigos para festas, para refeições, para encontros e eventos diversos. Quando está sendo praticada, vira festa, vira curso, vira ateliê, mas, não deixa nunca de ser Casa. (BARBOSA, 2018)

Muitas casas de acolhimento LGBTQ no Brasil são ocupações de espaços outrora abandonados nas suas respectivas cidades. E, justamente quando ocupam estes espaços instituídos ou abandonados na cidade, chamam atenção da sociedade, que passa a demonstrar sua falsa preocupação com o patrimônio da casa e a estrutura

³⁶ Que abomina o rompimento com os papéis pré-estabelecidos de gêneros, ou seja, onde “a transexualidade passa a representar um perigo [...] à medida que reivindica o gênero em discordância com o corpo-sexuado” (BENTO apud PATRIOTA, 2018).

³⁷ Eduardo Michels, responsável pela hemeroteca do Grupo Gay da Bahia (GGB), chama isto de homofobia institucional, “quando os Governos não garantem a segurança dos espaços frequentados pela comunidade LGBT ou vetam projetos visando a criminalização da homolesbotransfobia” (GGB, 2018)

física em estado deplorável, numa clara discriminação com o uso que está sendo dado por estes projetos. Questões que não pareciam relevantes ou mobilizadoras de questões sociais, se tornam, a partir das ocupações por estes grupos ditos “desviantes”.

Durante uma das ocupações feitas pela Casa Nem em um sobrado em Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, o presidente da Sociedade de Amigos de Copacabana disse estar preocupado com o estado físico do prédio: “Não temos o que fazer. A área já foi interditada, pois teve reboco que caiu e machucou um pedestre. Não sabemos como estão lá dentro, se tem gás, se estão usando botijão e se a água e a luz são irregulares.” (ARAÚJO, 2019). A verdade é que pensar no uso dado ao prédio, com a circulação daqueles indivíduos e seus símbolos, é como uma ferida na reputação e no consequente poder simbólico carregado pela alta sociedade carioca costumeira no lugar.

Camila Cetrone (2020) deixa ainda mais evidente o incômodo que a Casa 1 - casa de acolhimento LGBTQ fundada por Iran Giusti, em São Paulo; falaremos dela a seguir - provocou no período de sua instituição no bairro de Bela Vista, um dos mais tradicionais e importante do centro de São Paulo.

Olhares tortos foram, são e sempre serão lançados por quem está do lado de fora. No começo, quando vinte corpos, de maioria preto e trans, começaram a caminhar pelo bairro, ficou evidente que “a culpa” era da Casa. Com oito a dez meses de projeto, vieram as “encheções de saco”. “Daí entenderam que a gente ia ficar aqui, cada dia mais viado”, diz Iran [Giusti]. (CETRONE, 2020).

As ocupações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)³⁸, que são realizadas em espaços públicos e dentro da renovação de utilidades daqueles espaços, também recebem um tratamento de falsa preocupação, carregado de hostilidade e por vezes literalmente brigas, sendo pejorativamente chamadas de “invasão de propriedade”, “roubo de terras” e “organização terrorista”. Na verdade, é “um movimento que evoluiu para uma organização que também milita a favor da agroecologia em contraposição ao modelo do agronegócio” (BETIM, 2018) e que promove ocupações em terras consideradas improdutivas, com produção voltada, majoritariamente, para subsistência do grupo.

³⁸ “Atualmente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra organiza-se em 24 estados por todo o país, é composto por mais de 350 mil famílias, possui mais de 2 mil escolas públicas em seus acampamentos e é responsável pela maior produção de arroz orgânico da América Latina.” (MORAES, 2019)

Começa com militantes e sem-terra do MST ocupando propriedades rurais que não cumprem uma função social determinada pela Constituição, isto é, que está improdutiva, comete crimes ambientais ou foi autuada por trabalho análogo à escravidão, entre outras irregularidades. (BETIM, 2018)

Entendemos que as casas de acolhimento LGBTQ atuam de forma similar, promovendo estas ocupações ressignificantes de um espaço em desuso, mas não se limitando ao fator primário de sua definição, que é abrigar e “dar um teto”, mas também abarca outras lutas e pensamentos diversos na sua prática.

Sendo assim, buscando também observar na prática os eixos norteadores da definição de casa de acolhimento LGBTQ que estamos cunhando neste trabalho-casa a partir dos diversos usos da casa, conforme o final do capítulo 2, apresentaremos abaixo quatro exemplos de casas de acolhimento LGBTQ em funcionamento no país. Buscamos trazer os seus históricos de formação, suas autodefinições e também os diversos usos que atravessam o objetivo primário da moradia. Acompanhando o recorte urbano de grandes metrópoles, como apontado anteriormente, selecionamos duas casas da cidade do Rio de Janeiro (Casa Nem e Casinha Acolhida) e duas casas da cidade de São Paulo (Casa 1 e Casa Chama).

No entanto, antes de aprofundar os exemplos de casas de acolhimento LGBTQ recortados neste capítulo, optamos por resgatar um dos objetivos primários desta pesquisa, que era levantar e reunir dados sobre os projetos de casas de acolhimento LGBTQ em todo o país. Dessa forma, ainda que não exploremos suas definições e traga estas casas para a discussão deste trabalho, pontuamos o crescimento do movimento social em torno da acolhida de indivíduos LGBTQ. Estamos falando de projetos mantidos majoritariamente por doações e trabalho voluntário, presentes em todas as regiões do Brasil e que foram criados a partir de 2018 em sua maioria - ano em que Jair Bolsonaro ganhou as eleições presidenciais, com um discurso extremamente violento sobre a população LGBTQ e que deu início a uma corrente “Ninguém solta a mão de ninguém”.

Ainda assim, são projetos que cotidianamente precisam reforçar a seriedade de seus trabalhos, que é posto em dúvida até mesmo pelos que buscam ajudar através de doações. Por isso, também na iniciativa de fazer conhecer estas casas, reúno as que encontrei durante esta pesquisa:

- Centro de Referência LGBT³⁹ - Campinas, SP (desde 2013);⁴⁰
- Casa Florescer⁴¹ - São Paulo, SP (desde 2016);⁴²
- Casassa⁴³ - Presidente Prudente, SP (desde 2017);⁴⁴
- Casa Sem Preconceitos⁴⁵ - Campinas, SP (desde 2017);
- Casa Transviver⁴⁶ - Recife, PB (desde 2018);
- Casa Miga⁴⁷ - Manaus, AM (desde 2018);
- CasAmor Neide Silva⁴⁸ - Aracaju, SE (desde 2018);
- Casa Satine⁴⁹ - Campo Grande, MS (2018);
- Casa Rosa⁵⁰ - Brasília, DF (desde 2018);
- Casa Neon Cunha⁵¹ - São Bernardo do Campo, SP (desde 2018);⁵²
- Casa Aurora⁵³ - Salvador, BA (desde 2019);
- Coletivo Arouchianos⁵⁴ - São Paulo, SP (desde 2019);
- ONG TransVest⁵⁵ - Belo Horizonte, MG (desde 2019);⁵⁶
- Casa TransFormar⁵⁷ - Fortaleza, CE (desde 2019);
- Casa Dulce Seixas⁵⁸ - Nova Iguaçu, RJ (desde 2019);
- ONG Construindo Igualdade⁵⁹ - Caxias do Sul, RS (desde 2021);

³⁹ Ver em: <<https://www.instagram.com/cr.lgbt/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁴⁰ Primeiro serviço público governamental do país a dar assistência à comunidade LGBTQ. Atualmente, conta com 2 unidades na cidade de São Paulo.

⁴¹ Ver em: <<https://www.instagram.com/casaflorescer1/>> e <<https://www.instagram.com/casaflorescer2/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁴² Casa exclusiva para atendimento de mulheres trans e travestis. Apoiada pela SMADS (Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da cidade de São Paulo).

⁴³ Ver em: <https://www.instagram.com/casassa_pp/> Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁴⁴ A casa foi descontinuada em 2020, com a promessa de reestruturação para reconstituição do seu espaço e atividades.

⁴⁵ Ver em: <<https://www.instagram.com/casasempreconceitos/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁴⁶ Ver em: <<https://www.instagram.com/transviver/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁴⁷ Ver em: <<https://www.instagram.com/casamigalgbt/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁴⁸ Ver em: <<https://www.instagram.com/casamorlgbtqi/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁴⁹ Ver em: <<https://www.instagram.com/casasatine/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵⁰ Ver em: <<https://www.instagram.com/casarosadf/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵¹ Ver em: <<https://www.instagram.com/casaneoncunha/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵² O projeto foi criado em 2018, mas só passaram a contar com um espaço físico a partir de 2021.

⁵³ Ver em: <https://www.instagram.com/aurora_casalgbt/>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵⁴ Ver em: <<https://www.instagram.com/arouchianos/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵⁵ Ver em: <<https://www.instagram.com/ongtransvest/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵⁶ ONG criada pela recém eleita Deputada Federal pelo estado de Minas Gerais, Duda Salabert. Duda foi a primeira pessoa transvestigênera a concorrer ao Senado em 2018. Foi eleita vereadora em 2020, sendo a mais bem votada da história de Belo Horizonte. Em 2022, se elegeu como uma das primeiras Deputadas Federais transverstigênera da história do país ao lado de Erika Hilton.

⁵⁷ Ver em: <<https://www.instagram.com/casatransformar/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵⁸ Ver em: <<https://www.instagram.com/casadulceseixas/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁵⁹ Ver em: <<https://www.instagram.com/ongconstruindoigualdade/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

- Casa Abrigo LGBTQIA+ Ricardo Correa Silva⁶⁰ - Araraquara, SP (desde 2022);⁶¹
- Casa de Acolhimento Municipal LGBTQIA Roberta Nascimento⁶² - Recife, PB (desde 2022);⁶³

Além destas, estão também as quatro casas de acolhimento que trabalharemos a seguir. Como explicado anteriormente, optamos por um recorte no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, focando em duas das maiores e mais lembradas casas de acolhimento LGBTQ (Casa Nem e Casa 1) e outras duas que trazem propostas diferenciadas para estas casas enquanto ocupações e centro multifocal. Nos guiaremos através de repercussão de mídia e informações institucionais dos próprios projetos e seus idealizadores. Por conta, inclusive, da necessidade de proteção dos acolhidos por estas casas de acolhimento LGBTQ, encontramos dificuldade em achar depoimentos de moradores ou pessoas que já foram assistidas por estas casas.

CASA NEM⁶⁴

O projeto Casa Nem foi criado pela ativista social transvestigênera Indianarae⁶⁵ Siqueira⁶⁶ - militante pelo direito das putas e da população LGBT há mais de vinte anos - e começou enquanto um curso preparatório para o ENEM voltado para travestis, transexuais e transgêneros fundando em 2015: o PreparaNem⁶⁷. Indianarae

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/junho/30/em-manha-historica-araraquara-inaugura-casa-de-acolhimento-lgbtqia>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁶¹ Obra eleita no orçamento participativo deliberativo da cidade de Araraquara. É a primeira casa abrigo voltada para a comunidade *queer* do interior do estado de São Paulo. Projeto de Lei da vereadora trans Filipa Brunelli.

⁶² Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2022/08/prefeitura-do-recife-inaugura-casa-de-acolhimento-lgbti.html>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁶³ Criada e mantida pela Secretaria de Assistência Social de Recife. Obra realizada a partir de edital de licitação, através dos mecanismos legais públicos.

⁶⁴ Ver em: <<https://www.instagram.com/casanem/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁶⁵ Neste trabalho respeitamos a grafia neutra de seu nome, adotada por Indianarae a partir de 2019. Salientamos, no entanto, que em referências e citações outras, podem constar a grafia anterior: Indianara.

⁶⁶ Indianarae Siqueira, em suas palavras, é “uma pessoa de peito e pau, ser-humano, com direitos de viver na sociedade, em paz, tranquilamente. E ter que ser respeitada como eu sou e sobre o que eu falo de mim. Com direito ao meu corpo, ele é meu, me pertence”. Disponível em: <<https://youtu.be/fopRnEUrjIM>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

⁶⁷ “Um coletivo preparatório para as provas do Enem, vestibulares, universidades e demais concursos para o mercado formal de trabalho, voltado a pessoas em situação de vulnerabilidade de gênero, cujas trajetórias escolares foram marcadas por situações violentas de transfobia,

já foi filiada ao PSOL, por onde concorreu ao cargo de vereadora da cidade do Rio de Janeiro em 2016. Atualmente é filiada ao PT, tendo concorrido e perdido a eleição para vereadora da cidade do Rio de Janeiro em 2020 e, no ano de 2022, concorre ao cargo de deputada federal.

Eu tinha a ideia de fazer cursos, algum tipo de preparatório, de formação, de alfabetização, já que a maioria das travestis e transexuais não eram alfabetizadas naquela época, mas nunca contei com as parcerias certas pra isso, as pessoas queriam sempre institucionalizar, colocar nos editais

(...)

E aí eu fui passando tudo que eu pensava sobre este preparatório: um coletivo, com professores voluntários, que se preocupassem não só em ensinar um conteúdo específico, mas também em compreender aquela realidade daquelas pessoas, se elas estavam comendo, se elas estavam doentes, onde elas estavam morando... tudo isso passou a ser pensado. (...)

O PreparaNem é uma formação social, ele acostuma as pessoas que chegam aqui a conviverem em família, a fomentarem debates. (SIQUEIRA, 2018, grifo nosso)

Com o sucesso do projeto⁶⁸, surge a necessidade por um espaço que respeitasse o mesmo e as múltiplas vivências e corpos que ali frequentavam. Segundo Indianarae, assim foi criada a Casa Nem, em 2016, no bairro da Lapa no Rio de Janeiro. Uma casa de acolhimento e passagem para pessoas LGBT, com grande foco em receber transvestigêneres, além de um pólo de formação e reintegração social destas pessoas, através de cursos preparatórios (o PreparaNem), cursos técnicos (CosturaNem, KuzinhaNem), oficinas e facilidades como atendimento psicológico e acompanhamento nos processos de retificação de documentos⁶⁹.

(...) a Casa Nem é um quilombo, se haviam antes os quilombos, onde os negros antes se refugiavam, e pra onde eles fugiam, mesmo os livres acabavam indo para esses espaços de acolhida, a Casa Nem é esse quilombo LGBT porque es LGBTs que são expulsos no Rio hoje tem pra onde ir, as travestis e transexuais que estavam morando na rua hoje tem pra onde ir, muitas que vinham pro PreparaNem só para a alimentação e para estarem juntas, acabaram encontrando aqui também um lugar aonde morar, então nós temos aqui esse abrigo LGBT. (SIQUEIRA, 2018, grifo nosso)

Além da resignificação do território da casa e das práticas de acolhimento que concernem o esperado de um lar, a Casa Nem - assim como outras casas de

homofobia, machismo e capacitismo do sistema cis-hetero patriarcal, além das diversas opressões para além dos muros da escola” (MIRITICA, et. al., 2016)

⁶⁸ No primeiro ano registrou-se 12 pessoas inseridas na vida universitária e/ou mercado formal de trabalho.

⁶⁹ Termo jurídico utilizado para incluir, excluir ou alterar o prenome ou sobrenome originalmente atribuído a uma pessoa por outro nome. Nesse caso, processos para o pedido de utilização do nome social. Disponível em: <www.encurtador.com.br/hptGV>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

acolhimentos que se instituíram no país - se caracteriza também pela multiplicidade de ações e realizações complementares ao lar.

(...) temos pessoas que são assistidas pela casa, vem, tomam banho, se alimentam, se adiantam em questões de documentação, mas não vivem na casa. Temos as festas para auto sustentabilidade, os debates que são feitos aqui e os movimentos sociais que afluem para esse espaço. Então a casa hoje é uma resistência dentro do Rio de Janeiro. (SIQUEIRA, 2018)

O projeto é criado, em primeiro momento, dentro do espaço instituído pela gestão coletiva da Casa Nuvem, “um espaço de encontro entre pessoas do ativismo criativo, movimento hacker, ciclo-ativismo, experimentação artística e cultura viva” (CASA NUVEM, s.d.). A Casa Nuvem era uma casa de dois andares localizada na Rua Moraes e Vale, nº 18, no Rio de Janeiro; foi alugada em 2012 por quatro pessoas que integravam o Coletivo Nuvem Móvel - coletivo de ciclo-ativismo, criação artística e música. Dentre as atividades realizadas figuram apresentações, debates, mostras de cinema independente, oficinas de silk, oficina de manutenção de bicicletas, fotografia, oficina de música e discotecagem, entre outros⁷⁰. Chegou a ser considerada Ponto Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro⁷¹

Em 2014, iniciaram um processo de gestão coletiva da Casa Nuvem, tendo recebido mais de 30 novos associados, que eram corresponsáveis pela manutenção da casa (seja através do pagamento da taxa de associado, como também por mutirões de limpeza, organização de grupos de trabalho, etc) e poderiam utilizar do espaço para atividades propostas, festas, escritório de trabalho, entre outros usos. Nessa leva de novos associados, Indianarae se junta à Casa Nuvem, onde passa a realizar o PreparaNem, conforme citado anteriormente. Entre o final de 2015 e início de 2016, há um conflito entre Indianarae e demais associados e gestores da Casa Nuvem que culmina no encerramento de atividades e posterior ocupação para formação da Casa Nem.

Os fundadores da Casa Nuvem alegam que Indianarae se apropriou do espaço utilizando-se de assédio moral, ameaças e difamação⁷². A versão da ativista, no entanto, é de que houve uma ocupação a partir de episódios de transfobia e abandono

⁷⁰ Ver mais em: <<https://www.casanuvem.com/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁷¹ Disponível em: <<https://www.lares.ie.ufrj.br/index.php/pt/projetos/pontao-de-cultura/127-casa-nuvem>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁷² Os fundadores mantêm um dossiê completo em site público sobre essa apropriação que eles chamam de golpe. Ver “Casa Nuvem - O golpe” em: <<https://www.casanuvem.com/o-golpe>>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

do espaço⁷³. Fato é que, a partir de 2016, a Casa Nem se institui no mesmo endereço, no Beco do Rato, no bairro da Lapa



FIGURA 1 Casa Nem ocupa a Rua Morais e Vale, nº 18, no Beco do Rato; espaço onde anteriormente funcionava a Casa Nuvem (Foto: Reprodução)

Depois de 2 anos de funcionamento, sem apoio financeiro do governo e dependendo majoritariamente de doações e recursos vindos das festas de auto sustentabilidade promovidas pelas transvestigêneres da própria Casa Nem; somado ao teor crítico da ocupação do prédio no Beco do Rato, a Casa Nem passa pela sua primeira ordem de despejo em setembro de 2018, devido a dívidas contratuais do aluguel do espaço e processo jurídico aberto pelos fundadores da Casa Nuvem junto à Comissão Nacional de Ética do PSOL.

O objeto de disputa envolve, portanto, o espaço físico ocupado pela Casa Nuvem: um prédio reformado, localizado em lugar central no Rio de Janeiro; e bem equipado. Mas, envolve, sobretudo, a disputa por uma simbologia construída coletivamente como espaço de resistência, de referência para as lutas e para uma cultura alternativa de cunho plural e libertário. (RELATÓRIO, 2019, p. 4)

⁷³ Ver “INDIANARE SIQUEIRA fala sobre expulsão do PSOL/RJ”. Disponível em: <https://youtu.be/DdW1gi_airo>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

Assim, dá-se início ao perfil transitório do espaço Casa Nem para diferentes lugares da cidade do Rio de Janeiro. Como as ocupações são sempre realizadas sem aporte legal, ou os ocupantes resistem e lutam - e seguem para um próximo espaço - ou se mudam com seus pertences, novamente para uma marginalidade ou voltam a morar nas ruas (HARVEY, 2012).

Em Indianara (2019), documentário dirigido por Aude Chevalier-Beaumel e Marcelo Barbosa e lançado pela produtora Santa Luz em 2019, vemos o processo de desocupação da primeira ocupação da Casa Nem, no Beco do Rato, e posterior ocupação do Automóvel Club do Brasil, realizada às pressas na madrugada do dia 11 de setembro de 2018.

Nas cenas de desmanche da primeira ocupação, vemos a ligação das moradoras com o espaço através de cenas que deixam clara a relação afetiva com as memórias e com o espaço em si. Ao final da desocupação, a cena das paredes brancas cobrindo as palavras de luta e a bandeira do movimento trans que envolvia o prédio trazem o impacto que a prática social levou ao espaço; agora sem vida, sem luta.

Nos últimos minutos do documentário, vemos Indianara conduzindo um grupo em torno de 30 pessoas para dentro do Automóvel Club do Brasil, às pressas. Essa foi a primeira ocupação dita cultural pelo coletivo Casa Nem: a Ocupação Cultural Marielle Franco⁷⁴.

⁷⁴ Em homenagem à vereadora, líder política e defensora dos direitos humanos, Marielle Franco, que foi assassinada em um crime no dia 14/03/2018, cujos mandantes e motivações seguem ainda sem esclarecimento oficial.



FIGURA 2 Ocupação de Cultura Marielle Franco, realizada no Automóvel Club do Brasil, por Indianarae Siqueira e moradores da Casa Nem. (Foto: Gabriel Paiva/O Globo)

Em carta do Fórum Estadual de Travestis e Transsexuais do Rio de Janeiro direcionada ao responsável de Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio de Janeiro, lê-se

O objetivo da ocupação é cultural, LGBT, indígena e Afro para garantir um imóvel da prefeitura para assentar o projeto da Casa Nem (...), sendo garantida a permanência pelo mínimo de 30 anos, um imóvel para abrigar as famílias desabrigadas e que o prédio ocupado seja transformado em um centro de referência cultural, sugerindo-se um centro de referência LGBT e um espaço que conte a história desse prédio. (GOULART, 2018, s.p.)

No dia 19 de setembro de 2018 se deu o despejo da ocupação, realizada com truculência pela Guarda Municipal do Rio de Janeiro⁷⁵. Ainda que curta, achamos válido pontuar esta ocupação, pois é a partir dela que se constrói o perfil cultural que acompanha, ainda hoje, a Casa Nem.

⁷⁵ DAFOL, C. Despejo da ocupação cultural Marielle Franco. ANF - Agência de Notícias da Favela. 19 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/despejo-da-ocupacao-cultural-marielle-franco/>>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

A fim de traçar uma cronologia temporal da Casa Nem, nos valem de trecho de Cris Lacerda de Souza em “*Os corpos LGBTI+ nos territórios segregados da cidade do Rio de Janeiro*” (2020):

(...) o coletivo foi para a ocupação Denise Vive, localizada na Rua General Polidoro, Botafogo, mas, por conta da LGBTIfobia de alguns ocupantes, a Casa Nem mudou novamente para a Ocupação Elza Soares, que se localizava em um hotel abandonado na Rua Teodoro da Silva, em Vila Isabel. Na quarta-feira do dia 10 de julho de 2019, a nova ocupação sofreu outra ação de despejo, tendo então que se mudar para ocupação Olga Benário, localizada numa escola pública da Rua Uranos 733, em Bonsucesso. Por decisão coletiva, a Casa Nem saiu da ocupação e foi para outra, da FIST (Frente Internacionalista de Sem Tetos), à qual a Casa Nem é filiada, na Rua Ramalho Ortigão. Na madrugada do dia 25 de julho de 2019, o grupo ocupou um prédio de seis andares abandonado há pelo menos dez anos, na Rua Dias da Rocha, Copacabana (...) (SOUZA, 2020)

Como observado no trecho acima, a trajetória da Casa Nem é múltipla e, quase sempre, marcada pela truculência e pela violência contra seus corpos e suas vivências naqueles lugares. Para Bauman (2009), essa “exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo” (BAUMAN, 2009).

Bourdieu (1989) utiliza o conceito de campo para referir-se ao espaço no qual se manifestam as relações de poder. É também o espaço em que os agentes estão em luta para determinar, validar e legitimar suas representações. Essa luta, para Indianarae, representa a necessidade de revolução, que “acontecerá com a ocupação de praças, esquinas, vielas e prédios públicos” e “pode ser [feita] na paz, no amor, no afeto e na cerveja. Mas se não for, vai ser na pedrada, vai ser no fogo e no gargalo.” (INDIANARA, 2019)

Como citado anteriormente no texto, além de casa de acolhimento ou passagem para LGBT, a Casa Nem também opera diversas ações de formação, reintegração social, profissionalização e socialização. Com a pandemia do coronavírus que assolou o mundo em 2020, a Casa Nem passou a realizar aproximadamente 700 atendimentos externos (com distribuição de cestas básicas, máscaras, kits de limpeza e kits de higiene pessoal) para pessoas em situação de rua e indivíduos LGBT⁷⁶. Além disso, através do projeto CosturaNem - que ensina práticas

⁷⁶ VASCONCELOS, C. Casas de acolhida LGBT+ diminuem atendimentos, mas mantêm portas abertas. Ponte. 20 de abril de 2020. Disponível em: <<https://ponte.org/casas-de-acolhida-lgbt-diminuem-atendimentos-mas-mantem-portas-abertas/>>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

de corte, costura e modelagem -, produziu mais de 17 mil máscaras de tecido que foram doadas para projetos sociais e pessoas em vulnerabilidade social⁷⁷.

Quando ocupam um prédio - abandonado há pelo menos 10 anos - a dois quarteirões da praia de Copacabana, em julho de 2019, é também uma forma de lembrar que estes corpos “desviantes” existem e podem ocupar, circular e existir naquele lugar. É uma ruptura com a estrutura predominante tão presente na população de Copacabana (e da zona sul do Rio de Janeiro, como um todo). Em “Efeitos de Lugar”, Bourdieu (2011) vai dizer que os estigmas são criados a partir de uma lógica hegemônica de classificação depreciativa. Um lugar é degradado porque tais pessoas vivem lá e, ao mesmo tempo, estas pessoas têm a vida degradada porque moram naquele lugar. A ida da Casa Nem para Copacabana vai ao encontro a um pensamento de valorização das pessoas moradoras e acolhidas pela Casa, uma tentativa de - através desta lógica de classificação -, beneficiar o status da Casa Nem em favor do lugar em que esta se insere.

⁷⁷ TRAVESTIS e transexuais da Casa Nem recebem certificado pela confecção de mais 12 mil máscaras. Revista Marie Claire, 28 de julho de 2020. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2020/07/travestis-e-transexuais-da-casa-nem-recebem-certificado-pela-confeccao-de-mais-12-mil-mascaras.html>>. Acesso em 23 de outubro de 2020.



FIGURA 3 Casa Nem ocupa prédio abandonado na Rua Dias da Rocha, em Copacabana. (Foto: Reprodução)

No entanto, o poder estruturante da sociedade é tamanho que a lógica continua a ser depreciativa em relação à Casa Nem e, por isso, o prédio passa a ser visto com maus olhos pelo entorno. Através desse poder, usam da violência simbólica, “que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação)” (BOURDIEU, 2010, p.47) ou mesmo da violência física para, por exemplo, prender todos dentro da Casa Nem utilizando grossas correntes nas portas um dia após a ocupação (ARAÚJO, 2019).

Assim, em meio à pandemia do novo coronavírus, em agosto de 2020, a Casa Nem recebeu uma ordem de despejo devido à reintegração de posse do prédio ocupado em Copacabana. A ordem pegou todos os moradores, bem como os apoiadores da Casa Nem, de surpresa, fazendo com que a hashtag #CasaNemCasaViva entrasse para os assuntos mais comentados do dia na rede social Twitter no dia 24 de agosto de 2020⁷⁸. Os moradores da Casa Nem fizeram

⁷⁸ ESTADO DE MINAS. #CASANEMCASAVIVA Casa Nem, abrigo de LGBTs em vulnerabilidade, é alvo de operação policial. Minas Gerais, 24 de agosto de 2020. Twitter: @em_com. Disponível em: <https://twitter.com/em_com/status/1297988912976146434>. Acesso em 24 de outubro de 2020.

resistência à tropa de choque da Polícia Militar, que isolaram o entorno do prédio enquanto o diálogo para desocupação fosse feito junto à liderança da Casa Nem.

Com a repercussão do episódio, a Casa Nem deixa o prédio em Copacabana com um acordo de alojamento temporário no Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral, também localizado no bairro da zona sul carioca, até o dia 05 de outubro, para posterior mudança para um espaço definitivo prometido pelo Governo do Rio⁷⁹. Menos de 1 mês depois, a Polícia Militar recebe denúncias da vizinhança de suposta invasão ao prédio do Colégio e leva detida Indianarae Siqueira, sendo necessária intervenção da Secretaria Estadual de Direitos Humanos e Assistência Social para explicar a situação atípica da presença daqueles indivíduos neste espaço⁸⁰. Ou seja, mesmo em espaços institucionalizados pelo poder público e em total coesão com os acordos legais necessários à prática do espaço da Casa Nem, a violência simbólica e física é tamanha que permite que cenas comuns à transvestigêneres (como os moradores da vizinhança atirarem cabeças de fogos de artifício e outros objetos no pátio do Colégio, enquanto elas frequentavam o espaço) aconteça, ainda que sob esse respaldo do direito ao espaço.

Mas, objetivando o “pote de ouro no fim do arco-íris” e idealizando uma utopia - a sociedade idealizada, apresentada de forma aperfeiçoada ou totalmente virada ao contrário (FOUCAULT, 1986) -, após quase cinco anos de lutas, resistências e ocupações, no dia 11 de setembro de 2020 foi assinado o termo de cessão de uma casa localizada na R. Dois de Dezembro, 9, no bairro do Flamengo pelo tempo de 5 anos (podendo ser prorrogada por igual período) em favor da Casa Nem. Com este espaço, a Casa Nem pôde acolher mais moradores, chegando ao número de 22 moradores simultâneos em 2021.

⁷⁹ PHEENO TV. Casa Nem é despejada e moradores terão abrigo temporário em escola pública. Pheeno TV. 2020. (2m46s). Disponível em: <<https://youtu.be/fAaX5aimkA0>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

⁸⁰ CASA NEM. Invasão do Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral pela polícia militar. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2020. Facebook: casanemcasaviva. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casanemcasaviva/posts/3367784286578022>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.



FIGURA 4 Sede definitiva da Casa Nem, no bairro do Flamengo. Espaço cedido pelo Governo do estado do Rio de Janeiro. (Foto: Reprodução)

Segundo Indianarae, “a Casa Nem provou que um outro mundo é possível” e, através de um relato de percurso (CERTEAU, 1998) de sua criadora⁸¹, a Casa Nem deu início a uma vida próspera de sua própria utopia.

A Casa Nem se manteve, desde a sua fundação, com o apoio mensal através de plataformas de financiamento coletivo, além de doações espontâneas mediante aos apelos que são publicados em redes sociais. Além disso, chamou atenção de famosos como Juliana Paes, Linn da Quebrada, Teresa Cristina, Anitta e Juliette⁸², formando um grupo de “Amigos protetores da Casa Nem”⁸³. Mesmo assim, a Casa Nem segue enfrentando dificuldades e não consegue se manter aberta com seu funcionamento pleno. Em abril de 2022, reforçou a campanha de arrecadação de

⁸¹ MARTINS, F. CASA NEM, ABRIGO PARA LGBTI+, CONQUISTA ENDEREÇO DEFINITIVO NO RIO. Rio de Janeiro: Rio Gay Life, 11 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://riogaylife.com.br/casa-nem-abrigo-para-lgbti-conquista-endereco-definitivo-no-rio/>>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

⁸² O anúncio de Juliette enquanto madrinha da Casa Nem entrou para os assuntos mais comentados do Twitter sob o termo JULIETTE E CASANEM, tendo chamado atenção de perfis famosos, como a Deputada Erika Hilton, que comentou a parceria. Disponível em: <<https://twitter.com/ErikakHilton/status/1439287430952235011>>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

⁸³ PINHEIRO, O. Juliette é a nova madrinha da CasaNem. Poltrona Vip. 18 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://poltronavip.com/juliette-madrinha-casanem/>>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

verbas, noticiando o risco de encerrarem suas atividades pela falta de recursos⁸⁴. No dia 30 de junho de 2022, encerrando o mês do Orgulho LGBTQ⁸⁵, decretaram o encerramento por ora de suas atividades, clamando por possíveis recomeços⁸⁶. Com o fim das atividades da Casa Nem, são afetadas mais de 400 pessoas que são diretamente beneficiadas pelo projeto, seja através do acolhimento direto na Casa Nem, ou através de parcerias e ajudas outras realizadas pelo coletivo como doação de cestas básicas. Em um momento próximo das eleições de âmbito federal e estadual, tendo inclusive Indianarae Siqueira como candidata, a Casa Nem encontra-se inativa por falta de recursos para sua manutenção desde o mês de junho de 2022. Em setembro, realizaram a 1ª Parada LGBTQ da Lapa, mostrando que seguem na luta pelos direitos da comunidade.

CASA 1⁸⁷

Se em quesito de nome e memória assimilativa a Casa Nem pode ser considerada a maior casa de acolhimento LGBTQ do Brasil, arrisco dizer que a Casa 1 é a maior casa e a mais preparada em termos de infraestrutura para o funcionamento de um projeto de acolhimento completo.

Foi fundada pelo jornalista e relações públicas Iran Girusti em 2015, quando decidiu transformar o sofá do seu apartamento no bairro de Bela Vista, centro de São Paulo, em um espaço de acolhimento para pessoas LGBTQ. “De conversa em conversa, entendeu que a expulsão é um problema estrutural, resultante de uma sociedade baseada em uma estrutura política que ensina a renegar pessoas LGBTQ” (CETRONE, 2020, p. 8, grifo nosso). Segundo Cetrone, “uma pessoa [LGBTQ] é descartada como uma maçã que caiu podre de uma árvore saudável” (CETRONE, 2020, p. 31), mas a autora também pontua que “ser LGBTQ, ali, é consequência de um pano de fundo muito maior” (CETRONE, 2020, p. 15).

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/04/26/casa-de-acolhimento-lgbtia-no-rio-de-janeiro-pode-fechar-as-portas-por-falta-de-recursos>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CgUm96Yr9Xz/>>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

⁸⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CfcnGbqJJ5E/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

⁸⁷ Ver em: <<https://www.instagram.com/casa1/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

Assim como a Casa Nem, também deu início ao processo de manutenção de um espaço através de financiamento coletivo através do site Benfeitoria, a fim de tirar do campo da ideia a estrutura necessária para ampliar o trabalho que já vinha fazendo dentro de sua própria casa. “Foi difícil, mas deu certo. Isso possibilitou o aluguel e IPTU do número 277 da Rua Condessa de São Joaquim, no bairro da Bela Vista, por um ano. A Casa foi oficialmente inaugurada em 25 de janeiro de 2017.” (CETRONE, 2020, p. 8).



FIGURA 5 Casa 1, localizada no bairro de Bela Vista, em São Paulo. (Foto: Reprodução)

Quando falo em ser, talvez, a casa de acolhimento LGBTQ com a maior estrutura para o funcionamento do projeto, digo respeito aos três prédios que compõem a Casa 1 atualmente. “Além de funcionar como república de acolhida, sobra fôlego para fazer funcionar um centro cultural para o entorno - além de uma estrutura de apoio psicológico, de saúde e de empregabilidade para os moradores”. (CETRONE, 2020, p. 8). Isso se dá através de três endereços fixos, a poucos metros de distância:

I) o Centro de Acolhida, que conta com 20 vagas para jovens LGBTQ expulsos de casa, onde é ofertada, além da morada, alimentação, auxílio nas áreas de educação e empregabilidade, assim como assistência social e suporte de saúde clínica e mental;

II) Clínica Social Casa 1, que atende cerca de 300 pessoas nos processos psicoterápicos continuados e plantão de escuta, além de atendimentos psiquiátrico, nutricional e de terapias complementares, oferecidos gratuitamente ou com valores sociais;



FIGURA 6 Clínica Social Casa 1, espaço que atende cerca de 300 pessoas em processos psicoterápicos continuados e plantão de escuta⁸⁸. (Foto: Reprodução)

e III) Galpão Casa 1, com extensa programação e processos de formações continuadas oferecidos pelo projeto. Durante a pandemia do coronavírus, as atividades migraram para o ambiente virtual e o espaço físico se tornou ponto central na atuação da assistência social para suporte da população LGBTQ mais vulnerável e população em situação de rua. Segundo Camila Cetrone (2020), essa programação cultural “tornou-se, ao mesmo tempo, um complemento para a socialização e para

⁸⁸ Disponível em: <<https://www.casaum.org/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

trazer oportunidade aos moradores da Casa, pois essas atividades ajudam a reforçar os laços com a vizinhança” (CETRONE, 2020, p. 8-9).



FIGURA 7 Galpão Casa 1, que abriga extensa programação cultural e formações continuadas⁸⁹ (Foto: Reprodução).

Hoje, este trabalho em diversas frentes pode ser visto através do website da Casa 1 e suas redes sociais, que se transformaram em espaços-vitrine de projetos e notícias sobre a comunidade LGBTQ. Dessa forma, por conta do trabalho multidisciplinar, passa a chamar atenção de grandes marcas que atuam enquanto parceiras na construção de projetos ou através da doação de parte de seus lucros para o projeto - isso ocorre, principalmente, durante o mês de junho, reconhecido como o Mês do Orgulho LGBTQ.

Sendo um espaço socioeducativo que acredita em processos de formação, passamos a realizar ações conjuntas com empresas, organizações, instituições de ensino e grupos que têm interesse em trabalhar diversidade em seus espaços, seja por meio de sensibilizações (palestras, workshops e eventos), seja em planejamento e projetos de parcerias. (PARCERIAS, s.d., s.p.)

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.casaum.org/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

Atuam, portanto, de maneira muito mais institucional e estruturada. Segundo Giusti, “fazemos tudo certinho: declaramos e pagamos impostos, há a empresa de contabilidade e o escritório de advocacia, mas é muito difícil enquadrar as coisas” (PATROCÍNIO, 2019, s.p.), numa espécie de “empreendedorismo social”. Prova disso é que, com as ações pontuais de formação, cultura e conscientização e consultorias, a Casa 1 chegou a faturar R\$300.000,00 em 2017 e R\$150.000,00 em 2018 (ver PATROCÍNIO, 2019), além de continuar sendo lembrada nas ações de arrecadação de lucros de empresas como Starbucks⁹⁰, Ambev⁹¹, Copag, entre outras.



FIGURA 8 Captura de tela realizada em 01/10/2022 de post patrocinado do perfil da Copag (@copagoficial) no Instagram, com ação em parceria com a Casa 1. (Foto: Instagram)

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2019/06/starbucks-lanca-camisetas-com-cores-da-bandeira-lgbtq-em-campanha-beneficente-para-a-casa-1/>>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

⁹¹ Disponível em: <<https://acontecendoaqui.com.br/marketing/cevejaria-ambev-promove-twitaco-em-prol-da-casa-1-centro-de-acolhimento-lgbt/>>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

Difere-se, portanto, da Casa Nem, no formato de manutenção do projeto-casa de acolhimento LGBTQ, mas confluem em um mesmo propósito, de buscar estabelecer estes projetos enquanto referenciais de políticas públicas LGBTQ no país. Desta forma, a Casa 1 chegou a promover e receber o 1º Fórum de Casas de Acolhida LGBT+ da América Latina em 2019⁹².

O grande desejo de Iran com a Casa é provar que é possível terem políticas públicas para a comunidade LGBT, além de que é possível tornar o esquema albergue em um sistema de acolhida digno, funcional, efetivo e humano. “Estamos aqui criando políticas públicas que precisam ser aplicadas em todos os lugares” (CETRONE, 2020, p. 15).

Além disso, destaca-se a importância do diálogo com a comunidade do entorno, enquanto “garantia de que a mensagem está sendo levada para fora da bolha, atingindo quem nunca tinha pensado em ter essas vivências.” (CETRONE, 2020, p. 15). Finalizando seu relato em “Manda as Bicha Descer: Histórias do Cotidiano da Casa 1”, Camila Cetrone (2020) compara a Casa 1 com uma vivência de utopia, onde, quanto mais tempo se passa imerso neste espaço, mais é fácil perder a noção de quão nocivo pode ser o mundo, onde LGBTQs “são esperados com olhares desconfiados e armas engatilhadas” (CETRONE, 2020, p. 44).

CASINHA ACOLHIDA⁹³

Desenvolvida em 2017, no Rio de Janeiro, pelos amigos Natalia Pasetti (Bacharel de Ciências Políticas pela UFRJ e Pós-Graduada em Gestão de Pessoas com ênfase em liderança organizacional pela PUC-RS; a única que ainda possui vínculo com a Casinha), Natalia Médici (Doutoranda em Ciências Sociais pela UFRRJ, Mestre em Sociologia pela UFF e Bacharel em Ciências Políticas pela UFRJ), Lorena Miguel (Doutora em Ciências Sociais pela PUC-RJ, Mestre em Ciências Políticas pela UERJ e Bacharel em Ciências Políticas pela UFRJ) e Lucas Melo (Bacharel em Administração pela UCP e MBA em Gestão de Negócios pelo Ibmec; atualmente trabalha na Casa 1), traz em sua concepção a vontade de atender, em espaço físico,

⁹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B2fgX8zJWtr/>>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

⁹³ Ver em: <<https://www.instagram.com/casinhaacolhida/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

“às necessidades de pessoas LGBTQ em situação de vulnerabilidade social no Rio de Janeiro”⁹⁴.

Atuando como uma associação sem fins lucrativos, a Casinha será um espaço físico composto por dois ambientes: o Centro de Referência e um Centro Cultural aberto ao público. Nosso intuito é equipar esses jovens com ferramentas de atendimento psicossocial, jurídico, cidadania, educação e empregabilidade promovendo a sua re-inserção social e bem-estar físico e emocional.⁹⁵

A Casinha Acolhida é uma ONG que foi inaugurada já com este aspecto institucional pré-estabelecido - e aí começa o principal diferencial entre esta e as casas de acolhimento apresentadas neste capítulo. Ainda sem o espaço físico de uma casa de acolhimento, oferece atendimento emergencial-pontual ou contínuo, além de encaminhamento para uma ampla gama de profissionais da rede socioassistencial e outras organizações parceiras.

Assim como as casas de acolhimento apresentadas anteriormente, tem como objetivo o traço multifuncional, com projetos e grupos de trabalho voluntário em áreas como saúde, educação, cultura, empregabilidade, etc. Como a Casa 1, também realiza diversas parcerias com empresas, prestando serviços de mentoria, consultoria e participação em eventos com palestras em defesa da comunidade LGBTQ. Desde o início, em 2017, estabeleceu uma grande rede virtual, funcionando através de contatos com abrigos públicos e/ou rede coletiva de amigos e militantes da causa LGBTQ, buscando abrigar e acolher estes em situação de vulnerabilidade que os procuram.

Durante o período de inscrição no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, estruturei o projeto que resultaria neste trabalho-casa em torno da Casinha Acolhida. Me chamou atenção a forma como a Casinha Acolhida recebeu grande atenção de diversas marcas, sendo sempre considerada em campanhas de arrecadação de doações e ações em que parte de lucros de grandes empresas era revertido para a instituição.

Em 2018, ganhou espaço de mídia graças à campanha “Marcas Aliadas”, realizada em função do mês do orgulho de 2018, com marcas que normalmente estão

⁹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/casinhaacolhida/about>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

⁹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/casinhaacolhida/about>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

inseridas na Parada do Orgulho LGBTQ. A campanha uniu, inicialmente, 5 marcas de renome, onde cada uma realizou uma “doação” de uma letra de seu nome (Sko**L**, Burger Kin**G**, **B**is, **T**rident e **Q**uem disse, Berenice?, respectivamente) para formar o acrônimo do movimento LGBTQ. Além disso, se comprometeram a doar uma parcela de seus lucros para apoio a projetos que visam auxiliar o movimento LGBTQ em diversas áreas, sendo a Casinha um dos projetos escolhidos junto a projetos culturais e sociais com foco na população LGBTQ, não necessariamente casas de acolhimento.



FIGURA 9 Publicação sobre a campanha #MarcasAliadas, que beneficiou a Casinha Acolhida como uma das instituições de doação realizada pelas marcas Skol, Burger King, Bis, Trident e Quem disse, Berenice?⁹⁶ (Foto: Instagram)

Depois disso, estabeleceu parceria com diversas marcas como a Ambev⁹⁷, Descomplica⁹⁸, Warner⁹⁹, entre outras, seja em formato de prestação de algum tipo de serviço remunerado, quanto pela associação de imagem através de doação de valores. Desta forma, ainda que mantenha, mesmo hoje, um financiamento coletivo

⁹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BjVWVX5Bf5u/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

⁹⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/CervejariaAmbev/status/1144622364090613760>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

⁹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CDcCy4pJDRC/>>. Acesso em 29 de setembro de 2022.

⁹⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CCOiR3ApKEe/>>. Acesso em 29 de setembro de 2022.

para arrecadar fundos para manutenção do seu funcionamento - e destaque a importância deste apoio enquanto principal renda para o projeto¹⁰⁰ -, contou desde a sua fundação com o suporte econômico vindo de diversas outras fontes e instituições.

Além desta diferença, destaca-se também por uma abordagem diferenciada em relação às ações em rede, com perfil e identidade mais atual. Exemplo disso é que, durante a pandemia, realizou o Festival Na Casinha¹⁰¹, em parceria com diversos artistas LGBTQ e contou com shows ao vivo, além de vasta programação com aulas de inglês e maquiagem, até discussões sobre temas como empregabilidade trans, gordofobia e feminismo. O objetivo do Festival era fazer coro à campanha “#FicaEmCasa”, além de arrecadar doações para a população LGBTQ em situação de vulnerabilidade e que estava ainda mais afetada por conta da pandemia da Covid-19. Ainda nas adaptações pandêmicas, com o aumento no número de compras online e respectiva popularização do cashback¹⁰², a Casinha Acolhida, em parceria com a Ame Digital¹⁰³, passou a receber doações com possibilidade de cashback; com isso, fazia uma grande divulgação sobre a sociedade poder ajudar e receber parte da quantia de volta¹⁰⁴.

Com a pandemia, o projeto de instituir um espaço físico da Casinha Acolhida ficou parado, dando foco maior em reforçar as atividades de acolhimento e abrigo de forma remota. Com isso, e também como efeito da pandemia da Covid-19, este trabalho-casa teve de ser adaptado, conforme as possibilidades. Vale atentar, no entanto, que a ideia de instituir um espaço físico é algo posto na missão da ONG Casinha Acolhida e divulgado através das redes sociais do projeto. A primeira menção à instituição de uma casa foi realizada em postagem realizada em 2019, ao responder dúvidas frequentes. Nesse primeiro momento, o post dizia

Queremos criar um centro de acolhida temporária para jovens de 18 a 25 anos, além de um centro cultural com vários eventos babadeiros, incentivando o contato da população em geral com a cultura LGBTQ+. Já escolhemos a casa, e estamos nos entaves burocráticos com alvarás para conseguir a liberação dela pra ser nossa Casinha!¹⁰⁵

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Chmvq1ajJF-/>>. Acesso em 29 de setembro de 2022.

¹⁰¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-X5n-CpKd-/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

¹⁰² Em tradução literal, dinheiro de volta.

¹⁰³ Carteira digital utilizada para compras em lojas parceiras, pagamento de contas, além de receber cashback em compras pagas pelo aplicativo.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://www.ame.plus/pague/4AKVqj851oTnxd5Vn5EI3Z>>. Acesso em 03 de setembro de 2020.

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ByWW8slpGTs/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

Pouco mais de um mês depois, ainda em 2019, em novo post de perguntas frequentes, dão a entender que houve dificuldades na negociação do espaço anterior, mas pontuando a persistência no objetivo de conseguir este espaço.

Temos duas dificuldades nesse processo: a primeira é encontrar um local adequado do espaço que a gente precisa - uma casa grande, com muitos quartos, bem babadeira pros nossos eventos, capacitações e pro acolhimento provisório. A segunda é conseguir as permissões necessárias de funcionamento, que envolve inclusive a permissão de quais ruas podem ter organização social ou não e todos os alvarás necessários.

Chegamos a encontrar uma casa que nos deixou muito felizes, mas no processo de negociação do aluguel recebemos uma resposta negativa, além da demora para liberação das licenças. Hoje estamos buscando novas opções, e fechar (ou melhor, abrir!) uma casa é nossa prioridade! Inclusive diminuimos um pouco nossas atividades alternativas para colocarmos toda a energia nesse objetivo!¹⁰⁶

Até o momento, não há novidades sobre a instituição de um espaço físico e as operações de atendimento e acolhida continuam a serem realizadas em formato remoto. Em acompanhamento de redes dos fundadores, é possível notar que utilizam espaços compartilhados de trabalho (conhecidos como *coworkings*) para reuniões e atividades coletivas entre organização e voluntários.

Ainda assim, continua tendo o seu trabalho reconhecido não apenas na grande mídia, como também pelo terceiro setor. Em 2022, a Casinha Acolhida foi finalista do Prêmio Atitude Carioca, da Câmara de Comércio e Indústria do Estado do Rio de Janeiro – CAERJ, na categoria Orgulho LGBTQIA+. Além disso, lançou na festa de aniversário da Casinha, durante o Mês do Orgulho LGBTQ, o documentário “Casinha 5 Anos”, que reuniu voluntários, embaixadores e acolhidos, para contarem um pouco sobre a sua história e ligação com a ONG. Infelizmente, o documentário não está disponível para público.

CASA CHAMA¹⁰⁷

A última casa a ser apresentada neste trabalho foi propositalmente colocada para o final destes exemplos. A Casa Chama surgiu na cidade de São Paulo, fundada

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B0UhrJRJ6Ju/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

¹⁰⁷ Ver em: <https://www.instagram.com/casachama_org/>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

pelo empreendedor e articulador político cultural Rodrigo Franco (Pós-Graduado em Arte e História da Arte pela PUC-SP e Bacharel em Artes Plásticas, Design e Artes Aplicadas pela Belas Artes SP) e pela artista Ana Matheus Abbade (Bacharel em Artes Plásticas pela UERJ e Graduanda em Gestão e Empreendedorismo pela Estácio) e que, atualmente, é dirigida pela ativista trans Matuzza Sankofa, em uma reação ao resultado das eleições federais de 2018, que elegeu Jair Messias Bolsonaro após uma série de alegações em campanha que atentam contra a segurança e a vida de indivíduos LGBT no Brasil. É formado por e para pessoas transvestigêneres e corrobora o discurso do movimento “Ninguém solta a mão de ninguém” e, inicialmente, segue um formato padronizado de um espaço físico destinado a acolhimento e abrigo para pessoas em situação de risco e expulsas de casa.

A princípio funcionamos como uma casa de articulação política e cultural, no bairro de Perdizes (SP), onde chegamos a acolher 27 pessoas em situação de vulnerabilidade por falta de moradia. Após a devolução do nosso primeiro imóvel, em 2019, deixamos de funcionar como abrigo e passamos a ter uma atividade mais diversificada focada em outros tipos de acolhimento por meio de espaços construídos junto a aparelhos públicos, através de parcerias com iniciativas privadas e da produção de eventos culturais. (CASA CHAMA, s.d. A, s.p.)

A partir dessa desapropriação do espaço anteriormente utilizado pela Casa Chama, o projeto assume um caráter de ocupações conjuntas, ampliando frentes de atuação do projeto na saúde - através de colaborações com a unidade SUS Barra Funda -, na área jurídica através de reforço no movimento facilitador do processo de retificação de nome e gênero em documentos de pessoas transvestigêneres e, majoritariamente, no campo cultural. Reforça sua missão enquanto ONG defensora dos direitos da comunidade LGBTQ e destaca crescimento, chegando a informar terem realizado mais de 200 mil ações¹⁰⁸

A Casa Chama desde então segue crescendo com o apoio de empresas, profissionais de diversas áreas e principalmente com as pessoas trans e cis aliadas. Levamos a sério um mote que diz: “a transição é coletiva”, entendendo que a nossa presença transvestigênera no mundo produz uma transição geral. É o encontro com nossas corpos, nossas ideias e nossas produções que faz o mundo ao nosso entorno transicionar com a gente. Desejamos transicioná-lo ainda mais, atendendo cada vez mais pessoas para, através da nossa rede de afeto e suporte, garantir vidas trans dignas e cheias de potência transformadora. (CASA CHAMA, s.d. A, s.p.)

¹⁰⁸ Texto informado na descrição do perfil da Casa Chama na rede social Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/casachama> org/>. Acesso em 09 de outubro de 2022.



FIGURA 10 Integrantes da Casa Chama, em foto de divulgação da realização do 1º Chama Festival, em 2019. Em ambas as pontas, estão os co-fundadores: Ana Matheus (de preto, em pé) e Rodrigo Franco (de blusa vermelha), respectivamente

Com a pandemia da Covid-19, estabeleceram um Fundo Emergencial, responsável pelo atendimento e benefício a mais de 900 pessoas, sendo 325 acolhidos diretamente pela Casa Chama e as demais através de auxílios em conjunto com outros projetos e casas de acolhimento. Além disso, também distribuíram mais de 3.000 cestas básicas¹⁰⁹.

A Casa Chama desde então segue crescendo com o apoio de empresas, profissionais de diversas áreas e principalmente com as pessoas trans e cis aliadas. Levamos a sério um mote que diz: “a transição é coletiva”, entendendo que a nossa presença transvestigênera no mundo produz uma transição geral. (CASA CHAMA, s.d A., s.p.)

Olhando para a Casa Chama no momento atual, seu viés cultural é o ponto mais destacado. Como forma de resguardar a sua existência e a continuidade do seu

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/especialmulheresnegras3/>>. Acesso em 09 de outubro de 2022.

trabalho e as atividades ali exercidas, a Casa Chama conquistou diversos prêmios e/ou editais de auxílio financeiro através de setores culturais, como a Lei Aldir Blanc¹¹⁰, o programa VAI, o Programa de Fomento à Cultura da cidade de São Paulo, entre outros¹¹¹.

Seu primeiro projeto na área cultural é, também, o maior projeto da Casa Chama após as atividades de acolhimento: o Chama Festival.

O Chama Festival é um projeto idealizado pela Casa Chama que teve sua primeira edição em junho de 2019. A proposta do evento é reunir artistas transvestigêneres de diversas linguagens: performance, moda, design, música e artes cênicas, em um evento que amplie nossas redes e fortaleça nossa rede de apoios, valorizando a arte de pessoas trans. (CASA CHAMA, s.d. B, s.p.)

O sucesso do projeto colocou a Casa Chama em destaque na cena cultural LGBTQ da cidade de São Paulo e garantiu alguns dos editais e prêmios a qual nos referimos acima, garantindo recursos para a Casa Chama. Apenas em 2021 dão abertura a um financiamento coletivo, com objetivo de arrecadar verba para manutenção do projeto. Diferente das demais casas de acolhimento, faz questão de deixar publicamente em seu site os nomes de seus apoiadores junto a um breve texto de agradecimento¹¹².

Apesar de manter o foco nas ações culturais, ressignifica os espaços de ocupação e atividades, promovendo atendimentos psicossociais, jurídico, empregabilidade e autonomia financeira para pessoas transvestigêneres.¹¹³

Como citado anteriormente, estes são apenas 4 exemplos de atuações destas casas de acolhimento LGBTQ, focando principalmente nas que possuem históricos na ocupação de espaços para transformarem em um lar ou das casas que não precisam de um espaço físico próprio (seja por terem perdido o seu “próprio” ou por nunca o terem conquistado), para serem configuradas como tal.

Ah você já tem que ir? A gente fica conversando enquanto belisca umas coisas e nem vê a hora passar! Olha, foi um prazer te receber por aqui. Espero que você

¹¹⁰ “A Lei Federal nº 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc (LAB), estabelece uma série de medidas emergências para o setor cultural e criativo, fortemente impactado pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19).” Disponível em: <<https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/lei-aldir-blanc/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

¹¹¹ A lista de prêmios e editais conquistados pela Casa Chama estão disponíveis em: <<https://www.casachama.org/quem-somos/premios-editais/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

¹¹² Disponível em: <<https://www.casachama.org/salveacasachama/apoiadores-aliades/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

¹¹³ Disponível em: <<https://www.casachama.org/o-que-fazemos/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

tenha gostado da visita. Vem mais vezes! Sei que a casa é meio bagunçada, mas é como dizem: é que nem coração de mãe, sempre cabe mais um. Quer levar um pote com um pedacinho de bolo?

CONCLUSÃO

“SUA CASA NÃO TE DEFINE (VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR)”¹¹⁴

Casa sempre foi um tema muito especial pra mim. Desde brincar de casinha quando era criança, até crescer e ficar pulando de um lugar para o outro, esperando encontrar a minha casa; esse espaço em que eu me identificasse e me encontrasse, pudesse atravessar e ser atravessado por todos os pensamentos que eu tenho quando eu chego do trabalho e tem a louça pra lavar, a roupa para estender, mas a força magnética da cama é maior. Hoje entendo que sempre estive em casa, ainda que elas tivessem paredes de cores diferentes, famílias diversas, móveis planejados ou surrupiados num empréstimo que dura pra sempre. Estive em casa porque sempre tive abrigo, acolhimento e encontrei segurança quando precisava.

Entender e construir o conceito destas casas de acolhimento vai ao encontro deste sentimento: entender que a casa está além da construção física, porque não importa a cor da parede, importa o sentimento de aconchego. Acredito que, a partir dos exemplos de casas de acolhimento LGBTQ em funcionamento nos grandes centros urbanos que são Rio de Janeiro e São Paulo e entendendo, também, as diversas formas de habitar o espaço físico de uma casa - principalmente as possibilidades coletivas para além dos laços sanguíneos -, tiramos pontos primordiais para chegarmos à definição da casa de acolhimento LGBTQ.

Então, começo a responder as perguntas abertas lá no começo deste trabalho-casa. Enfim, compreendo que casa é um espaço de construções, que possibilita múltiplas vivências e usos, de acordo com as práticas de seus habitantes. Em segundo ponto, é um espaço que pressupõe um senso comum de “pertencimento natural”, que não necessariamente é verdade para grande parte das pessoas, por ser o primeiro lugar que conhecemos.

Apesar de ser um direito constitucional e definidor de dignidade humana, a habitação não é garantida para todos e entendemos que a falta de habitação é um problema geral para a população brasileira, principalmente neste período afetado pela pandemia da Covid-19, que gerou um aumento no número de pessoas em situação de vulnerabilidade social e/ou em situação de rua.

¹¹⁴ Trecho da música “Triste, louca ou má”, composta por Andrei Martinez Kozyreff, Juliana Strassacapa, Mateo Piracés-Ugarte, Rafael Gomes e Sebastián Piracés-Ugarte. Interpretada pela banda Francisco, El Hombre.

A partir disso, acentua-se a problemática específica de indivíduos LGBTQ, que são expulsos de suas casas simplesmente por serem quem são e objetivarem viver a sua verdade de maneira plena. Então, ainda na série de respostas que esse trabalho-casa busca responder, a sociedade burguesa nos diz e nos indica que quem tem direito à casa é a família tradicional, binária, heterossexual, cisgênera, branca e de classe social média. Aos outros que diferem deste arquétipo, cabem as vivências em espaços de sobrevivência: o barraco, o abrigo, o carro, a rua. Ou, quando conquistam o espaço casa similar ao deste grupo em poder, ocupam a casa em oposição à perda de direito à cidade; são constantemente lembrados que não deveriam estar ali naquela casa, naquele bairro, naquela cidade, naquele país. Sofremos com tamanha tentativa de opressão que fazem com que utilizemos a cidade ou mesmo as nossas próprias casas como armários, para nos escondermos dos demais, não chamar atenção.

Os avanços de conquistas de direitos da comunidade LGBTQ foram muitos nos últimos anos, observando de forma mundial e também em reflexos direto em nosso país, mas podemos considerar que a concessão aos direitos humanos básicos de existência ainda estão em disputa pelos indivíduos que compõem o movimento, sempre marcado por luta. Por exemplo, apenas após a revolta de Stonewall, em 1969, a violência contra os LGBTQ passou a ser vista como um problema social para atenção pública (CASTELLS, 1999 apud NASCIMENTO et al., 2010).

Ainda que a homossexualidade tenha deixado de ser punida com morte no início do século XIX, na maior parte dos países, ainda eram - e continuam sendo - aplicadas “provisões legais que proibam a vadiagem e as demonstrações públicas de impudência” (GREEN, 2000 apud OLIVEIRA e SILVA, 2017). Apenas no século XX a Organização Mundial de Saúde confirmou a despatologização da homossexualidade, devido a uma organização do movimento LGBTQ buscando seus direitos de reconhecimento (OLIVEIRA e SILVA, 2017).

Levando em consideração o constante aumento em números de casos de violência contra pessoas LGBTQ no país (OLIVEIRA e MOTT, 2022) e, também, o índice de homofobia que assola muitas das vezes o próprio grupo familiar deste indivíduo, projetos de Casas de Acolhimento LGBTQ são de extrema importância, principalmente para jovens periféricos que têm de lutar duplamente pela sua existência e resistência nos espaços em que se inserem. A violência contra a comunidade LGBTQ cresceu em vez de regredir.

E, quando chamamos atenção sobre a necessidade de educação da sociedade às vivências e conhecimentos acerca do movimento LGBTQ, que é duramente criticado através do discurso contra a “ideologia de gênero”, prevalece a ignorância e a persistência de uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003), que segue de olhos fechados para nós (LIONÇO e DINIZ, 2008).

O estudo de casas de acolhimento LGBTQ no Brasil traz maior entendimento e destaque para trabalhos que preservam o direito humano de existir e habitar como se é verdadeiramente, apropriando-se, se for preciso, de uma nova definição de família: um grupo que passa a ser uma escolha ou uma rede de pessoas de onde se extrai o essencial à vida, como o amor e o cuidado (ROSENEIL, 2006).

É extremamente significativo analisarmos o período de surgimento dessas casas de acolhimento - tanto as destrinchadas no capítulo 3, quanto às demais apenas citadas. Em meio a um momento político marcado por retrocessos e cortes de verbas públicas e tendo um projeto de governo em vigor que é publicamente contra as vivências LGBTQ, as (re)existência destas casas de acolhimento são um grito de socorro ao mesmo tempo que uma mão de ajuda à própria comunidade. É necessário entender a dificuldade de estar vivo, quando o Estado não te quer vivo e não faz o mínimo necessário para que projetos como os apresentados neste trabalho-casa, permaneçam ativos. Projetos esses que fazem o trabalho que se é esperado do Estado: que alimenta, que resgata a dignidade com um teto, que protege em meio a uma pandemia global. E, mesmo com as micro conquistas - como a cessão de espaço definitivo à Casa Nem pelo governo estadual do Rio de Janeiro -, não significa que as lutas acabam e tudo se torna mais fácil. O retrocesso e a facilidade com que os nossos direitos, enquanto indivíduos LGBTQ, nos é tirado, nos faz lembrar que a luta é constante e compartilhada e que, muitas vezes, “é nós por nós”, sem o auxílio de políticas públicas eficazes que nos garantam segurança, acolhimento e vida.

A verdade é que, cada vez mais, é necessário que nós nos protejamos e contemos uns com os outros para suprir os acordos familiares muitas das vezes quebrados. Buscamos nessa rede de escolha (ver ROSENEIL, 2006) o abrigo, acolhimento e sensação de segurança através de amizade, amor e carinho que, supostamente, deveríamos receber da nossa família, no nosso lar. E, ver a existência e resistência de diversos projetos de casas de acolhimento LGBTQ - inclusive muitas outras que não foram trazidos para este trabalho, como as listadas no início do

capítulo 3 - principalmente através do auxílio, seja com trabalho voluntário ou pela doação financeira, das redes comunitárias LGBTQ, é inspirador para acreditar no esperar. Mostra que “em qualquer circunstância, em qualquer poder, em qualquer realidade, as bichas continuarão se reunindo. As bichas vão continuar existindo” (CETRONE, 2020).

PUXADINHO

“EU CONSTRUÍ UMA CASA PARA MIM”¹¹⁵

Finalizado este trabalho-casa, peço licença às normas acadêmicas para além de todos os ajustes que fiz durante o texto. Dessa vez, não é mais sobre o acréscimo de uma poesia, música ou formas autoetnográficas de narrar uma história dentro do trabalho. Esse puxadinho é um espaço interligado a esse trabalho-casa, onde eu me permiti desabafar.

Era 08 de novembro de 2019. Na época, trabalhava na Fundação de Arte de Niterói e fomos gratamente surpreendidos pela soltura do ex-presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva¹¹⁶. O expediente foi encerrado mais cedo e naquele dia fomos toda a equipe em direção ao bar mais próximo, gritando aos quatro ventos “Lula livre!” e fazendo o sinal de “L” com as mãos para todo e qualquer carro que passava por nós buzinando. Já vivíamos, então, há um ano de um (des)governo e aquela notícia nos veio como um sopro de esperança.

Chegamos ao bar por volta das 16h30, bebemos, brindamos. Num rompante, lembro-me que o resultado prévio da seleção do PPCULT 2020 sairia, também, naquele dia. Peguei o meu computador, na mesa do bar, e montei uma planilha com todas as pontuações e seus devidos pesos, para entender se eu e Luiza Carvalho¹¹⁷ havíamos passado. Mesmo com o álcool, consegui montar uma das planilhas mais difíceis que eu já fiz na minha vida, mas que me trouxe motivo para muita comemoração e alegria: havíamos entrado.

Esse dia, somado à segunda comemoração, terminou apenas às 2h da madrugada. Por aquele bar, depois de toda a celebração junto à equipe e amigos de trabalho, passaram também diversos outros amigos, que foram verdadeiramente convocados a celebrar esta aprovação do mestrado comigo. E, apesar da felicidade, tudo que eu pensava era em como 2020 seria um ano insano por mesclar trabalho,

¹¹⁵ Trecho da música “*To Build a Home*”, composta por Jason Angus Stoddart Swinscoe, Patrick Watson, Philip Jonathan France e Stella Page. Interpretada pela banda The Cinema Orchestra. Tradução nossa.

¹¹⁶ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/lula-livre-ex-presidente-deixa-a-prisao-em-curitiba/>>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

¹¹⁷ Uma das minhas melhores amigas e aluna da turma 2020 do PPCULT, também. Nesse momento da história, trabalhávamos juntos na Fundação, além de morarmos juntos em um dos apartamentos que relatei durante a escrita.

mestrado e uma eleição municipal (o que pra mim era de grande impacto, uma vez que trabalhava no setor público). Mal sabia eu...

Nossa turma do PPCULT 2020 se encontrou pela primeira vez no Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS) no dia 17 de fevereiro de 2020. Em teoria, dali a um mês iniciaríamos as aulas. Foi um início de ano bastante complexo para mim, tive conversas longas sobre horários de aulas e como isso conflitaria ou não com as minhas funções no trabalho. No dia 13 de março de 2020, fiquei até bem tarde no escritório para resolver pendências e deixar instruções pois tiraria um mês de férias - também pensando nesse início de aulas do mestrado, para melhor me adaptar.

No dia 14 de março de 2020, a cidade de Niterói foi oficialmente posta em isolamento, com inclusive barreiras físicas de acesso ou saída da cidade. As férias foram canceladas e o que estava previsto para serem apenas quinze dias, assolou o país e o mundo todo.

Nesse momento, em 2020, morava em um apartamento de quatro quartos e 1 banheiro com +3 pessoas (todos com seus respectivos quartos individuais). Com o início do isolamento e a fim de evitar idas e vindas, agregamos uma das namoradas (e sua gata). Passados os quinze dias e visto a provável permanência do estado de isolamento, veio outra namorada (e seu cachorro). Perto da páscoa, meu namorado passou a morar conosco também. Em julho, com as primeiras flexibilizações na cidade, o namorado da Luiza (que eu citei acima) vinha quinzenalmente. Enquanto todo mundo era obrigado a ficar em casa, nós acabamos com 7 pessoas fixas, uma gata e um cachorro dividindo um mesmo apartamento de 120m².

Com o regime de trabalho remoto, passei a sentar para trabalhar no computador do quarto às 9h sem hora para acabar. Reuniões intermináveis, acúmulo de funções de outros funcionários que ou não sabiam fazer as demandas que surgiam ou não tinham equipamento necessário para tal. Sem falar em toda a ansiedade e o medo da morte (tanto minha, quanto dos meus, de quem eu amo). No meio desse cenário, começamos um mestrado totalmente à distância.

Logo eu, que sempre dei importância à troca da sala de aula, ao olho-no-olho, ao quadro cheio de informações e anotações. Fui obrigado a trocar tudo isso pela aula pelo Google *Meet*, com uma internet que falhava, depois de muitas horas já à frente do computador por conta do trabalho. Ou ainda trabalhando enquanto assistia às aulas. A pesquisa com a qual fui aceito no Programa passando e repassando na minha

mente, se tornando cada vez mais impossível de realizar, por não poder ir a campo - pelo simples fato de não existir o campo, também¹¹⁸.

Perdi meu melhor amigo, briguei com parentes que achavam besteira todo o meu cuidado, redobrei os TOCs e vícios de limpeza, me tornei o maluco do álcool 70 que espirrava em tudo demasiadas vezes, chorei e consolei amigos que perderam seus familiares, bebi mais do que deveria, comi mais do que queria. Comecei a fazer terapia para lidar com a dificuldade de criar espaços dentro da minha casa; não conseguia assimilar o meu quarto enquanto espaço de trabalho, estudo, lazer e descanso, tudo ao mesmo tempo. Com a casa totalmente cheia, me retraí dentro deste quarto; fiz dele, a minha casa.

No final de 2020 decidi comprar um apartamento. Colocar em prática o “sonho da casa própria” em completa impulsividade, movido pelo cansaço de lidar com tantas outras pessoas em um mesmo espaço de habitação. Assim, em 2021 me mudo para um novo lar, que me gera sensação de pertencimento não apenas pela noção de propriedade, mas também por identificação, intimidade e acolhimento.

Nesse momento, o trabalho na Fundação passou a se tornar cada vez mais danoso à minha saúde mental, mas tendo um novo compromisso mensal de ter de pagar um apartamento, fui empurrando cada vez mais a insatisfação, pensando que “as contas não param de chegar”. Nesse momento, começo a escrita desta dissertação. Entendendo que ela não seria exatamente o que eu pretendia estudar lá em 2019 e fazendo o possível para me sentir confortável o bastante com ela.

O processo de escrita, inicialmente para a qualificação, foi bastante atordoante para mim, entremeado dessas diversas questões pessoais e profissionais que pareciam improváveis caso não estivéssemos vivendo uma pandemia global.

E como nada acontece de forma tranquila, aparentemente, no final de 2021 teve um momento em que (hoje eu entendo isso) preferi me ocupar fazendo tudo o que era possível, do que lidar com as minhas prioridades e pensar no que era preciso abrir mão para estar bem. Sendo assim, com as coisas “voltando ao normal” e com mais flexibilizações acontecendo na cidade e no estado do Rio de Janeiro, acumulei o trabalho de Coordenação de Produção na Fundação de Arte de Niterói, com um

¹¹⁸ O projeto original desta pesquisa era acompanhar a instituição de um espaço físico da Casinha Acolhida, uma casa de acolhimento LGBTQ que só funcionava com atendimentos e apoios virtuais, mas que recebeu ao longo de 2019 uma série de apoios de marcas como Ambev, Doritos, Burger King, entre outras. E, em 2020, estava se preparando para instituir uma casa física, para seu funcionamento. Por conta da pandemia da COVID-19, eles adiaram esse plano.

freela (que se tornou fixo, também) para uma feira literária, com o estágio docência, com a escrita do material que seria qualificado.

Muitas horas de terapia justificam essas escolhas, mas a verdade é que tudo isso acontecendo junto auxiliou no processo de não me sentir bem e toda a culpa carregada. “Não estou escrevendo porque tô trabalhando demais”, só que não dizia não para nenhum trabalho que surgia. E quando optei por me demitir da Fundação e ficar apenas com um trabalho mais flexível e que me dava tempo para escrita, passei a ter fortes crises de ansiedade, que me faziam pensar que qualquer coisa era mais interessante e importante do que escrever este trabalho-casa; ao mesmo tempo em que, fazendo todas essas outras coisas, eu me sentia culpado por não estar escrevendo.

Claro que, além de tudo, o *timing* foi completamente desencontrado. Estudar e escrever sobre casas enquanto todo mundo era obrigado a estar em casa e, em determinado momento, já não aguentava mais ficar “preso” nesse mesmo espaço. Falar sobre relações familiares no espaço da casa, quando toda a minha relação familiar era com uma família de escolha, amigos; sentindo falta do colo de avó, de sentar e conversar pessoalmente com os meus pais. Estudar sobre projetos sociais que necessitam de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBTQ no meio de um (des)governo marcado pelo ódio e pelo desmonte.

Ainda que escrever fosse também um ato de esperar novos caminhos - principalmente nessa reta final, com novas eleições presidenciais em vista -, era impossível não se deixar abater pelas posturas de um (des)governo que permitiu com que tantas famílias sofressem: com a morte, com a fome, com o abandono, com a busca pela rua por não conseguirem manter suas casas.

Chego ao final deste trabalho, então, fazendo questão de pontuar o quão difícil é fazer pesquisa científica humanizada e afetiva num “país de maricas”¹¹⁹, mas pontuando que, acima de tudo, a gente não desiste!

É difícil botar um ponto final nesse trabalho-casa sem imaginar quantas mais casas me atravessarão no futuro e quanto eu carregarei de cada uma delas comigo. Além disso, escrevo com a esperança de que um dia as políticas públicas deem conta

¹¹⁹ Referência a uma das falas negacionistas e de índole genocida do então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, sobre a pandemia da COVID-19 no país. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54902608>>. Acesso em 18 de março de 2021.

da retomada de dignidade de milhares de pessoas e que a cidade possa ser lugar de festa, de luta, mas, acima de tudo, de respeito.

E, é a partir dessa esperança (e também precisando ouvir palavras de acolhimento), que pedi relatos para algumas pessoas que já fizeram de mim ou das minhas casas, as suas casas. Porque, quando eu penso em casa, eu penso nessas pessoas também. E, como eu disse lá no começo deste trabalho-casa, esta também é uma narrativa pessoal, sobre muitos.

Para fins de contexto, foquei nas duas últimas experiências de habitação coletiva que tive antes de estabelecer endereço fixo, o meu próprio:

l) o 311, apartamento no Centro de Niterói, onde éramos entre 4 e 5 moradores fixos, mas onde o recorde de pessoas dormindo chegou a 37 numa mesma noite. Nele vivemos entre 2016 e 2018;



FIGURA 11 Última foto do 311, postada no Facebook em 2018, no dia de entrega do apartamento após vistoria da imobiliária (Foto: Acervo)

II) o “*Bad Place*”¹²⁰, no bairro do Ingá em Niterói, onde éramos 4 moradores fixos num apartamento com piso desnivelado e onde sobrevivemos à pandemia (chegando a 8 moradores + 2 bichos de estimação, como dito anteriormente neste trabalho). Vivemos entre 2018 e 2021 por lá.



FIGURA 12 Bordado em homenagem ao *Bad Place*, a partir de uma foto da comemoração de aniversário do Cláudio. Esse bordado ficou pronto perto do final do contrato do apartamento e, hoje em dia, decora a parede da minha sala. (Foto: Acervo)

Morar no “*Bad Place*” junto com vocês, durante o processo de pandemia, me fez refletir sobre um senso de família fora da família, dos laços sanguíneos, dos quais a gente nasce predestinado e não tem escolha. É engraçado lembrar das dinâmicas, porque era um ciclo fechadinho: das semanas em que estavam todos de bom-humor e as coisas fluíam muito bem

¹²⁰ Em tradução literal, lugar ruim. A referência é à série de televisão “*The Good Place*”, produzida pela ABC em parceria com a Netflix, disponível na Netflix.

e das semanas em que um ou outro estava mal e dava pra perceber pela diferença no jeito de lidar com as coisas, das semanas em que estava todo mundo na merda e todo mundo sabia. Vou levar sempre as refeições, as celebrações, os filmes na sala... são coisas que são caracterizadas de família. As vivências que a gente teve antes, de estarmos juntos, eram escolhas, momentos pontuais. E ali [na pandemia] não tinha jeito, quem não quisesse estar junto, tinha que se fechar no quarto. E aí era muito nítido perceber os ciclos de outras pessoas. Aquela casa foi um momento intenso, de mostrar também o que é a vida, o que eu gosto e desgosto em mim e em outras pessoas. Porque ali não era apenas morar, era sobre conviver 24 horas por dia durante muitos dias. Muitas memórias, crises e momentos felizes. **Clara Taranto**

Pensar sobre o “Bad Place” me leva pra um lugar de muita saudade. É curioso, porque já tive essa conversa com a Érica várias vezes e em todas elas nós dois compartilhamos o quanto ter estado ali foi especial pra nós, individualmente como pessoas, mas também como casal. Não foi minha primeira experiência no que diz respeito a morar com outras pessoas, mas sem dúvida, o que vivemos naquela casa acaba me trazendo as lembranças de maior carinho. Ali pude não apenas conviver com vocês, o simples convívio pelo convívio, mas tive a oportunidade de conhecê-los e me apaixonar por cada um de vocês, todos os dias. Há quem possa dizer que o contexto de exceção gerado pela pandemia também pode ter ajudado a aflorar ainda mais todas as nossas emoções e percepções, mas na real nem enxergo nisso um problema. Talvez com isso eu tenha estado mais aberto pra aprender com vocês, pra me sentir parte real daquela família ou mesmo pra curtir os momentos aleatórios em que sentávamos na sala e começávamos a conversar, abríamos umas cervejas ou preparávamos algumas bebidas e pronto, a festa tava armada. Nem precisava de muito pra gente compartilhar boas risadas, fofocas, histórias, choros, dores, desabafos, abraços e amor. Eu amei todos os cômodos daquela casa porque ela me representava afeto. Não era uma casa apenas no sentido de tijolos e teto, mas um lar, um lugar para o qual eu voltava pro meu aconchego. Voltava para os meus, pra onde eu me sentia seguro e em paz, como poucas vezes me senti nesta cidade de Niterói. Ainda tinha um banheiro pra limpar, uma sala pra varrer e passar pano ou uma geladeira pra arrumar, mas era ali onde eu me sentia em casa e muito por causa de todos vocês que sempre me acolheram com muito carinho. **Cláudio Guignoni**

É muito doido como o “Bad Place” significou tanto pra gente. Principalmente no contexto em que fui pra lá, passar duas semanas que se transformaram em quase 1 ano. Eu lembro que quando arrumei minhas coisas, eu fiz uma bolsa de emergência para caso precisássemos sair correndo para sobreviver no mato. O sentimento de medo e de incerteza era tão grande que eu realmente não fazia ideia do que estava por vir. Aos poucos fomos nos alinhando com o contexto externo mas também com o nosso contexto de sermos família. 7 (às vezes 8, e se contar Banzé e Macsuel, 10) seres se alinhando, se transformando, se apoiando e se cuidando. Isso que o “Bad Place” foi pra mim. Um lugar de afeto, de tensão (obviamente porque aquela geladeira pequena para nós todos era um inferno), mas também de muito abrigo e cuidado. Ter o privilégio de receber abraços e carinho, de festejar mesmo sem muitos motivos, de ter festas de aniversário surpresas ou nem tanto ou simplesmente pedir um petisco pra ter motivo pra nos reunirmos ainda mais... tudo isso foi crucial pra nossa sobrevivência. Não sei o que seria de nós sem aquela casa naquele momento. Só sei que, quando penso no “Bad Place”, eu só tenho gratidão por ter dividido esse lar com vocês. **Érica Brito**

Esse apartamento veio pra mim num momento em que eu precisava de mudanças de ares, de convivência, de um lugar de pertencimento mesmo,

porque, desde que tinha me mudado, eu só morei em casas "dos outros". E como eu já tinha saído da casa dos meus pais há algum tempo, embora eu tivesse a sensação de lar quando ia pra lá, não era a mesma coisa. Eu tinha casa aqui, um teto (e sou imensamente grata de nunca ter me faltado um espaço para habitar), mas eu não tinha a sensação de lar, de poder decorar como eu queria, de saber que mesmo com outras pessoas, aquilo ali era um pedacinho de mim, era meu de alguma forma. E junto com o espaço físico daquele apartamento, vieram pessoas. Algumas eu já sabia que, de uma forma ou de outra, eram meu lar, eu já tinha uma amizade que me permitia ter confiança e segurança de um acolhimento, daqueles com cheirinho de café no final da tarde, sabe? Outras foram surpresas felizes que, com a convivência, também se tornaram parte desse lar. E aí, quando em 2020 o mundo parou, esse meu lar virou todo o meu mundo, por meses. E eu acho que eu tive muita sorte de poder contar com aquele espaço, com aquelas pessoas durante todo o período de isolamento. Longe de nossas famílias, de nossos amigos, de tudo, nós éramos tudo o que o outro tinha e o apartamento virou escritório, salão de festa, academia, estúdio de fotografia e tantos outros espaços para caber nossa pequena grande família e a nova "moda" que a gente inventou. Celebramos todos os aniversários, fizemos festa junina, tentamos conseguir um pequeno senso de normalidade no meio de tanta perda. Inclusive, alguns de nós perderam familiares e amigos, e mais ainda, nos apoiamos como deus. Tivemos batidas de porta, caras feias, estresses, reuniões de condomínio e troca de frases atravessadas. Mas o importante é que o que prevaleceu foram as boas memórias, e quando ele teve seu fim fisicamente, continuou sendo parte de mim. Foi tudo que eu precisava, mesmo que eu nem soubesse o que eu precisava. **Luiza Carvalho**

Sabe quando você tem aquele álbum de família, com lembranças, que você vai na casa dos seus pais e vê? O "Bad Place", pra mim, é um álbum de família. Porque essa casa foi o meu primeiro lugar, foi meu primeiro refúgio para sair de dentro do casulo da casa dos meus pais, pra cortar o primeiro laço, o cordão umbilical com a minha mãe. Foi ali que a pessoa que eu sou hoje e que está em construção, começou a nascer. Porque eu saí de dentro de uma bolha muito grande de proteção e aí eu me arrisquei no mundo pela primeira vez. Foi minha primeira vez saindo de casa, me assumindo, foi ali que eu entendi quem eu era e comecei a construir as relações de amizade que eu tenho até hoje. E aí, de início, a casa foi pra mim um lugar de refúgio, muito incrível, de conexão com amigos diferentes dos que eu tinha desde a infância. Depois, na pandemia, foi um puta abrigo, porque a gente passou 2 anos super difíceis e trancados em um ambiente e foi ali que eu convivi com tantas pessoas; amigos que eu sei que posso contar pra vida toda e também pessoas que eu talvez não queira conviver mais, mas que naquele momento foram um super refúgio. Então essa casa, com certeza, foi o início de uma vida que eu to construindo até hoje. Um lugar de construção, de começo. **Rhaiany Soares**

Eu nunca tinha parado pra pensar no que era casa. Por muito tempo só conhecia a casa da minha família, até precisar sair de casa por conta da faculdade e morar numa república. Aí eu vi que casa é muito mais sobre conexões do que exatamente sobre estrutura. Já morei com pessoas odiosas e o sentimento era de que aquele lugar não me pertencia, mas bastava minha melhor amiga chegar do trabalho, eu colocava nosso vinho pra gelar, sentávamos embaixo da nossa samambaia, acendíamos nosso palo santo, via que ali existia casa, existia abrigo. Passei por outras casas, as pessoas mudaram, os ambientes mudaram, mas o que se mantém e se renova são as conexões. **Werner Rehm**

O 311 foi minha loja mágica antes de eu entender o que era uma loja mágica - um lugar que você entra e só consegue sair quando você encontra o que você precisa. Eu cheguei no 311 pra montar um quarto na sala do

apartamento, um espaço que não só nunca foi só meu como foi de todo mundo ao mesmo tempo. Eu não tive só um colega de quarto, eu tive todos. Eu dividi a TV da sala pra assistir séries de TV de qualidade questionável, eu vi todo mundo fazer a minha cama de sofá (ou eu que fiz o sofá de cama), eu me frustrei algumas noites quando precisava dormir cedo e alguém preferia passar noite adentro jogando algo na mesa da sala ao invés do próprio quarto. E, ainda assim, sempre me senti mais em casa do que na casa dos meus pais — onde sempre tive meu quarto, meu espaço. O que eu descobri no 311 é que eu não me importo de dividir o meu espaço com quem me deixa confortável, com pessoas que são a minha casa, porque eu encontrei o que eu precisava. Encontrei gente que acreditou em mim e continua acreditando e me dando força e, mais importante do que isso, eu encontrei uma família. E isso vai além de qualquer brincadeira te chamando de pai, eu realmente encontrei irmãos. E aí a gente cresceu e cada um seguiu seu caminho, cada um tem sua casa, alguns até casaram e a gente não se fala mais todo dia e se bica constantemente e, ainda assim, mesmo quando eu tenho pouco a oferecer porque minha energia tá baixa, ainda ofereço todo o amor que eu tenho. **Beatriz Augusto**

O 311 foi, pra mim, uma porta aberta para um mundo que eu não conhecia e que me moldou como ser humano. Foi o começo de muita coisa! Quando eu entrava pela porta do apartamento, todos os meus problemas ficavam do lado de fora: só existia a felicidade de estar no meu lugar favorito, com minhas pessoas favoritas. Aquele apartamento foi o ventre que formou uma família que não se separa e se sente parte um do outro. Não sei explicar o buraco no peito que ficou depois que o apartamento teve que ser entregue, mas tudo que eu vivi e aprendi naquele lugar ficam guardados num lugar especial no meu coração. **Claudia Nascimento**

É engraçado pensar em uma relação afetiva com um apartamento em que eu escolhi e pagava pra viver, sem o mesmo senso de lar que eu tenho hoje, que envolve muitas questões de hábitos e maturidade que a vida me trouxe. A verdade é que no fim o 311 foi o lugar onde eu podia errar. Podia não ter maturidade suficiente pra lidar com as situações. Podia não encarar os meus problemas. Podia fazer merda e ter onde cair depois com o conforto da risada da merda no dia seguinte. Podia aliviar qualquer ansiedade com uma sangria barata e meia dúzia de papos que não tinham tanta profundidade mas que no fim diziam muito sobre a profundidade do momento em que eu passava. É tão raro ter um lugar seguro pra falhar nos quase-trinta-anos. Foi um momento muito raro de liberdade de ser na minha vida que eu vou sentir falta pro resto dela. **Fernanda Coutinho**

O 311 foi o lugar em que mais besteira foi falada na história de Niterói, mas também o lugar em que as pessoas mais se sentiam à vontade para simplesmente estar. A Universidade que a gente conheceu, lá em 2013, com todo o panorama do governo Lula, se tornou muito ampla e muito mais diversa (em todos os sentidos mesmo, inclusive de onde vem essas pessoas). A partir dessa dinâmica, passou a florescer essa coisa de república e abrigo estudantil. E aí eu e você já vínhamos de uma experiência de morar em um lugar de encontros, reunidos pelo objetivo de ter uma casa para ficar porque precisava estudar e, assim, passamos a ter diversas experiências. Mas o 311, especificamente, ele vai para um lugar onde a gente tinha um quórum menor de pessoas principais que, de fato, moravam na casa, mas a gente tinha um quórum gigante de pessoas que atravessavam ali. E o mais impressionante é que, de certa forma, todo mundo que passou por ali, marcou ou foi marcado de alguma forma. Se tornava um lugar de ir para beber, mas também um lugar de estar, dormir, acordar e diversos tipos de experiências eram possíveis ali dentro. Quantas vezes eu cheguei em casa e tinham 10 pessoas bebendo na minha sala e eu ficava “pô, eu posso ir pro quarto, mas eu também posso ficar aqui e curtir e vai ser maneiro”. O 311 era muito esse lugar de abrigo

fixo, mas também um lugar de passagem (de experiência, de vivências). Quando a gente terminou o apartamento e eu fui morar sozinho, foi muito muito difícil, porque eu estava muito acostumado com a dinâmica enlouquecedora da casa estar sempre cheia ou vazia, mas com essa promessa de voltar. Era muito incrível, fica pra sempre na nossa memória e eu nunca vou esquecer. **Gabriel Faria**

A minha relação com o 311 têm uma relação com o meu psicológico, meio como se o apartamento personificasse um pouco aquele grupo de amigos. Assim que vocês se mudaram, eu lembro que eu tive a oportunidade de trocar de república e eu fiquei tentando muito convencer a Fernanda a entrar na casa de vocês. No final das contas acabou não rolando, mas ainda assim, aos poucos, eu fui me sentindo muito acolhido. E eu acho que o nosso grupo representa ainda isso. E nos momentos em que eu precisei, de verdade, seja pra dormir uma semana, seja pra reclamar de alguém que eu não gosto, seja pra eu ficar a última semana que eu morei em Niterói, essa casa esteve lá quando eu precisei. A relação que eu tinha com o apartamento é, também, muito, a relação que eu tenho com o grupo. **Hyury Duarte**

Falar sobre o 311 é falar sobre uma fase feliz e de um dos maiores espaços de acolhimento que presenciei na minha vida. Lá falei com pessoas que não conhecia como se as conhecesse há anos. Lá também adquiri valores inegociáveis, como o de amar e respeitar as pessoas como elas são, independente do que sejam. Lá dormi, ri, chorei, amei e cresci como pessoa. Vi pessoas irem e virem. Fiz amigos que não abro mão pro resto da vida, porque me ofereceram outra visão sobre vida e sobre as coisas e me transformaram em uma pessoa melhor. Sobre a vida ninguém pode prever nada, mas independente do caminho que eu trilhe, um pouco do 311 sempre estará comigo de alguma forma. **João Victor Leite**

Toda vez que eu falo algo relacionado a todo o nosso grupo de amigos, eu falo do 311. E todo mundo tem sempre a mesma reação: o QUE é o 311? E aí eu explico que foi, pela primeira vez, dentre todos os grupos de amigos que eu transitava na época em que eu tava me descobrindo um homem trans, onde eu conseguia ficar sem binder¹²¹. Quando eu falo isso, todo mundo leva um susto, porque na época eu usava binder até pra dormir, principalmente quando dormia fora. Porque eu tinha muito receio das pessoas ficarem me encarando ou fazendo perguntas, e por diversas vezes eu dormia sem binder naquela casa e ninguém, nunca, me perguntou nada ou fez eu me sentir desconfortável. A Camila sempre me chamava para ir pra Niterói e eu ficava “como eu vou pra Niterói de noite, ficar lá bebendo de madrugada e voltar de manhã, onde eu vou dormir?” e aí ela falou “vamos comigo, eu sei onde você pode dormir”. E aí eu lembro que tinha rolê em que eu não estava lá e vocês mandavam foto falando “poxa, cadê você?” e eu ficava “caraca, ela queria que eu fosse?”. E o que é mais bizarro, todas as pessoas que eu conheci pessoalmente no 311, umas já me seguiam em rede social e outras eu que seguia e, de certa forma, eu já conhecia um pouco alguém ali mas ao mesmo tempo não conhecia. Eu lembro que eu gravei um vídeo pra um trabalho de faculdade que era pra falar de família, mas ficaram meio assim de saber se eu ia gostar ou não de falar da minha família; mas quando eu falei de representar a família, laços afetivos e amorosos, aquelas pessoas que realmente estão com você, que mostram que vale a pena tentar, que acreditam em você ou investem em você de alguma forma, eu não citei meu pai ou a minha mãe, mas sim algumas das pessoas que eu conheci no 311. Dizem que canceriano tem uma ligação muito forte com a família e é verdade,

¹²¹ Peça de vestuário que permite realizar a amarração dos seios, com o objetivo de achatá-los e ficar com a aparência de um peito liso, muito utilizada por homens trans. Ver mais em: <<https://helloclue.com/pt/artigos/ciclo-a-z/como-homens-trans-pessoas-nao-binarias-e-de-genero-fluido-podem-ocultar-seios>>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

eu tenho uma ligação muito forte, mas é com a família que eu fui fazendo aos poucos na minha vida, não com a família que me pariu e me jogou aqui. Então, quando eu lembro do 311, com alguns flashbacks de festa, jogos de tabuleiro, lavando aquela louça milhares de vezes (que nem minha era), dormindo cheio de glitter do carnaval e aproveitando aquele colchão surrado que ficava atrás do sofá... toda vez que eu lembro dessas pequenas coisas eu sinto uma nostalgia, como se fosse uma família que me criou na adolescência, nos processos que eu queria ter passado mais tempo. Foi um lugar onde eu senti conforto e me senti em casa e aí, quando ocorreu isso, eu descobri que a minha família tava por ali.

Teodoro Azevedo

Acredito que viver todas essas experiências, com todas essas (e muitas outras) pessoas, foi como um rito de passagem pra mim. Penso em como todas as boas memórias que eu tenho, principalmente relacionadas ao meu crescimento e aos sentimentos que me remetem ao lar, estão intrinsecamente relacionadas com estas casas físicas pelas quais eu passei. Hoje gosto de pensar que guardo todas essas boas memórias atrás de cada porta dessas casas que, em sua grande maioria, são possíveis de acessar apenas na minha cabeça hoje em dia. E ainda que tenha um cachorro pulando e latindo atrás de uma porta ou que a outra nunca tenha sido trancada ao longo dos 2 anos e meio de contrato, cada uma significou uma série de momentos que hoje fazem parte de mim e de quem eu sou.

Enquanto buscava sobreviver às mudanças da vida, a todas as horas de aulas e Cantareiras, aos estágios, trabalhos com chefes abusivos e relacionamentos de amizade e amorosos sendo criados e desfeitos, criava também o meu próprio significado de casa de acolhimento. Um lugar que fosse confortável não só pra mim, mas para todos os outros que escolheram ficar por perto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACIOLI, S. Prefácio. **Partes de um corpo**. Porto Alegre, RS: TAG, 2021.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: **Estudos Feministas**, nº 229, Jan. de 2000. Tradução de Édna de Marco.
- ARAÚJO, M.F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2002, v. 22, n. 2, pp. 70-77
- ARAÚJO, V. Grupo LGBTI ocupa prédio em Copacabana e provoca polêmica entre vizinhos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 de julho de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/grupo-lgbti-ocupa-predio-em-copacabana-provoca-polemica-entre-vizinhos-23833664>>. Acesso em 20 de outubro de 2020.
- ARIÈS, P. e DUBY, G (orgs.) Coleção **História da Vida Privada** (5 vols.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Tradução de Hildegard Feist.
- ARNOLD, E.A.; BAILEY, M.M. Constructing Home and Family: How the Ballroom Community Supports African American GLBTQ Youth in the Face of HIV/AIDS. In: **Journal of Gay & Lesbian Social Services**, 21:171–188, 2009
- ATRÁS DA ESTANTE**. Título original: *Circus of Books*. Direção: Rachel Mason. Produção: John Battsek, Camilla Hall, Josh Braun e Ryan Murphy. Estados Unidos: Netflix, 2019 (86 min). Netflix. Acesso em setembro de 2022.
- AZEVEDO, A. **O Cortiço**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, L.B.F. **As meninas entraram na casa pra ficar** - corpos, marcas e narrativas: história(s) e disputas da Casa Nem. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2018
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2008.
- BEIRAL ESTÚDIO. Que horas ela volta? - Uma reflexão sobre espaços de segregação. In: **Archtrends Portobello**. 23 de junho de 2022. Disponível em: <<https://archtrends.com/blog/que-horas-ela-volta/>>. Acesso em 27 de agosto de 2022.
- BENEVIDES, B.G; NOGUEIRA, S.N.B. (Orgs.). **Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021

BETIM, F. As várias faces do MST, movimento que Bolsonaro quer criminalizar. **El País**. 31 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/13/politica/1544736443_496134.html>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

BONATES, M.F. **Ideologia da casa própria... sem casa própria**: o Programa de Arrendamento Residencial na cidade de João Pessoa-PB. 2007. 291 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

BORRILLO, D. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, p. 191, 2007.

BOURDIEU, P. Efeitos de Lugar. In: **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, J. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, R.M.M. Sexualidades transgressoras. **Una antología de estudios queer**. Barcelona: Icària editorial, 2002, p. 55 a 81.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAROSELLA, P. **Cozinha de alma para a mulher sensível** (e para os homens que amam as mulheres sensíveis que cozinham para eles). S.D. Disponível em: <<http://www.paolacarosella.com.br/about>>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

CARTA MUNDIAL PELO DIREITO À CIDADE, 2009. Disponível em: <<https://www.suelourbano.org/wp-content/uploads/2017/08/Carta-Mundial-pelo-Direito-%C3%A0-Cidade.pdf>>. Acesso em 28 de agosto de 2021.

CASA CHAMA. **História**. s.d A. Disponível em: <<https://www.casachama.org/quem-somos/historia/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

CASA CHAMA. **Chama Festival**, s.d. B. Disponível em: <<https://www.casachama.org/chamafestival/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

CARVALHO, C.O.de, & MACEDO JÚNIOR, G.S. “Ainda vão me matar numa rua”: direito à cidade, violência contra LGBTs e heterocisnormatividade na cidade-armário. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, 20(2), 2019, p. 143-164.

CASA NUVEM. **A casa nuvem**. s.d. Disponível em: <<https://www.casanuvem.com/>>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

CERTEAU, M.de. Capítulo IX, “Relatos de espaço”. In: **A invenção do cotidiano**, tomo 1. Petrópolis: Vozes, 1998.

CETRONE, C. **Manda as bicha descer**: Histórias do Cotidiano da Casa 1. São Paulo: Publicação independente. 2020

CORTIÇO. In **Dicionário Michaelis**, 2021. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/corti%C3%A7o>>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

COSME, M. **Talvez você seja...**: Desconstruindo a LGBTfobia que você nem sabe que tem. São Paulo: Planeta, 2021.

DAMATTA, R. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 16 de setembro de 2022.

D'INCAO, M.A. Mulher e Família Burguesa. In: PRIORE, M.D. e BASSANEZI, C. (org.) **Histórias das mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2006. p. 223-240

EFREM FILHO, R. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **Cadernos Pagu**, (46), janeiro-abril de 2016. p. 311-340

ELIAS, N. **O processo civilizador** - Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Tradução de Ruy Jungman.

ELLIS, C.; ADAMS, T.E. & BOCHNER, A.P. **Autoethnography: An Overview**. *Forum: Qualitative Social Research Sozialforschung*, Berlim, v. 12, n. 1, Art. 10, p.1-18, jan. 2011.

ENNE, A. **Cozinhando com Certeau parte 1**. Youtube, 20 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tmpE3QZ3a5I>>. Acesso em 17 de setembro de 2022.

FALCÃO, K.J. Casas e terreiros de cultos africanos: território de identidade, resistência e de construção de linguagem. In **Revista Espaço Acadêmico**, n. 187, dez/2016

FERNANDÉZ, J.J.T. *CHOSEN FAMILIES AND FEMINIST MOTHERING IN THE BALLROOM COMMUNITY: BLANCA EVANGELISTA FROM POSE*. In: **Raudem**, Revista de Estudios de las Mujeres. Vol. 8, 2020.

FOUCAULT, M. **De Outros Espaços**: conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967. Traduzido do inglês por Pedro Moura. *Diacritics*, Baltimore, v. 16, n. 1, 1986.

GARCIA, D.C.D; VIEIRA, A.S.; PIRES, C.C. **A explosão do fenômeno: reality show**. Biblioteca Online de Ciências e Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/garcia-deomara-reality-show.pdf>>. Acesso em 17 de setembro de 2022.

GGB. **População LGBT mortas no Brasil: #RelatórioGGB2018**, 2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>>. Acesso em 16 de julho de 2019.

GOULART, G. Grupo reivindica ocupação do antigo Automóvel Club e pede à prefeitura que prédio vire abrigo e centro cultural. **O Globo**. 13 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/grupo-revidindica-ocupacao-do-antigo-automovel-club-pede-prefeitura-que-predio-vire-abrigo-centro-cultural-23066400>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas sociais**, n. 29, 2012, p. 73-89.

HISTÓRIA da Aids no Brasil. Secretaria de Saúde da Prefeitura de Juiz de Fora. s.d. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/ss/aids_dst/arquivos/historia_brasil.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

HEREK, G.M. *Psychological heterosexism in the United States*. In A. R. D'Augelli & C. J. Patterson (eds.), **Lesbian, gay, and bisexual identities across the lifespan: psychological perspectives** (pp 321-346). Oxford: Oxford University Press, 1995.

HISSA, C.E.V & NOGUEIRA, M.L.M. Cidade-corpo. **Revista UFMG**, Belo Horizonte. Vol. 20, nº 1, p. 54-77, 2013.

IENDRICK, D.C. A casa de candomblé: família e negociações de domesticidade. In: **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 16, n.1, p. 148-161, jan-jun/2019.

INDIANARA. Direção e Produção de Aude Chevalier-Beaumel e Marcelo Barbosa. Rio de Janeiro: Santaluz, 2019. 84min. Telecine. Acesso em 22 de outubro de 2020.

IPEA. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020). **Nota técnica, nº 73**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10074/1/NT_73_Disoc_Estimativa%20da%20populacao%20em%20situacao%20de%20rua%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2022.

JACQUES, J. **Os olhos que tudo veem**: interatividade, subcelebridade e digital influencers em *Power Couple Brasil*. Trabalho de conclusão do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 84 pgs., 2017.

KAUR, R. **O que o sol faz com as flores**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEVITHAN, D. **Todo dia**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012. Tradução de Ana Resende.

LIONÇO, T. e DINIZ, D. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Psicologia Política**, 8(16), 2008. p. 307-324.

LOPES, A.C.; FACINA, A.; SILVA, D.N.; Sobrevivência, linguagem e diferença: política no tempo do agora. In: **Nó em pingo d'água**: Sobrevivência, cultura e linguagem. Rio de Janeiro/Florianópolis, Mórula Editorial/Editora Insular, pp. 15-30, 2019.

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. **Vozes**, 1997. p. 14-36.

MADRIGAL-BORLOZ, V. & FAHRA, L. Discriminação aumenta risco de jovens LGBTI irem morar na rua, dizem relatores. **Nações Unidas Brasil**. 13 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/83940-discriminacao-aumenta-risco-de-jovens-lgbti-irem-morar-na-rua-dizem-relatores>>. Acesso em 21 de setembro de 2022.

MARTINS, V. **Se a casa 8 falasse**. Rio de Janeiro: Globo Alt, 2021.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009

MBEMBE, A. Necropolítica. In: **Arte & Ensaios**, revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dezembro de 2016.

MIRANDA, E.O. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador : EDUFBA, 2020.

MIRITICA, W. et. al. PreparaNem, Rio de Janeiro, 2015-2016. **Cadernos de Subjetividade**. PUC-SP n. 19 (2016): Da afasia aos gritos.

MOIRA, A. Luan Ângelo. **Partes de um corpo**. Porto Alegre, RS: TAG, 2021

MONDARDO, M. L. . O corpo enquanto “primeiro” território de dominação: o biopoder e a sociedade de controle. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 2009, p. 1-11, 2009

MORAES, I. MST: Você entende o que é esse movimento? **Politize!**. 15 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/mst-voce-entende-o-que-e-esse-movimento/>>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

MOTA, L. **O espetáculo da vida privada**. Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2002.

MOTTA, E. Casa e economia cotidiana. IN: RODRIGUES, R.I. **Vida Social e Política nas Favelas**: pesquisas de campo no Complexo do Alemão. 2016, p. 197-213.

MOTTA, E. Uma casa boa, uma casa ruim e a morte no cotidiano. **Revista Etnográfica**, vol. 24 (3), 2020, p. 775-795.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra, 1985. In: RATTS, A. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006

NASCIMENTO et al. Territórios LGBT em Salvador - usos do espaço, sociabilidade e violência. **Anais...** Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades e deslocamentos, Santa Catarina, 2010.

NERY, J.W. **Viagem solitária**: memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **História e Cultura**, v. 10, 1993, pp. 7-28. Tradução de Yara Aun Khoury.

OLIVEIRA, V.B; SILVA, M.A.M. Empresas e marcas que se voltam para a causa LGBT. **Anais...** XXI INIC, Vale do Paraíba, 2017.

OLIVEIRA, JMD & MOTT, L. [orgs.] **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil - 2019**: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

OLIVEIRA, JMD & MOTT, L. [orgs.] **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil - 2021**: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.

ORFANATOS não existem! Instituto Fazendo História, 2017. Disponível em: <<https://www.fazendohistoria.org.br/blog-geral/2017/4/25/orfanatos-no-existem-entonde-moram-ento-as-crianas-abandonadas>> Acesso em 26 de agosto de 2021.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital.

PARCERIAS com empresas e marcas. Casa 1, s.d. Disponível em: <<https://www.casaum.org/como-ajudar/parceriaempresas/>>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

PARIS IS BURNING. Direção de Jennie Levingston. Estados Unidos: Miramax Films. 1990. 78 min.

PATRIOTA, C.M.M. **A FACE DA VIOLÊNCIA TRANSFÓBICA: UM ESTUDO SOBRE A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E FUNDAMENTAIS DAS PESSOAS TRANS NO BRASIL**. Trabalho de conclusão de curso da Graduação em Direito, Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba. 2018.

PATROCÍNIO, F. Uma casa para todos: a Casa 1 poderia ser um negócio de impacto? **Aupa**. 19 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://aupa.com.br/case_casa-1/>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

PEQUENO, A.C.V. Corpos em trânsito: corpos transvestigeneres e o espaço público. In **Anais...** XII Encontro de História da Arte - Os silêncios da História da Arte. Unicamp. São Paulo, 2017

Piloto. In: **POSE**. Criação de Ryan Murphy, Brad Falchuck e Steven Canals. Direção de Ryan Murphy. Estados Unidos: FX, 2018. 77 min, son., color. Temporada 1, episódio 1. Série disponível pela Netflix. Acesso em 28 de agosto de 2021.

PONTES, J.C.; SILVA, C.G. Cisnormatividade e passabilidade. In: **Periódicus**, Salvador, n. 8, v. 1, nov.2017-abr. 2018, p.396-417.

QUE HORAS ELA VOLTA?. Direção: Anna Muylaert. Produção: Globo Filmes, Gullane Filmes e África Filmes. Brasil: Paris Filmes e Pandora Filmes, 2015 (115 min). Netflix. Acesso em setembro de 2022.

RAMIREZ, G. Dismorfia corporal: o que é, sintomas e tratamento. **Tua Saúde**. Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/dismorfia>>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

RAMIREZ, G. Disforia de gênero: o que é, como identificar e o que fazer. **Tua Saúde**. Setembro, 2021. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/disforia-de-genero/>>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

RATTS, A. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006

REIS, T., [org.] **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

RELATÓRIO da Comissão Nacional de Ética do PSOL sobre o caso Indianara Siqueira vs. Casa Nuvem. Abril de 2019. Disponível em: <https://www.casanuvem.com/files/ugd/7fe41a_b6e449b7d6874bf7b9421cf1be9d24cb.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

ROLNIK, Raquel. **Para além da lei**: legislação urbanística e cidadania (São Paulo 1886-1936), 2009. Disponível em: <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2009/08/paraalemdalei.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

ROSENEIL, S. Viver e amar para lá da heteronorma: uma análise queer das relações pessoais no século XXI. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 76, p. 33-51, 2006. Tradução de João Paulo Moreira.

SANTOS, M. **Espaço do Cidadão**. 7ª. Ed. São Paulo: Editora da USP, 2007

SEDGWICK, E.K. A epistemologia do armário. In: **Cadernos pagu**, nº 28, jan-jun de 2007: 19-54.

SILVA, A.L.; SANTOS, S.M.M. “O sol não nasce para todos”: uma análise do direito à cidade para os segmentos LGBT / “*The sun does not rise for all*” an analysis of the right to city for the LGBT segment. In: **SER Social**, Brasília, v. 17, n. 37, p. 498-516, jul.-dez./2015

SILVA, C. **Arquitetura temporária de emergência**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa, 2013.

SIQUEIRA, I. Entrevista com Indianara Siqueira. [Entrevista concedida a] Julia NAIDIN. **Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia**, n. 3, 2018.

SOUZA, C.L. Os corpos LGBTI+ nos territórios segregados da cidade do Rio de Janeiro. **Anais... XIX Encontro de História da Anpuh-Rio, História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação Científica**. Rio de Janeiro, 2020.

TORQUATO, S.A. **Casa nova, vida nova**: consumo, despesas e orçamento doméstico entre moradores do PAC do Morro do Preventório. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense (UFF). 2013.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. EDUEL, 1977.

VAZ, L.F. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro. In: **Análise Social**, Quarta Série, Vol. 29, No. 127, HABITAÇÃO NA CIDADE INDUSTRIAL 1870 - 1950 (1994), pp. 581-597

VIEIRA, N.S. **O Buraco da Lacreia na Lapa carioca**: relações homoafetivas e distintas territorialidades, em um espaço de vivências LGBT. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). 2019.

VIEIRA JÚNIOR, I. Prefácio. **Partes de uma casa**. Porto Alegre, RS: TAG, 2021.

VON SMIGAY, K.E. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, v. 8, n. 11, 2002, p. 32-46.

WARNER, M. ***Fear of a queer planet: Queer politics and social theory***. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993

Welcome to my house. In: **Legendary**. Direção de Rik Reinholdtsen. Estados Unidos: HBO Max, 2020. 49 min, son., color. Temporada 1, episódio 1. Série disponível pela HBO Max. Acesso em 05 de setembro de 2021.

